



Usos e vivências de dois parques na zona Norte de Lisboa: Conexão entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande

Ana Sofia Sequeira Beles

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura Paisagista

Orientadora: Professora Doutora Sónia Talhé Azambuja

Júri:

Presidente: Doutora Maria Teresa Gomes Afonso do Paço, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja, Professora Auxiliar Convidada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

AGRADECIMENTOS

Em primeiro gostaria de prestar todo o meu agradecimento à minha orientadora Professora Doutora Sónia Talhé Azambuja, que desde logo aceitou o meu caso de estudo, por toda a orientação, ajuda e disponibilidade ao longo do último ano.

À minha mãe, irmã, avó e tio, que sempre me ajudaram ao longo da minha vida universitária, tendo sido fundamentais nesta última jornada através do seu apoio e incentivo, sobretudo nos momentos mais difíceis.

Ao meu avô, que certamente ficaria muito feliz por este momento, pois sem ele nada disto teria sido possível.

Ao Sérgio, por me ter dado a conhecer os dois parques que se viriam a tornar no meu caso de estudo, e por todo o apoio, paciência e ajuda nestes últimos meses, sem esquecer todas as opiniões e sugestões que partilhou comigo durante os nossos passeios pelos parques.

À Engenheira Teresa Vasconcelos, pela ajuda na identificação das espécies arbóreas do Parque do Vale Grande.

À Engenheira Gorete Santos, pela sua disponibilidade e ajuda, fundamentais na obtenção dos ficheiros sobre a Alta de Lisboa junto da SGAL.

À SGAL, pela disponibilidade imediata em partilhar a informação e bases cartográficas, indispensáveis para a elaboração deste trabalho.

Ao Sr. Roque, por me acompanhar nas visitas ao Parque do Vale Grande e partilhar todo o seu conhecimento comigo.

RESUMO

Ao longo dos últimos anos, a procura de espaços verdes tem vindo a aumentar em Portugal. Para maximizar o sucesso de espaços verdes no futuro foram usados como casos de estudo dois parques urbanos. Por terem realidades tão distintas, os parques escolhidos foram a Quinta das Conchas e dos Lilases (séculos XVI e XIX), com uma área de 29,2 ha, e o Parque do Vale Grande (2006), com 24 ha, situados na área abrangida pelo Plano de Urbanização do Alto do Lumiar, na zona Norte da cidade de Lisboa. Pretende-se analisar os usos e vivências destes dois parques em termos de frequência de utilização e atividades praticadas, ao longo dos diferentes períodos do dia, da semana e do ano.

Para a obtenção de dados foram utilizados métodos de investigação quantitativos e qualitativos, nomeadamente mapas comportamentais, observação participante e questionários. Os mapas comportamentais foram elaborados com dados recolhidos através de observação participante em diferentes períodos do dia, da semana e do ano, de modo a recolher informação mais diversificada e abrangente. Os questionários, dirigidos a diferentes faixas etárias, foram realizados com o propósito de obter dados relativos às atividades preferidas e hábitos dos visitantes.

Tendo em mente que os dois parques em estudo apresentam realidades muito distintas, este estudo tem como objetivos compreender os motivos desta disparidade e conectar, requalificar e dinamizar os espaços verdes da Alta de Lisboa. Deste modo, pretende-se definir uma proposta com o intuito de melhorar a qualidade destes espaços (principalmente do Parque do Vale Grande), para os transformar em espaços mais dinâmicos e aprazíveis, que promovam a inclusão social e atenuem alguns dos problemas sociais atuais. No caso particular do Parque do Vale Grande, pretende-se tirar proveito do seu potencial para se tornar num caso de sucesso, à imagem da Quinta das Conchas e dos Lilases.

Palavras-chave: Usos e Vivências, Arquitetura Paisagista, Quinta das Conchas e dos Lilases, Parque do Vale Grande, Lisboa

ABSTRACT

Over the past few years the demand for green spaces in Portugal has been increasing. To maximize the success of future green spaces, two urban parks were used as case studies. For having such different realities, the chosen parks were Quinta das Conchas e dos Lilases (16th and 19th centuries), with an area of 29.2 ha, and Parque do Vale Grande (2006), with 24 ha, both located in the area covered by the Plano de Urbanização do Alto do Lumiar, in the northern part of Lisbon. It's intended to analyze the uses and experiences of these two parks in terms of usage rate and practiced activities, throughout the different periods of the day, week and year.

To obtain data, quantitative and qualitative research methods were used, namely behavioral maps, participant observation and questionnaires. Behavioral maps were developed with data collected through participant observation at different times of the day, week, and year, in order to collect more diverse and comprehensive information. The questionnaires, addressed to different age groups, were conducted with the purpose of obtaining data regarding the preferred activities and habits of the visitors.

Bearing in mind that the two parks in study present very different realities, the objectives of this study are to understand the reasons for this disparity and connect, requalify and boost the green spaces of Alta de Lisboa. Therefore, it's intended to define a proposal with the intention of improving the quality of these spaces (mainly the quality of Parque do Vale Grande), to transform them into more dynamic and pleasant spaces that promote social inclusion and attenuate some of the current social problems. In the particular case of Parque do Vale Grande, it's intended to capitalize its potencial in order to become a success, at the image of Quinta das Conchas e dos Lilases.

Keywords: Uses and Experiences, Landscape Architecture, Quinta das Conchas e dos Lilases, Parque do Vale Grande, Lisbon

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
ÍNDICE	iv
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS	vii
ÍNDICE DE GRÁFICOS	viii
ÍNDICE DE QUADROS	viii
ÍNDICE DE ANEXOS	ix
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	ix
INTRODUÇÃO	1
Enquadramento Geral	1
Objetivos	1
Metodologia	2
1. Espaço público e parques urbanos	6
1.1 Arquitetura Paisagista e o espaço público	6
1.2 A importância dos parques urbanos	8
1.3 A relação entre espaços verdes, a saúde e a atividade física	10
1.4 A importância das experiências em espaços verdes na infância	13
1.5 Acessibilidade e Proximidade	14
1.6 Segurança e conforto do espaço público	15
2. Plano de Urbanização do Alto do Lumiar (PUAL)	17
2.1 Enquadramento histórico do PUAL	17
2.2 Do Parque das Nações à Alta de Lisboa	18
2.3 Propostas Gerais	19
2.4 Acessibilidades	20
2.5 Plano Especial de Realojamento (PER)	21
2.6 O conceito <i>Mix social</i>	23
2.7 A importância da sensibilização social	24
2.8 A criminalidade na Alta de Lisboa	25
2.9 Estrutura Verde da Alta de Lisboa	26
3. Casos de Estudo: Quinta das Conchas e dos Lilases e Parque do Vale Grande	28
3.1 Quinta das Conchas e dos Lilases	29
3.1.1 Enquadramento Histórico	29
3.1.2 Descrição Geral	32
3.1.3 Caracterização da vegetação	33
3.1.4 Sistema Hidráulico	35
3.1.5 Infraestruturas, equipamentos e mobiliário urbano	36

3.1.6 Atividades praticadas na Quinta das Conchas e dos Lilases	36
3.1.7 Análise SWOT	43
3.2 Parque do Vale Grande.....	44
3.2.1 Enquadramento Histórico	44
3.2.2 Descrição Geral	45
3.2.3 Parque Agrícola da Alta de Lisboa (PAAL)	46
3.2.4 Caracterização da vegetação.....	47
3.2.5 Sistema Hidráulico.....	47
3.2.6 Equipamentos e Infraestruturas	48
3.2.7 Atividades praticadas no Parque do Vale Grande	49
3.2.8 Análise SWOT	53
3.3 Análise comparativa entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande ...	54
4. Análise e discussão dos resultados obtidos	55
4.1 Síntese dos mapas comportamentais – Quinta das Conchas e dos Lilases	55
4.2 Síntese dos mapas comportamentais - Parque do Vale Grande.....	58
4.3 Fluxos e zonamento de atividades	60
4.3.1 Fluxos da Quinta das Conchas e dos Lilases	61
4.3.2 Fluxos do Parque do Vale Grande	61
4.3.3 Zonamento das atividades da Quinta das Conchas e dos Lilases	61
4.3.4 Zonamento das atividades do Parque do Vale Grande	62
4.4 Síntese de resultados dos questionários	63
4.4.1 Conclusão dos resultados obtidos	71
5. Proposta de conexão, dinamização e requalificação da Quinta das Conchas e dos Lilases e do Parque do Vale Grande.....	72
5.1 Divulgação dos dois parques	72
5.2 Quinta das Conchas e dos Lilases.....	74
5.3 Parque do Vale Grande.....	75
5.4 Espaço Público (Área Centro do PUAL)	77
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS.....	85

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - A evolução do uso do espaço público no século XX (Fonte: GEHL, 2009)	7
Figura 2 - Vista aérea da Alta de Lisboa, Lisboa, 2005 (Fonte: SGAL, 2005)	17
Figura 3 - Eixo Histórico da cidade de Lisboa e o seu prolongamento até à Alta de Lisboa (Fonte: SGAL, 2005)	20
Figura 4 - Hierarquia da rede rodoviária dentro do limite do PUAL (Fonte: CML, 2013)	21
Figura 5 - Mapa síntese do PUAL (Fonte: ANTUNES, 2015)	22
Figura 6 - Fotografias aéreas da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (1987 e 2001) (Fonte: IGEOE)	30
Figura 7 - Evolução do traçado da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (1899 - 2011) (Autores: BELES, Ana; MARTINHO, Ana; MARTINHO, Carolina; FREITAS, Fernando; RODRIGUES, Jenifer, 2015)	31
Figura 8 - Vista panorâmica da Quinta das Conchas, Lisboa (Fonte: Autora)	32
Figura 9 - Vista panorâmica da Quinta dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	33
Figura 10 - Alteração da vegetação do eixo central da Quinta das Conchas, Lisboa (Fonte: Autora)	34
Figura 11 - Elementos que compõem o sistema hidráulico da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	36
Figura 12 - Andar na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	37
Figura 13 - Passear com criança(s) na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora) ..	37
Figura 14 - Passear animal de estimação na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	38
Figura 15 - Atividades desportivas realizadas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	38
Figura 16 - Diferentes tipos de atividades realizadas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	39
Figura 17 - Andar de bicicleta, <i>kart</i> e trotinete na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	39
Figura 18 - Sentar, deitar e relaxar na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	40
Figura 19 - Convívio na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	40
Figura 20 - Piqueniques e festas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	40
Figura 21 - Parques infantis da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	41
Figura 22 - Esplanadas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	41
Figura 23 - Vista panorâmica do Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	45
Figura 24 - Vista aérea do terreno de implantação do Parque do Vale Grande, Lisboa, s.d. (Fonte: SGAL, 2005)	46
Figura 25 - Vistas do Parque Agrícola da Alta de Lisboa, Lisboa (Fonte: Autora)	46
Figura 26 - Elementos que compõem o sistema hidráulico do Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	48
Figura 27 - Andar no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	49
Figura 28 - Passear com criança(s) no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	49
Figura 29 - Passear animal de estimação no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	50

Figura 30 - Atividades desportivas realizadas no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)....	50
Figura 31 - Andar de bicicleta no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora).....	50
Figura 32 - Sentar, deitar e relaxar no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	51
Figura 33 - Palavras escolhidas pelos visitantes para definir a Quinta das Conchas e dos Lilases (Fonte: Autora)	70
Figura 34 - Palavras escolhidas pelos visitantes para definir o Parque do Vale Grande (Fonte: Autora)	70

ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS

Peça desenhada 01 - Atividades económicas ao nível do R/Chão
Peça desenhada 02 - Estrutura Ecológica da Alta de Lisboa
Peça desenhada 03 – Fluxos da Quinta das Conchas e dos Lilases
Peça desenhada 04 – Fluxos do Parque do Vale Grande
Peça desenhada 05a - Mapa comportamental da Quinta das Conchas e dos Lilases (Período da manhã)
Peça desenhada 05b - Mapa comportamental da Quinta das Conchas e dos Lilases (Período da tarde)
Peça desenhada 06a - Mapa comportamental do Parque do Vale Grande (Período da manhã)
Peça desenhada 06b - Mapa comportamental do Parque do Vale Grande (Período da tarde)
Peça desenhada 07 - Percursos Interpretativos da Quinta das Conchas e dos Lilases
Peça desenhada 08 - Percursos Interpretativos do Parque do Vale Grande
Peça desenhada 09 - Plano Estratégico de Intervenção da Quinta das Conchas e dos Lilases
Peça desenhada 10 - Plano Estratégico de Intervenção do Parque do Vale Grande
Peça desenhada 11 - Plano Estratégico de Intervenção da Alta de Lisboa

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução do número de espectadores do CineConchas (Fonte: CineConchas, s.d.)	42
Gráfico 2 - Distribuição dos visitantes durante o período da manhã na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	55
Gráfico 3 - Distribuição dos visitantes durante o período da tarde na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	55
Gráfico 4 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da manhã, na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	57
Gráfico 5 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da tarde, na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	57
Gráfico 6 - Distribuição dos visitantes durante o período da manhã no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	58
Gráfico 7 - Distribuição dos visitantes durante o período da tarde no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	58
Gráfico 8 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da manhã, no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	60
Gráfico 9 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da tarde, no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	60
Gráfico 10 - Frequência das visitas aos parques (Fonte: Autora)	64
Gráfico 11 - Distribuição das visitas ao longo dos diferentes períodos do dia (Fonte: Autora)	65
Gráfico 12 - Duração das visitas aos parques (Fonte: Autora)	65
Gráfico 13 - Meio de transporte utilizado na deslocação até aos parques (Fonte: Autora)	66
Gráfico 14 - Principais atividades praticadas na Quinta das Conchas e dos Lilases (Fonte: Autora)	66
Gráfico 15 - Principais atividades praticadas no Parque do Vale Grande (Fonte: Autora)	67
Gráfico 16 - Eventos pretendidos pelos visitantes (Fonte: Autora)	68
Gráfico 17 - Avaliação dos parques (Classificação média) (Fonte: Autora)	68

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Análise SWOT da Quinta das Conchas e Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)	43
Quadro 2 - Análise SWOT do Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	53
Quadro 3 - Quadro comparativo da Quinta das Conchas e dos Lilases e do Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)	54

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Questionário realizado aos visitantes dos parques	86
Anexo 2 - Projeto de remodelação da Quinta das Conchas e dos Lilases, da autoria de António Vianna Barreto (Fonte: Barreto, 2011)	89
Anexo 3 - Memória descritiva do projeto de remodelação das Quintas das Conchas e dos Lilases. António Vianna Barreto, 1980 (Fonte: Arquivo do Forte de Sacavém).....	90
Anexo 4 - Transcrição de uma carta de Viana Barreto à CML, 1982 (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego).....	94
Anexo 5 - Poster desenvolvido para o Prémio Vibeiras / Jornal Arquitecturas Jovem Arquitecto Paisagista - 12ª edição (Autores: BELES, Ana; MARTINHO, Ana; MARTINHO, Carolina; FREITAS, Fernando; RODRIGUES, Jenifer, 2015)	95
Anexo 6 - Plantas topográficas de Lisboa 9S; 9T; 9U; 10S; 10T; 10U. Pinto, Júlio António Vieira da Silva. 1906-1911. Escala original 1:1000 (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa)	96

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Av. – Avenida

AVAAL – Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa

CML – Câmara Municipal de Lisboa

CSM – Centro Social da Musgueira

ha – Hectare

JFL – Junta de Freguesia do Lumiar

JFSC – Junta de Freguesia de Santa Clara

PAAL – Parque Agrícola da Alta de Lisboa

PDM – Plano Diretor Municipal

PER - Plano Especial de Realojamento

PPS – Project for Public Spaces

PUAL – Plano de Urbanização do Alto do Lumiar

SGAL – Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

INTRODUÇÃO

Enquadramento Geral

Ao longo dos últimos anos tem-se verificado um aumento do interesse da população pelos espaços verdes da cidade de Lisboa, sendo procurados para realizar as mais diversas atividades, quer seja para andar, passear o animal de estimação, praticar exercício físico, andar de bicicleta ou conviver com os amigos. É possível usufruir de um grande número de espaços verdes um pouco por toda a cidade, quer sejam parques, jardins, vias/parques, tapadas ou alamedas. Contudo, estes espaços apresentam diversos tipos de usos e vivências, dependendo da sua dimensão, forma, estética, das acessibilidades, dos equipamentos, dos serviços disponíveis e da zona em que estão inseridos.

A zona Norte de Lisboa abrange alguns dos maiores parques urbanos da cidade, nomeadamente a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque Vale Grande. O tema da dissertação, *“Usos e vivências de dois parques na zona Norte de Lisboa: Conexão entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande”* surgiu no decorrer do dia-a-dia na Alta de Lisboa, no qual foi possível constatar a inegável diferença na frequência com que ambos os parques são usados. Este facto despertou um grande interesse não só em perceber as razões desta disparidade, como também em estudar a possibilidade da arquitetura paisagista providenciar estratégias e medidas capazes de tornar o Parque do Vale Grande num caso de sucesso equivalente ao seu potencial.

Objetivos

Através desta dissertação, pretende-se contribuir para a melhoria da qualidade dos espaços verdes da Alta de Lisboa, em particular do Parque do Vale Grande. Apesar de ter sido feito um grande investimento na Alta de Lisboa para a dotar com diferentes tipologias de espaços verdes e de recreio, estes encontram-se atualmente em mau estado de conservação estando, consequentemente, quase sempre vazios.

Relativamente aos casos de estudo, foi necessário compreender o contexto histórico, social e cultural da Quinta das Conchas e dos Lilases, do Parque do Vale Grande, e do espaço urbano em que estão inseridos, pois estes elementos são determinantes no modo como as pessoas usam os parques.

Para motivar um maior número de pessoas a usufruir de espaços verdes, e simultaneamente dar continuidade à mancha verde em meio urbano, é fundamental estabelecer uma ligação entre os diversos espaços verdes da Alta de Lisboa e os existentes nas áreas adjacentes.

Nesse sentido, pretende-se elaborar uma proposta que possa contribuir para uma possível conexão entre os dois parques urbanos em estudo, através da conexão, dinamização e requalificação dos espaços verdes e corredores verdes da Alta de Lisboa, construindo assim uma relação bilateral sustentável entre eles. Pretende-se ainda compreender o comportamento dos visitantes, quais os seus trajetos preferenciais e as atividades mais praticadas, através da metodologia adotada (mapas comportamentais, observação participante e questionários), de modo a propor medidas que

contribuam para o aumento da procura do Parque do Vale Grande tornando-o mais semelhante à Quinta das Conchas e dos Lilases, relativamente aos parâmetros da qualidade e popularidade.

Metodologia

Desde que foi desenvolvido por William Ittelson, em 1970, para estudar o comportamento num cenário específico (GOLIČNIK & THOMPSON, 2010, p. 38), o mapeamento comportamental é um método discreto de observação direta que permite registar simultaneamente a localização de uma pessoa e as atividades praticadas por ela (COSCO, MOORE & ISLAM, 2010, p. 514). O objetivo principal deste método é planejar melhorias para um determinado espaço, ou confirmar que cumpre efetivamente a função para o qual foi projetado (CANEIRA, AZAMBUJA & LISBOA, 2018, p. 623).

Em 1987, Robert B. Bechtel *et al.* reconheceu o valor do mapeamento comportamental em registar os locais precisos dos comportamentos no mapa, com o objetivo de apurar o tipo e constância dos mesmos, e demonstrar, caso exista, uma relação entre eles e o espaço em análise (GOLIČNIK & THOMPSON, 2010, p. 38). Este método objetivo de medir o uso de espaços (THOMPSON, ASPINALL & BELL, 2010, p. 34) é usado há várias décadas na tentativa de perceber a relação entre as pessoas e os lugares (GOLIČNIK & THOMPSON, 2010, p. 38).

Sendo um método inovador de recolher informação, os resultados ajudam os investigadores a perceberem as dinâmicas comportamentais de um ambiente e a interligação entre os diferentes elementos do espaço e a atividade humana (COSCO, MOORE & ISLAM, 2010, pp. 514 - 518).

Um parâmetro fundamental do mapeamento comportamental é o facto de os mapas comportamentais serem elaborados com base na observação das pessoas no local, observando-se simultaneamente as variáveis comportamentais e ambientais. Não é necessária uma observação exaustiva de todo o local mas sim apenas das áreas acessíveis que sejam mais usadas pelos visitantes (THOMPSON, ASPINALL & BELL, 2010, p. 43). É importante perceber detalhes em relação ao tempo, ao clima, à interação social (GOLIČNIK & THOMPSON, 2010, p. 39), e ao modo como estes influenciam o uso do espaço.

O mapeamento comportamental é muitas vezes usado para identificar características específicas de um espaço, como por exemplo estudar quais os equipamentos e elementos físicos de um parque que mais incentivam a prática de atividade física. A análise dos resultados deste tipo de estudos pode servir de guia para a criação de parques mais saudáveis (THOMPSON, ASPINALL & BELL, 2010, p. 61) que proporcionem condições favoráveis à prática desta atividade tão saudável. O uso inicial deste método era feito recorrendo a lápis e papel para recolher os dados obtidos (COSCO, MOORE & ISLAM, 2010, p. 514). Na verdade ainda se utiliza esse método, hoje em dia, na elaboração de mapas comportamentais, devido a ter um custo baixo e ser fácil de utilizar. Qualquer representação visual da relação entre um espaço e os seus usos é uma contribuição crucial (MARUŠIĆ, 2010, p. 48) para um melhor conhecimento desse espaço.

Sendo adaptável aos mais variados contextos e a todo o tipo de ambientes e escalas, pode gerar grandes quantidades de informação sobre os usos de um determinado espaço, e é o tipo de metodologia que pode empurrar estrategicamente a sociedade em direção a um fim comum (THOMPSON, ASPINALL & BELL, 2010, pp. 34, 39). Em conjunto com a observação participante forma um método de combinação de técnicas, muito conhecido e usado há várias décadas (MARUŠIĆ, 2010, p. 38).

Nesta investigação foi usada essa combinação de técnicas (mapas comportamentais e observação participante) para apurar características individuais dos visitantes e quais as atividades praticadas, tanto na Quinta Conchas e dos Lilases como no Parque do Vale Grande. Recorreu-se ainda a questionários, não só para aprofundar o conhecimento da relação dos visitantes com os parques, como também para conhecer os seus hábitos, preferências, e alterações desejadas:

Mapas Comportamentais

Os mapas comportamentais foram elaborados através do uso de canetas e plantas em papel de cada um dos parques, onde foi registado o local preciso onde cada visitante se encontrava, a atividade que estava a praticar, o seu género e grupo etário (criança, adolescente, adulto e idoso). De salientar, entre os dados apurados, o elevado número de atividades praticadas, tendo estas sido agrupadas em categorias. Durante a elaboração dos mapas foram ainda anotadas particularidades, como locais preferenciais de cada uma das atividades, atividades menos frequentes, e alguns padrões de comportamento.

A realização dos mapas ocorreu no período compreendido entre Fevereiro e Novembro de 2017, em vinte dias amenos e com uma temperatura média de 26°C, para que esta não influenciasse drasticamente a forma como as pessoas utilizavam os parques. Em cada um desses vinte dias (cinco em cada estação do ano) foram elaborados dois mapas comportamentais de cada parque, um no período da manhã e outro no período da tarde, perfazendo um total de oitenta mapas. O estudo foi realizado em doze dias de semana e oito de fim de semana, divididos de igual modo pelas quatro estações do ano. Os mapas comportamentais do Parque do Vale Grande foram realizados exatamente nos mesmos dias que os da Quinta das Conchas e dos Lilases para que as condições meteorológicas fossem sempre idênticas, tornando o estudo mais eficiente.

Observação participante

A observação participante é um método que permite ao investigador observar *in loco* e recolher um conjunto de dados referentes ao comportamento humano num determinado espaço, nomeadamente no que respeita a atividades individuais ou em grupo e suas dinâmicas, através dos quais se pode definir padrões e/ou um conjunto de particularidades desse mesmo espaço. Permite também aferir diversas características específicas de cada utilizador e do próprio espaço em si.

Para estudar o comportamento dos visitantes e elaborar os mapas comportamentais foram definidos alguns pontos de observação. Estes pontos apresentam poucas barreiras visuais e foram definidos de acordo com a morfologia de cada um dos parques. De salientar que os locais escolhidos não cobrem toda a área dos parques, mas apenas os locais mais frequentados ou com maior possibilidade de serem utilizados.

Estando dividida em três áreas distintas (Quinta das Conchas, Quinta dos Lilases e Mata), foram definidos nove pontos de observação na Quinta das Conchas e dos Lilases, dos quais cinco na Nave Central da Quinta das Conchas, por ser a zona mais dinâmica e com maior número de visitantes, dois na Quinta dos Lilases e dois na Mata.

No Parque do Vale Grande, que possui vegetação pouco densa e consequentemente vários locais com vista panorâmica do espaço, foram definidos seis pontos de observação.

Optou-se por uma permanência de 10 minutos em cada um dos pontos de observação da Quinta das Conchas e dos Lilases e de 15 minutos nos do Parque do Vale Grande, perfazendo, em ambos os casos, um total de 90 minutos.

Questionários

Os questionários (Anexo 1) tiveram como objetivo recolher informação relativa aos visitantes e às suas vivências em cada um dos parques em estudo, e conhecer a sua opinião acerca de possíveis alterações.

Foi realizado um total de 200 questionários, divididos de igual forma entre os dois parques. Os visitantes foram escolhidos aleatoriamente, em diferentes horários e dias da semana, no período compreendido entre Abril e Junho de 2018, para que a amostra fosse mais diversificada e abrangente. Sendo maioritariamente composto por respostas de escolha múltipla, foi prevista uma duração média de 10 minutos por questionário.

Possibilitando a aferição de um grande número de dados, estes métodos revelaram-se cruciais na execução desta dissertação que, para melhor compreensão do contexto e objetivos deste estudo, se encontra organizada em cinco capítulos, sendo eles:

Capítulo 1 – Foi realizada uma revisão bibliográfica, onde foram abordadas temáticas relativamente à importância dos espaços públicos e espaços verdes na sociedade, aos benefícios que estes proporcionam às pessoas e aos critérios e elementos que deverão conter para serem considerados espaços de qualidade. Foi ainda estudada a relevância de vários fatores como a acessibilidade, a proximidade, a segurança e a importância da equidade dos espaços verdes.

Capítulo 2 – Para se compreender melhor os parques em estudo, foi imprescindível estudar o grande projeto urbano em que estão inseridos, ou seja, o Plano de Urbanização do Alto do Lumiar. Neste sentido, são expostos vários elementos, como o enquadramento histórico, as propostas gerais, as acessibilidades e a estrutura verde do PUAL. De referir que foi igualmente importante estudar o

contexto social deste plano, nomeadamente o *mix* social que se pretende alcançar assim como a consciencialização social dos moradores e o seu contributo para o espaço público.

Capítulo 3 – Neste capítulo é realizada uma pesquisa extensiva do passado e do presente dos dois parques em estudo, sendo dadas a conhecer as suas características físicas, e expostas as suas dinâmicas, especialmente em termos de frequência de utilização, atividades praticadas e eventos realizados. Foi ainda elaborada uma análise SWOT de cada parque, essencial na elaboração da proposta, onde foram identificados os pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças dos parques.

Capítulo 4 – A partir do grande número de dados recolhidos através dos métodos de investigação utilizados (mapas comportamentais, observação participante e questionários), foi realizada a análise e discussão dos usos e vivências dos dois parques em estudo. São apresentados neste capítulo todos os dados recolhidos e resultados obtidos, tendo sido usados alguns gráficos e plantas na sua apresentação.

Capítulo 5 – A partir da análise dos dados recolhidos e dos resultados obtidos, foi elaborada uma proposta com o objetivo de contribuir para a conexão e requalificação dos espaços verdes da Alta de Lisboa. Pretende-se requalificar principalmente o Parque do Vale Grande, para o transformar num espaço tão popular e bem-sucedido como a Quinta das Conchas e dos Lilases, podendo assim contribuir ativamente no aumento da coesão social da comunidade local.

1. Espaço público e parques urbanos

1.1 Arquitetura Paisagista e o espaço público

“Eu julgo que, inegavelmente, os espaços verdes devem ser o ponto de encontro de toda a gente, de todas as idades. Há outros pontos de encontro: teatros, mercados, cafés, bares; mas creio que os espaços verdes são dos mais importantes, porque neles as pessoas encontram um ambiente natural à escala do Homem”.

(CABRAL, 2003, p. 63)

O espaço público sempre teve um lugar de destaque na sociedade. Desde os primórdios da civilização que o Homem viu este espaço como uma plataforma com múltiplas potencialidades a nível social, físico e psicológico, podendo muitas vezes assumir um carácter espiritual.

Se antes a relação entre o meio ambiente físico e a sociedade era vista como uma relação unilateral, na qual apenas o comportamento do ser humano era influenciado de maneira determinante pelo espaço circundante, esta é na realidade uma relação bilateral, em que as pessoas também têm um papel importante, na medida em que modificam, criam e influenciam o espaço (CARMONA, HEATH, OC & TIESDELL, 2003, p. 106).

David Canter (n.1944) desenvolveu a teoria do espaço (The Psychology of Place, 1977), sugerindo que a percepção que um indivíduo tem de um espaço divide-se em três componentes: os elementos físicos, as atividades realizadas, e os pensamentos, compreensão e ilações do indivíduo (THWAITES, 2001, p. 246). Independentemente do contexto cultural, das tradições ou clima, a condição humana perante o espaço público é idêntica, ou seja, na mesma medida em que o ser humano usa o espaço de inúmeras maneiras, é também ele influenciado pelas características do espaço (GEHL, 2004, p. 14).

Quanto ao espaço em si, Christian Norberg-Schulz (1926 - 2000) afirma que o espaço existencial é constituído por três elementos: centros ou lugares, caminhos ou direções, e áreas ou domínios. Os centros ou lugares são normalmente os pontos mais importantes do espaço, sendo os lugares usados como referência em relação à área circundante. Distinguem-se uns dos outros mas compõem a dinâmica estrutural do espaço. Os caminhos ou direções são a componente que dão a noção de continuidade e estabelecem a ligação entre os centros de referência, assim como assumem uma dimensão subjetiva através da ligação entre o espaço conhecido e o desconhecido. As áreas ou domínios compreendem todo o espaço restante, constituído normalmente por espaços abertos não construídos, e têm uma função unificadora, fazendo sobressair os centros e caminhos (THWAITES, 2001, pp. 251 - 252).

O facto de a ação humana interferir com o espaço está bem assente na psicologia do ambiente (THWAITES, 2001, p. 246). Se a existência de lugares, caminhos e áreas naturais que assumem, em certos casos, um carácter espiritual ou de natureza libertadora é um facto, não deixa de ser também

verdade que a esmagadora maioria dos lugares, caminhos e áreas regularmente usadas pela população são obra do ser humano. Cada vez mais existe o sentimento comum de que os espaços públicos devem ser espaços onde o bem-estar está no topo das prioridades fazendo com que os visitantes se sintam à vontade para usufruir dele com um sentimento de pertença.

A maneira como as pessoas usufruem do espaço depende do contexto socioeconômico, densidade e utilidades da área circundante (MARUŠIĆ, 2010, pp. 47 - 48), dos serviços disponíveis, das condições providenciadas, da qualidade estética, da segurança e do contexto sociocultural da zona. Depende ainda de quem usa o espaço, pois elementos como a faixa-etária e o contexto histórico-socio-cultural de cada indivíduo são definidores por excelência.

A preocupação crescente em proporcionar um ambiente urbano de grande qualidade é bem visível um pouco por todo o mundo, onde as cidades estão a criar ou recriar o seu espaço público, focando-se na dimensão humana dos mesmos. Ter espaços verdes de fácil acesso e comodidades e atrações de qualidade tem-se revelado muito importante (GEHL, 2004 p. 16; GEHL, 2009, p. 11). Tendo um carácter multidimensional (PPS, s.d., p. 1), a qualidade e sucesso de um espaço depende muito da forma e frequência de utilização.

Ao longo século XX, o espaço público perdeu algumas das suas utilidades principais, tais como mercados e pontos de encontro. Com o aumento progressivo do número de carros a levar à extinção de outras atividades sociais, deu-se uma diminuição do valor do espaço público em cidades de todo o mundo, que só mais tarde se aperceberam do desaparecimento da vida pública (Figura 1) (GEHL, 2009, p. 10).

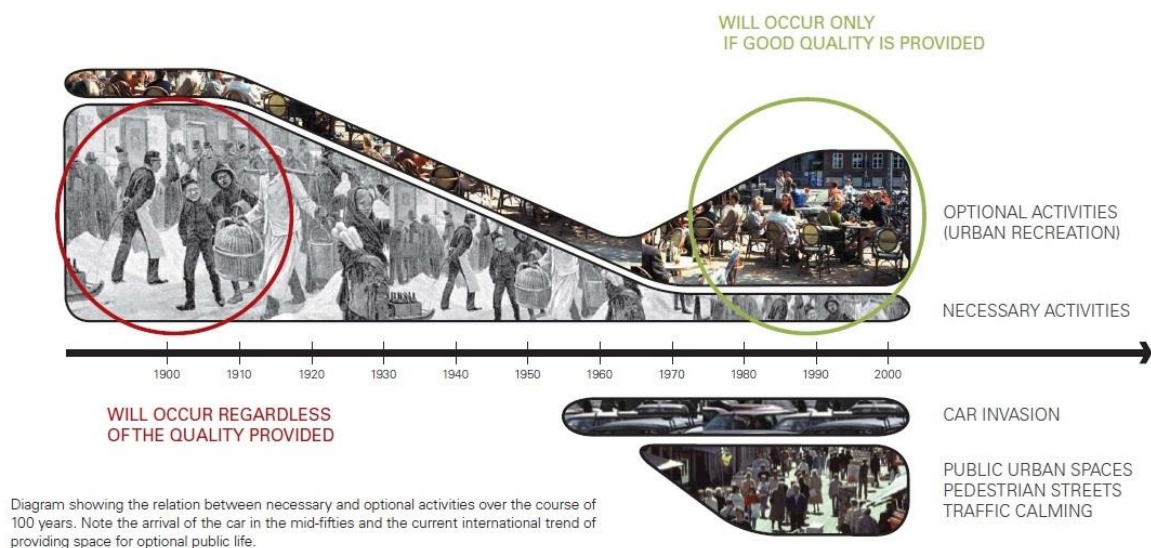


Figura 1 - A evolução do uso do espaço público no século XX (Fonte: GEHL, 2009, p. 10)

As atividades realizadas no espaço público dividem-se em três categorias: atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais. As atividades opcionais e sociais são os alicerces da qualidade de uma cidade (GEHL, 2004 p. 28) na medida em que providenciam um vasto leque de

atividades através dos quais os cidadãos beneficiam tanto em termos de saúde física, como psicológica. O que define a qualidade e a importância de um lugar é muito mais do que o seu aspeto visual, é a forma como influencia o ser humano.

Um lugar torna-se importante consoante a regularidade com que é usado, caso satisfaça necessidades específicas ou pelo seu valor físico, social e/ou cultural. Quer sejam usados por necessidade ou recreativamente, são lugares de interesse comum, muitas vezes de grande qualidade estética, com os quais um indivíduo pode criar uma ligação. No entanto, para esta ligação ser possível o ser humano precisa de ser estimulado a nível visual, físico ou psicológico, sendo atraído para usufruir de um determinado lugar. William H. Whyte (1917 - 1999) percebeu que para um lugar possibilitar conversas entre desconhecidos, terá que ter características ou atividades que motivem comentários (THWAITES, 2001, pp. 247 - 249).

Caído no esquecimento na primeira metade do século XX, o espaço público assume um hoje um papel fundamental na sociedade (GEHL, 2009, p. 10), e a integração desses espaços em meio urbano é hoje uma das grandes preocupações, tanto a nível social como ambiental (CANEIRA, AZAMBUJA & LISBOA, 2018, p. 622). Uma das condições essenciais para uma cidade ter uma vida pública muito ativa reside na qualidade dos espaços públicos existentes. Tendo inúmeras atividades e opções, as pessoas só usarão o seu tempo no espaço público se for acessível e se tiver grande qualidade (GEHL, 2009, p. 10). Tendo uma utilidade incomensurável, é usado para interligar casas, edifícios, parques, cidades, para deslocações, para comprar, vender, brincar e andar. É onde o ser humano pode expressar todas as suas emoções ou construir todo o tipo de infraestruturas. Infelizmente, por ser usado por todas as pessoas, torna-se também num foco dos problemas locais e globais (PPS, s.d., p. 1).

Os espaços de grande qualidade possuem normalmente quatro atributos fundamentais: são acessíveis e estão bem interligados a outros lugares importantes da zona; são confortáveis e transparecem uma boa imagem; têm atividades atrativas em que as pessoas querem participar; e são ambientes sociáveis em que as pessoas gostam de estar (PPS, s.d., p. 4).

1.2 A importância dos parques urbanos

Com a Revolução Industrial a provocar um rápido crescimento demográfico nas cidades da Europa e da América do Norte, no século XIX, a disponibilização de parques públicos tornou-se numa preocupação primária, de interesse nacional. Foi precisamente através da criação de um parque urbano que surgiu pela primeira vez a designação de Arquiteto Paisagista, atribuído a Frederick Law Olmsted (1822 - 1903) e Calvert B. Vaux (1824 - 1895) pelo trabalho desenvolvido no Central Park, em Nova Iorque. Com o aparecimento de novos parques urbanos na segunda metade do século XIX, houve um interesse cada vez maior pela profissão (TATE, 2015, p. 14). Considerados como uma das principais obras da arquitetura paisagista, os parques urbanos (TATE, 2015, p.14) e os espaços

verdes assumem hoje um foco de interesse especial para os arquitetos paisagistas (GOLIČNIK & THOMPSON, 2010, p. 39).

Os parques urbanos são lugares onde se podem conhecer novas pessoas e conviver, ao mesmo tempo que são, num contexto urbano, o único verdadeiro lugar onde uma pessoa se pode tornar “anónima” e ter privacidade. A sua vertente informal é o que permite este anonimato, possibilitando a qualquer visitante momentos de relaxamento em plena natureza, independentemente da sua faixa etária, classe social, tradições ou religião. Uma função crucial dos parques urbanos é serem um lugar de manifesta diversidade pessoal e cultural (THOMPSON, 2002, p. 59, 66). Todos os espaços verdes reúnem um conjunto de elementos que se traduz num determinado grau de sucesso. Na generalidade, as pessoas pensam que o facto de se projetar um espaço verde que seja agradável é uma garantia de sucesso por si só. Não sendo comum, existem espaços verdes que apresentam uma boa imagem, mas que continuam a não ter muita procura por parte da população.

Um espaço que demonstra ser confortável, possibilita a prática de múltiplas atividades e é agradável à vista, tem quase sempre uma taxa de sucesso elevada (PPS, s.d., pp. 7 - 8). Uma das maiores causas de desconforto num parque urbano é a ausência de lugares para sentar, que pode provocar facilmente o declínio de um espaço verde urbano. A variedade de locais para sentar, ao sol, à sombra, numa esplanada, no chão ou em bancos, é uma das características de um parque urbano com qualidade. Quanto mais atividades possam ser praticadas mais pessoas vão querer usufruir dele. Em sentido inverso, um parque onde o número de atividades possíveis seja bastante limitado terá bastante dificuldade em atrair o interesse de novos visitantes (PPS, s.d., pp. 7 -8).

As pessoas têm cada vez mais a necessidade, principalmente em meio urbano, de se afastarem da vida ativa para relaxar e recuperar em espaços exteriores naturais (THWAITES, 2001, p. 248) em que a vegetação proporciona uma vista agradável e contribui para a limpeza do ar e atenuar o ruído (MOUDON, s.d., p. 32). Determinados ambientes naturais são particularmente eficazes em despoletar sensações de prazer, promovendo o envolvimento das pessoas com o ambiente. A investigação demonstra que há muitos aspetos dos espaços verdes exteriores, como bons caminhos, vegetação e a oportunidade de conhecer pessoas, que são considerados bastante atrativos, independentemente da idade (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. 33 - 35).

O Homem tem, e sempre teve, um carácter social, ansiando o contacto com a natureza e com outras pessoas (THOMPSON, 2002, p. 68). A sociabilidade é não só a qualidade mais importante que um espaço pode ter, como é também a mais difícil de alcançar. Um espaço sociável é aquele onde as pessoas se encontram e convivem com os seus amigos e/ou familiares, ao mesmo tempo que se sentem à vontade para interagir com desconhecidos (PPS, s.d., p. 9), sendo que a atividade mais associada ao contacto humano é andar. Neste contexto, os parques urbanos têm um papel de destaque no desenvolvimento de interações sociais e de amizades, pois são espaços abertos

exteriores que podem ajudar a manter e aumentar redes sociais (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p.1945, 1948).

Um estudo sobre os parques americanos concluiu que os parques são muitas vezes vistos como um paraíso ou um refúgio da vida agitada, contendo um simbolismo há muito enraizado na nossa psique e nas histórias da antiguidade (THOMPSON, 2002, p.66). A relação do Homem com o espaço existe desde sempre, tanto a nível físico como psicológico. Essa relação depende sempre de certos fatores, como por exemplo a qualidade estética, as experiências vividas e a reputação de um determinado espaço na sociedade.

Qualquer espaço tem que estar adaptado à maneira como funciona a nossa mente, ou seja, à maneira como percebemos, imaginamos e sentimos (LYNCH & HACK, 1984, p. 72). Não é de admirar que para muitas pessoas, o mundo livre do parque público é um lugar onde perdura o conceito do “jardim original”, e respetiva inocência e autonomia, e onde o próprio contacto com a natureza pode atingir uma dimensão metafísica ou espiritual (THOMPSON, 2002, p. 65), levando mesmo, por vezes, à dependência humana (THWAITES, 2001, p. 246). É por esse motivo que quando acontece um crime num parque toma um valor de proporções chocantes aos olhos dos cidadãos, quando comparado, por exemplo, com crimes idênticos nas ruas adjacentes (THOMPSON, 2002, pp. 65 - 66).

O *Genius loci*, termo latino que significa “espírito do lugar”, assume que cada lugar possui uma essência pré-existente inerente a ele próprio. Estudos antropológicos chegaram à conclusão que os lugares são sustentados pelo poder da comunicação, e sendo suportados pelas pessoas, podem ser consolidados através de atividades de grupo e convívio ativo. O facto de as pessoas falarem muito de um lugar pode tornar esse lugar bastante conhecido e frequentado. Por outro lado, se as pessoas falarem mal de um lugar, ou não falarem dele de todo, esse lugar cairá provavelmente no declínio. Ou seja, de certa maneira um lugar é a sua reputação na sociedade (THWAITES, 2001, p. 246).

1.3 A relação entre espaços verdes, a saúde e a atividade física

A saúde é e sempre foi uma preocupação inerente ao ser humano. Com a evolução da humanidade, essa preocupação foi ganhando relevância, e se no passado a falta de conhecimento condicionou, de certa forma, a qualidade da saúde humana perante situações adversas, com a chegada da era da informação, nunca as pessoas deram tanta importância a este tema.

Há muitos anos que a influência positiva da atividade física na saúde é uma realidade global, tendo sido feitos esforços recentemente no sentido de melhorar a saúde e qualidade de vida, como fica patente na decisão de estipular níveis recomendados desta atividade física em vários países (THOMPSON, 2013, p. 80). Esta medida visa tentar contrariar o sedentarismo verificado nos dias de hoje. Sendo que os benefícios físicos e psicológicos da atividade física são hoje do conhecimento

comum (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p. 1945), é preocupante o facto de grande parte da população dos países desenvolvidos não a realizar regularmente.

Nos espaços verdes urbanos, como parques e jardins, a atividade recreativa principal é andar, seguida pelo *jogging* e ciclismo (ALMEIDA, 2006, p. 99). Tendo em conta que para andar não é preciso treino ou aptidões, esta atividade pode ser praticada por todas as pessoas, independentemente da idade ou classe social. A criação de espaços atrativos que permitam e facilitem a prática desta atividade pode trazer efeitos positivos em relação à saúde da população (THOMPSON, 2013, p. 80).

Se uma das preocupações dos governos em relação à saúde pública é aumentar os níveis de atividade física da população, a área com maior potencial é sem dúvida alguma andar recreativamente. Pesquisas mostram que a qualidade estética dos espaços abertos pode ter um papel fulcral de incentivo a esta prática servindo de catalisador visual e psicológico (THOMPSON, 2013, p. 92).

Tendo em conta que as evidências apontam para que (quase) todas as pessoas tenham maior pré-disposição para andar recreativamente ao ar livre em relação a fazê-lo no interior de edifícios, a qualidade de espaços exteriores abertos, a sua beleza e tipos de obstáculos, tem uma importância relevante (THOMPSON, 2013, p. 93). Andar por recreação parece estar, acima de tudo, ligado às características estéticas da experiência, sendo que os lugares mais procurados são espaços abertos, de preferência em ambientes naturais, onde a qualidade da paisagem parece incentivar a prática de atividade física (THOMPSON, 2013, pp. 86 - 87).

Com o interesse nos benefícios de saúde dos espaços naturais a aumentar (THOMPSON, ASPINALL & BELL, 2010, p. 230), pesquisas mostraram a relevância dos efeitos reparadores do contacto com a natureza, principalmente a nível psicológico, obtidos através do contacto visual ou de atividades recreativas (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p. 1946). O desejo de contactar com a natureza é intrínseca aos valores sociais e culturais do Homem (THOMPSON, 2002, p. 59) e, se um grande número de estudos demonstrou que existe uma forte ligação entre a natureza e a saúde e o bem-estar do ser humano (ALMEIDA, 2006, p. 98), também tem sido mostrado que o acesso à natureza apresenta grandes benefícios psicológicos, como o alívio do *stress* (THOMPSON *et al.*, 2008, p. 112) e físicos, como a redução e restauração da fadiga muscular. Estudos relativos à existência, ou não, de alguma diferença entre os benefícios psicológicos e os físicos indicam que a saúde psicológica apresenta benefícios maiores quando comparada com a saúde física (THOMPSON, 2013, p. 82, 87).

É, no entanto, preciso ter em mente que estes benefícios não são mensuráveis qualitativamente e/ou quantitativamente, até à data. Existe a ambição de que com a evolução da mentalidade humana, da tecnologia, da informação e da comunicação, sejam feitos avanços consideráveis nesta área tão delicada quanto importante para o futuro da humanidade.

Pesquisas mostraram que a prática regular de atividade física tem benefícios substanciais na saúde e funcionamento dos idosos, e que um estilo de vida fisicamente ativo minimiza as mudanças fisiológicas associadas ao envelhecimento, ajudando a retardar ou prevenir a maioria das doenças crônicas, como doenças cardiovasculares, diabetes, artrite e osteoporose (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p. 1944). Também foi demonstrado que tais benefícios ajudam a reduzir a possibilidade de queda, que é, hoje em dia, uma das maiores causas de inaptidão na velhice. A prática regular de atividade física contribui, portanto, para um estilo de vida mais independente nos idosos (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p. 1945). Um estudo no Japão investigou a relação entre a longevidade dos idosos e a existência de espaços verdes nas proximidades onde eles possam andar, concluindo que os que residem em áreas com muitos espaços verdes vivem mais anos (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p. 1946). Embora os idosos gostem bastante de sair de casa e usufruir dos espaços verdes naturais que se encontrem nas proximidades, a realidade é que, com o decorrer dos anos, deparam-se cada vez mais com novas barreiras e desafios (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. 32).

Existem alguns espaços verdes que foram projetados dando mais ênfase à forma do que à funcionalidade, o que faz com que muitos deles não deem resposta às verdadeiras necessidades dos visitantes, nem às especificidades características de cada faixa etária. No caso particular dos idosos, é essencial a existência de mobiliário urbano confortável um pouco por todo parque, e que os pavimentos sejam regulares e pouco declivosos, pois só assim se sentirão seguros e terão motivação para permanecer mais tempo nos espaços verdes. É ainda essencial providenciar condições propícias também para os idosos e não apenas para as crianças, adolescentes e adultos.

Foram vários os arquitetos paisagistas que se debruçaram sobre o tema dos benefícios psicológicos do acesso à natureza dentro de uma cidade, tendo sido sugerido que a falha em proporcionar a possibilidade de alívio natural em meio urbano teria custos substanciais na saúde dos cidadãos a longo prazo (THOMPSON, 2002, p. 65). Um estudo na Holanda mostrou que nos bairros onde existem espaços verdes, as pessoas eram mais saudáveis do que nos bairros desprovidos de ambientes naturais (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p. 1946). Outros dois estudos concluíram que espaços verdes de bairro trazem vantagens ao nível da saúde dos moradores (SUGIYAMA & THOMPSON, 2007, p. 1946).

Neste contexto, os parques urbanos e espaços verdes em geral desempenham hoje um papel crucial na qualidade das cidades. Uma cidade com um grande número de parques e espaços verdes, equitativamente distribuídos pelas zonas residenciais, tem uma grande probabilidade de ser considerada uma cidade com qualidade de vida superior, atrativa e agradável, onde o sentimento de bem-estar é comum. Sabendo que as pessoas que frequentam espaços públicos de qualidade, em especial espaços verdes, apresentam grandes benefícios ao nível da redução do *stress* e da saúde em geral, é extremamente importante proporcionar e facilitar o uso destes espaços a toda a população, independentemente da idade, classe social, religião ou contexto cultural.

O parque do século XIX foi projetado como *“a kind of democracy, where the poor, the rich, the mechanic, the merchant and the man of letters, mingle on a footing of perfect equality”* (Schuyler, 1986, cit. por Thompson, 2002, p. 60). Nessa época, o parque era visto como um lugar democrático e um meio de unificar uma nação (THOMPSON, 2002, p. 60). Tendo em consideração que a relação entre a saúde pública e a disponibilização de acesso livre a espaços verdes abertos, principalmente em meio urbano, é óbvia para a maioria das pessoas, é fundamental possibilitar o acesso de pessoas de todas as idades e classes sociais a estes ambientes, ricos em oportunidades e em contributos para o desenvolvimento pessoal, para o bem-estar e para a saúde em geral. Sendo esta uma necessidade pública que a sociedade não pode ignorar, criar bons acessos a ambientes naturais é uma via de progresso vital da humanidade (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, pp. 11, 36). Richard Rogers (n. 1933) sugere que nós criemos *“...beautiful places (in our towns and cities) that are socially cohesive, avoiding disparity of opportunity and promoting equity and social solidarity”* (ROGERS, 1999, cit. por THOMPSON, 2002, p. 60). Hoje em dia, um dos pilares da democracia e da equidade social é o acesso inclusivo a espaços públicos de grande qualidade como parques urbanos, cuja influência na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos é sobejamente conhecida (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. XVII). A equidade de acesso a estes ambientes é, sem margem para dúvidas, um elemento chave da sustentabilidade do ser humano (THOMPSON, 2013, p. 80).

1.4 A importância das experiências em espaços verdes na infância

“Our research suggests that health concerns about the lack of physical activity and levels of mental stress and depression prevalent in adults today need to take into account the role of childhood experience in relation to outdoor and natural environments.”

(THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. 29)

O acesso fácil e gratuito a espaços exteriores agradáveis e multifacetados parece ter um impacto deveras positivo nas crianças. Entre os benefícios encontram-se o desenvolvimento e bem-estar físico, a saúde psicológica e emocional e o desenvolvimento social. Foram ainda identificados benefícios a longo prazo como maior estabilidade emocional e uma envolvimento mais ativa com os ambientes exteriores (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. 36).

Para as crianças, o envolvimento lúdico com a natureza e com os espaços abertos tem uma grande influência na maneira como se vão envolver com estes espaços no futuro (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. 36). Um estudo levado a cabo em Inglaterra e na Escócia sugere que existe uma relação direta entre o uso de espaços verdes em criança e o uso de espaços verdes na idade adulta. No caso da Escócia, as pessoas que andaram em áreas florestais pelo menos uma vez por semana em crianças são as que mais facilmente o fazem sozinhas em adultas. Em relação ao caso de Inglaterra, as pessoas que visitaram espaços verdes pelo menos uma vez por semana em crianças são as que mais frequentam espaços verdes, que se encontrem dentro de uma distância andável, na idade adulta. Em ambos os casos, apenas as pessoas que frequentaram regularmente espaços verdes em

criança se sentem mais entusiasmadas com a ideia de o fazer na idade adulta, chegando mesmo a considerar esses espaços como mágicos e espirituais (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. 29).

1.5 Acessibilidade e Proximidade

Diariamente, as pessoas veem-se obrigadas a realizar diversas deslocações, quer seja em trabalho, para levar as crianças até à escola, ou por lazer. A maioria das pessoas perde tanto tempo em deslocações diárias necessárias que acaba por não estar disposta a perder o seu tempo livre em deslocações para atividades recreativas, quer seja ir a um parque, ao cinema ou à praia. Deste modo, a acessibilidade e a proximidade são dois fatores decisivos na utilização do espaço público, onde se incluem os parques urbanos.

Acessibilidade

“Access is the prerequisite to using any space. Without the ability to enter or to move within it, to receive and transmit information or goods, space is of no value.”

(LYNCH & HACK, 1984, p. 193)

Um espaço é acessível se nos conseguirmos deslocar até ele a pé ou, em meio urbano, através de transportes públicos, se tiver estacionamento com uma dimensão apropriada e se for fácil de entrar. As acessibilidades, facilidade de entrada e mobilidade interior são características essenciais de um espaço público de grande qualidade (PPS, s.d., p. 6).

É possível aferir a acessibilidade de um espaço observando a sua interligação com a área circundante. Em relação às acessibilidades interiores, num espaço de grande qualidade a visão é desafiada e é possível aceder facilmente aos diferentes pontos de interesse (PPS, s.d., p. 6).

Proximidade

Os espaços exteriores que a maioria das pessoas usa diariamente situam-se principalmente perto da sua casa, escola ou local de trabalho (THOMPSON & TRAVLOU, 2007, p. 23). Foi descoberto, através de um estudo australiano sobre a atratividade, tamanho e proximidade de espaços abertos de bairro, que a distância a que as pessoas estão de um parque atrativo é fulcral na decisão de se deslocarem, ou não, até ele para andarem recreativamente (THOMPSON, 2013, p. 87).

Todos os questionários acerca do uso de parques urbanos indicam que a maioria das pessoas se desloca a pé e que só o fará de maneira regular caso o parque esteja a uma distância igual ou inferior a 5 minutos da sua casa ou local de trabalho (THOMPSON, 2002, p. 61). No entanto, a proximidade de um parque é menos importante do que o facto de existir, ou não, um parque de grande qualidade dentro de um raio andável, com uma distância estipulada de 1.6 km (cerca de 20 minutos). Parques de maiores dimensões permitem a realização de um número maior de atividades e oferecem mais e melhores infraestruturas, fazendo com que se tornem mais atrativos do que espaços verdes mais pequenos (THOMPSON, 2013, p. 87).

No final de contas, as pessoas que sentem maior necessidade de aceder a parques públicos e de conviver num ambiente exterior seguro serão talvez aquelas com menor mobilidade, quer seja por causa da idade, da situação económica, da falta de transporte ou da distância, entre outros, daí a importância de proporcionar bons acessos e meios de transporte para espaços exteriores agradáveis (THOMPSON, 2002, p. 61).

1.6 Segurança e conforto do espaço público

É inerente à natureza do ser humano o desejo de socializar e estar em ambientes exteriores, normalmente espaços abertos, onde pode expressar todas as suas emoções e ter um sentimento de pertença de comunidade. Tendo isto em consideração, a importância de ter um espaço público de qualidade é um dos grandes objetivos das sociedades no presente, assim como certamente o continuará a ser no futuro. Estes espaços verdes possibilitam várias formas de convívio e são bastante procurados pelas pessoas para atividades de grupo, principalmente por existir um sentimento de segurança onnipresente.

Fatores como a segurança e a atração estão no topo das preferências em relação a parques e espaços verdes em geral (THOMPSON, ASPINALL & BELL, 2010, p. 245). Parques urbanos que apresentam uma boa manutenção, têm uma vista interior desafogada e demonstram ser confortáveis são normalmente espaços seguros para as pessoas visitarem e praticarem todo o tipo de atividades. Parques com uma fraca manutenção, que se encontram habitualmente vazios ou cuja zona não justifique policiamento podem apresentar uma realidade contrária (MARUŠIĆ, 2010, p. 48). Sendo assim, uma boa manutenção de um lugar é tao importante como a sua forma inicial (LYNCH & HACK, 1984, p. 183).

A falta de zonas de sombra e/ou de equipamentos e ainda o tipo de pavimentos são elementos causadores de sensação de desconforto, podendo mesmo ser determinantes na maior ou menor utilização de um espaço verde urbano (MARTINHO, 2013, p. 68). Outro fator importante é o limite do espaço. Uma rua de cafés e bares em cadeia, por exemplo, é um caminho mais seguro e aliciante do que um grande terreno vazio (PPS, s.d., p. 6). Um espaço aberto muito movimentado com boa qualidade estética vai ser sempre considerado mais atraente que um espaço visualmente pouco apelativo e sem movimento. Sendo a segurança um dos fatores essenciais da utilização de parques urbanos, a maioria dos visitantes sente-se mais seguro quando se encontra inserido num grupo.

A verdade é que as pessoas não se sentem tão seguras e confiantes em visitar espaços abertos sozinhas podendo este ser um sério inibidor de praticar atividades ao ar livre que tantos benefícios trazem a todos os níveis (THOMPSON *et al.*, 2008, p. 138).

Estudos revelaram que as mulheres se sentem mais inseguras em espaços com vegetação densa e com visão obstruída quando comparadas com os homens, acabando por não usar estes espaços, ou tentar ir acompanhadas por familiares ou amigos para não estarem sozinhas (THOMPSON *et al.*, 2008, p. 113).

Embora investigações tenham demonstrado existir um sentimento comum de insegurança em espaços abertos, as evidências mostram que a biofilia, o bem-estar e as sensações positivas proporcionadas por espaços verdes acabam por ter um peso maior na decisão de visitar esses espaços (THOMPSON, ASPINALL & BELL, 2010, p. 251). Neste sentido, para que um espaço se torne mais atrativo e agradável, é fundamental tomar medidas que vão ao encontro das necessidades e desejos dos visitantes, assim como proporcionar espaços de qualidade que promovam uma maior sensação de segurança e conforto, aumentando a qualidade de vida da população.

2. Plano de Urbanização do Alto do Lumiar (PUAL)

O PUAL insere-se na Região/NUT II, no município de Lisboa, mais concretamente no Alto do Lumiar, abrangendo as freguesias do Lumiar e de Santa Clara, tendo esta última sido formada pela fusão das antigas freguesias da Ameixoeira e da Charneca (Figura 2).

Os limites da área de intervenção do PUAL foram definidos de acordo com a rede viária existente e prevista na zona envolvente, confinada a Norte pelo limite do Concelho de Lisboa, a Sul pela Segunda Circular, a Este pelo Aeroporto Internacional de Lisboa e a Oeste pela Alameda das Linhas de Torres e pelo Eixo Norte/Sul (CML, 2013, p. 107).



Figura 2 - Vista aérea da Alta de Lisboa, Lisboa, 2005 (Fonte: SGAL, 2005, p. 16)

2.1 Enquadramento histórico do PUAL

A ocupação humana desta área remonta ao período pré-histórico, tendo sido encontrados vestígios dos períodos Paleolítico, Neolítico e Calcolítico, e foi contínua até aos dias de hoje. Durante a época medieval, os nobres desenvolveram a atividade agrícola e a atividade pastoril, típicas da sociedade feudal (SGAL, 2005, pp. 17 - 21), que viriam a marcar a paisagem da zona Norte da cidade.

Até 1950, este território era marcado pela presença de quintas, terrenos agrícolas e extensas zonas de mata, começando a aparecer nessa altura as primeiras habitações precárias, que se viriam a tornar em pequenos núcleos urbanos, surgindo assim os bairros da Musgueira Norte e Sul, o Bairro das Calvanas e o Bairro da Cruz Vermelha, entre outros. Na década seguinte, após a conclusão do Aeroporto Internacional de Lisboa e da Segunda Circular, esta área viu-se confinada por estas duas novas barreiras antrópicas, que muito contribuíram para o seu isolamento. Ao longo dos anos 70 e 80 do século XX estes bairros, sendo bastante procurados por pessoas vindas de outros espaços rurais mais periféricos com piores condições de vida e por pessoas provenientes dos Países Africanos de

Língua Oficial Portuguesa, foram crescendo progressivamente, atingindo uma dimensão considerável. Grande parte destes terrenos foram adquiridos pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) na segunda metade do século XX, assentando nos princípios da edilidade pública, onde se pretendia assegurar a expansão da cidade sobre terrenos públicos (CORREIA, 2013, pp. 9 - 10).

Em 1984 foi estabelecida uma parceria entre a CML e um conjunto de entidades privadas, no seguimento de um concurso público internacional (1982), com o objetivo de transformar e reordenar a zona Norte de Lisboa (CORREIA, 2013, p. 27), dando origem à área atualmente designada por Alta de Lisboa. Este projeto previa a extinção dos bairros clandestinos existentes nessa zona da cidade e simultaneamente dar resposta à crescente procura de habitação dentro da cidade de Lisboa.

Em 1985 foi aprovado o Plano Geral de Urbanização do Alto do Lumiar, que deu origem ao PUAL. Embora tenha sido uma iniciativa da CML, a sua execução ficou a cargo da Sociedade Gestora da Alta de Lisboa (SGAL). O plano baseou-se no conceito designado por “Novo Urbanismo” e foi elaborado pelo arquiteto Eduardo Leira, segundo os termos do Decreto-Lei n.º 69/90, de 2 Março, aprovado pela Assembleia Municipal a 18 de Julho de 1996 e homologado em reunião de Conselho de Ministros a 24 de Setembro de 1998. Com início em finais dos anos 80 e executado ao longo da década seguinte, a CML considerou necessário proceder a uma monitorização, reavaliação e posterior alteração do PUAL, assentando em novos conceitos e estratégias políticas entretanto desenvolvidas. Assim, em 2012 foi aprovada a alteração do PUAL, tendo por base a monitorização e reavaliação do período decorrido entre 1998 e 2008, sendo o plano atualmente em vigor (CORREIA, 2013, p. 27; CML, 2018, p. 44; CAMELO, 2013).

2.2 Do Parque das Nações à Alta de Lisboa

Este projeto, que se estende da freguesia do Lumiar até à de Santa Clara, ocupa uma superfície de aproximadamente 382 ha (CML, 2018, p. 44), tornando-se assim no segundo maior projeto urbanístico planeado e executado de raiz, a seguir ao atual Parque das Nações, que ocupa uma área de cerca de 415 ha (CORREIA, 2013, p. 28; CML, 2018). Estas duas grandes áreas, integradas no Plano Estratégico e no Plano Diretor Municipal (PDM) de Lisboa, tiveram um passado semelhante, pois eram ambas áreas periféricas do núcleo urbano consolidado, que se encontravam bastante degradadas e cuja acessibilidade era limitada, estando restringida aos antigos caminhos rurais (SGAL, 2005, p. 43).

Estes grandes projetos tiveram origem na mesma época, em que se pretendia uma requalificação urbana assente em estratégias de planeamento urbano idênticas, tendo como objetivo primordial a criação de uma nova centralidade. Daí as semelhanças entre o modelo conceptual adotado na Alta de Lisboa e o modelo de conceção urbana aplicado no Parque das Nações. No entanto, enquanto o Parque das Nações teve um grau de implementação relativamente rápido, o projeto da Alta de Lisboa sofreu alguns atrasos relevantes (CORREIA, 2013, p. 99). A conclusão deste último estava prevista para 2015, mas a instabilidade social provocada por moradores locais, entre outros fatores, teve um

efeito negativo na procura, facto comprovado pela baixa taxa de comercialização dos complexos habitacionais de venda livre (CAMELO, 2013). Segundo o mais recente contrato estabelecido entre a CML e a SGAL, a conclusão do PUAL está agora prevista para 2030, sendo que a sua comercialização decorrerá até 2035 (CML, 2018).

2.3 Propostas Gerais

O PUAL, vulgarmente conhecido por Alta de Lisboa, foi definido como “*uma cidade dentro da cidade*”, onde estão previstos 2.500.000 m² de construção, 60.000 residentes (11.000 realojados), 4 estações de metro, 3 parques urbanos, 70 ha de áreas ajardinadas, 20 recintos polidesportivos, assim como todo um conjunto de equipamentos, infraestruturas, serviços e comércio, fundamentais para o desenvolvimento próspero de uma nova área habitacional (SGAL, 2005, p. 8).

As principais propostas visadas no PUAL são:

- A criação do Eixo Central, dividido em três lanços retilíneos intercalados por rotundas, capaz de dar resposta a grandes volumes de tráfego. O primeiro lanço, já concluído, foi projetado para ser uma via/parque, e é composto por uma zona central de relvado e por passeios ladeados por alinhamentos de *Platanus sp.*. Atualmente, o lanço central encontra-se construído até à interceção com a Avenida Nuno Krus Abecassis. Este terá um comprimento total de 1,5 Km e a mesma continuidade ecológica e paisagística que o lanço anterior. O lanço final será o mais pequeno e terá como objetivo estabelecer a ligação com a periferia;
- Privilegiar a rua como elemento central e estruturante do espaço público;
- Apostar na diversidade e multifuncionalidade de usos e atividades;
- Criar uma rede de serviços e equipamentos, capaz de dar resposta às exigências desta nova área urbana, assim como um sistema de espaços verdes, fortemente hierarquizado;
- Extinguir todos os vestígios da anterior ocupação (bairros clandestinos), que em muito contribuiu para a degradação do território (CML, 2013, p. 107; SGAL, 2005, p. 46).

O Eixo Central foi projetado com o objetivo dar continuidade ao Eixo Histórico (Figura 3), estabelecendo a ligação entre o centro histórico e a zona Norte da cidade. O Eixo Histórico inicia-se na Baixa Pombalina, prolongando-se pela Av. da Liberdade, Av. Fontes Pereira de Melo e Av. da República até ao Campo Grande (SGAL, 2005, pp. 43, 45). Um dos grandes desafios do PUAL é estabelecer a ligação entre o Eixo Central e o Campo Grande. Nesse sentido, a área abrangida pela Operação de Reabilitação Urbana (ORU) Campo Grande-Calvanas têm uma enorme importância estratégica para a cidade, pois nessa área está prevista a criação de um eixo designado por Campo Novo, que permitirá prolongar o Eixo Histórico até à Alta de Lisboa. Nesse sentido, para que seja possível estabelecer a ligação da zona Norte com a restante cidade, será necessário revolver a situação da zona do nó das Calvanas e a do eixo rodoviário Campo Grande - Entrecampos, assim como remodelar as áreas habitacionais existentes em ambos os lados da Segunda Circular (CML, 2018, p. 14; SGAL, 2005, pp. 43 - 44; ANTUNES, 2015).

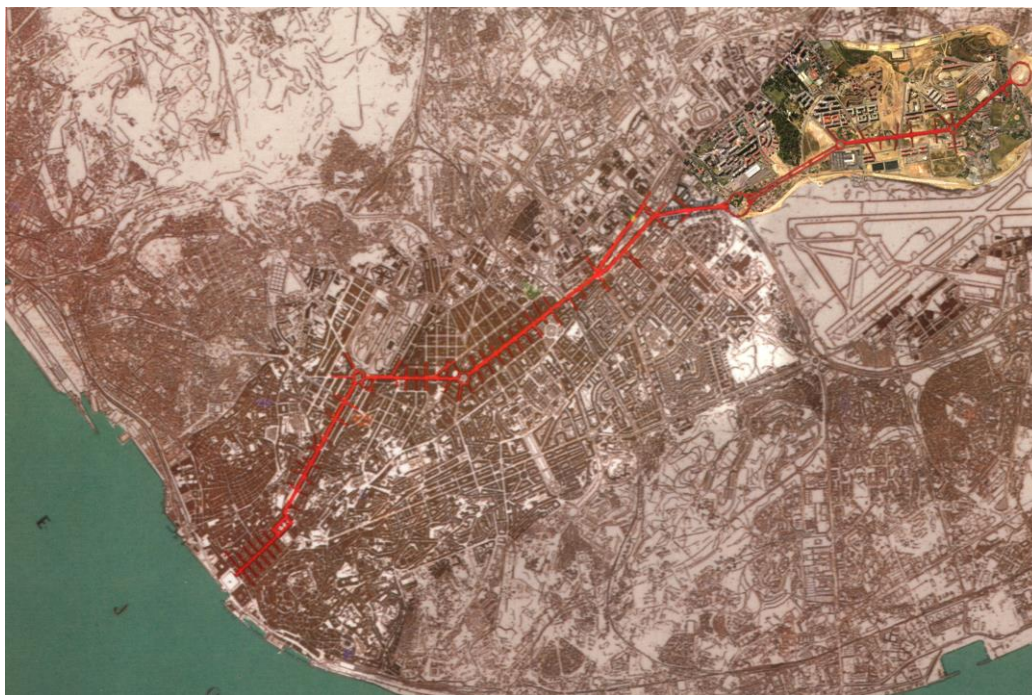


Figura 3 - Eixo Histórico da cidade de Lisboa e o seu prolongamento até à Alta de Lisboa
(Fonte: SGAL, 2005, p. 42)

A realização das ações previstas na Operação de Reabilitação Urbana Campo Grande-Calvanas tem uma duração prevista de oito anos, no entanto, este prazo poderá ser prolongado (CML, 2018, p. 108).

2.4 Acessibilidades

A hierarquia prevista para a rede viária do PUAL foi estipulada de acordo com a hierarquia estabelecida na 1ª Revisão do PDM de Lisboa, em vigor. Visto o IP7 (Eixo Norte-Sul) se encontrar fora dos limites do PUAL, as vias de 1º nível do PUAL correspondem às de 2º nível do PDM, e assim sucessivamente até ao 4º nível do PUAL, que corresponde ao 5º nível do PDM (CML, 2013, p. 201).

Assim, o sistema rodoviário do PUAL (Figura 4) encontra-se organizado da seguinte forma:

- **Rede de Distribuição Principal** (1º nível) - Correspondente à Av. Santos e Castro, esta rede assegura a distribuição dos fluxos de tráfego mais intensos e possibilita o acesso aos percursos intermédios e à rede estruturante;
- **Rede de Distribuição Secundária** (2º nível) - Sendo composta por vias internas, nomeadamente pelo Eixo Central e pelas diversas avenidas do PUAL, assegura o acesso às vias de nível inferior e às vias de nível superior;
- **Rede de Distribuição Local ou rede de proximidade** (3º nível) - Esta rede compreende as vias estruturantes ao nível dos Bairros, e faz a ligação à rede de acesso local;
- **Rede de Acesso Local ou rede de bairro** (4º nível) - A Rede de Acesso Local permite o acesso às diversas áreas residenciais e comerciais (CML, 2013, p. 201).

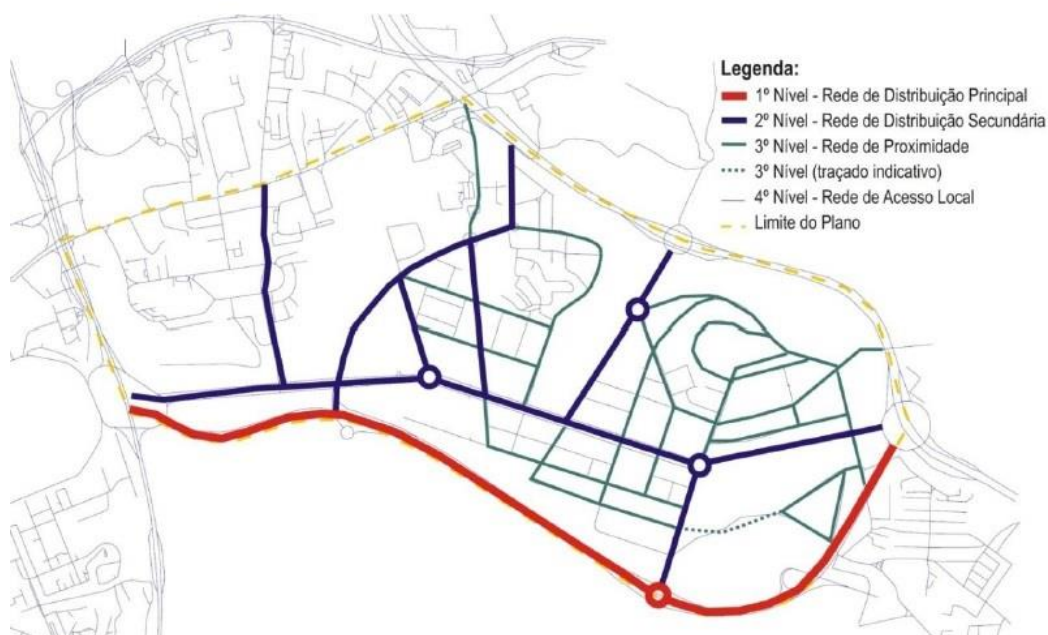


Figura 4 - Hierarquia da rede rodoviária dentro do limite do PUAL
(Fonte: CML, 2013, p. 202)

2.5 Plano Especial de Realojamento (PER)

Em 1993, através da criação do PER, aprovado pelo Decreto-Lei nº.163/93, de 7 de Maio, e de apoios financeiros destinados à construção de habitações de realojamento para as famílias residentes nos bairros clandestinos, foi dado o primeiro passo na erradicação das barracas existentes nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto (Portal da Habitação, 2016).

A área do PUAL foi uma das áreas abrangidas pelo PER, fazendo com que as áreas edificadas se encontrem divididas em dois tipos de construção: a habitação de realojamento, onde está previsto o realojamento dos moradores dos bairros clandestinos aí existentes, e habitação de venda livre, destinada a novos residentes (Figura 5) (CORREIA, 2013, p. 27).

A maioria dos realojamentos ocorreu nos anos de 2000 e 2001, tendo sido abrangidas por este programa cerca de 11.000 pessoas. As famílias realojadas caracterizam-se por serem relativamente jovens quando comparadas com as outras famílias da cidade de Lisboa, tendo, respetivamente, uma média de 3,4 e 2,4 indivíduos por agregado familiar. (CANCELA, 2014, p. 107).

Apesar de terem ficado bastante satisfeitos com as novas habitações, a maioria dos moradores realojados sentiu uma grande dificuldade na adaptação ao novo espaço habitacional. Este fenómeno é designado por “sentimento de pertença”, e reflete-se no modo como os moradores se apoderam do espaço público e das suas estruturas (CSM e Gebalis EEM, 2011). A questão do realojamento é muito mais que “mudar as pessoas de lugar”, tendo existido fatores de ordem sociocultural que acabaram por originar conflitos e instabilidades nestas novas áreas habitacionais, como por exemplo as relações de vizinhança que não foram tidas em consideração.

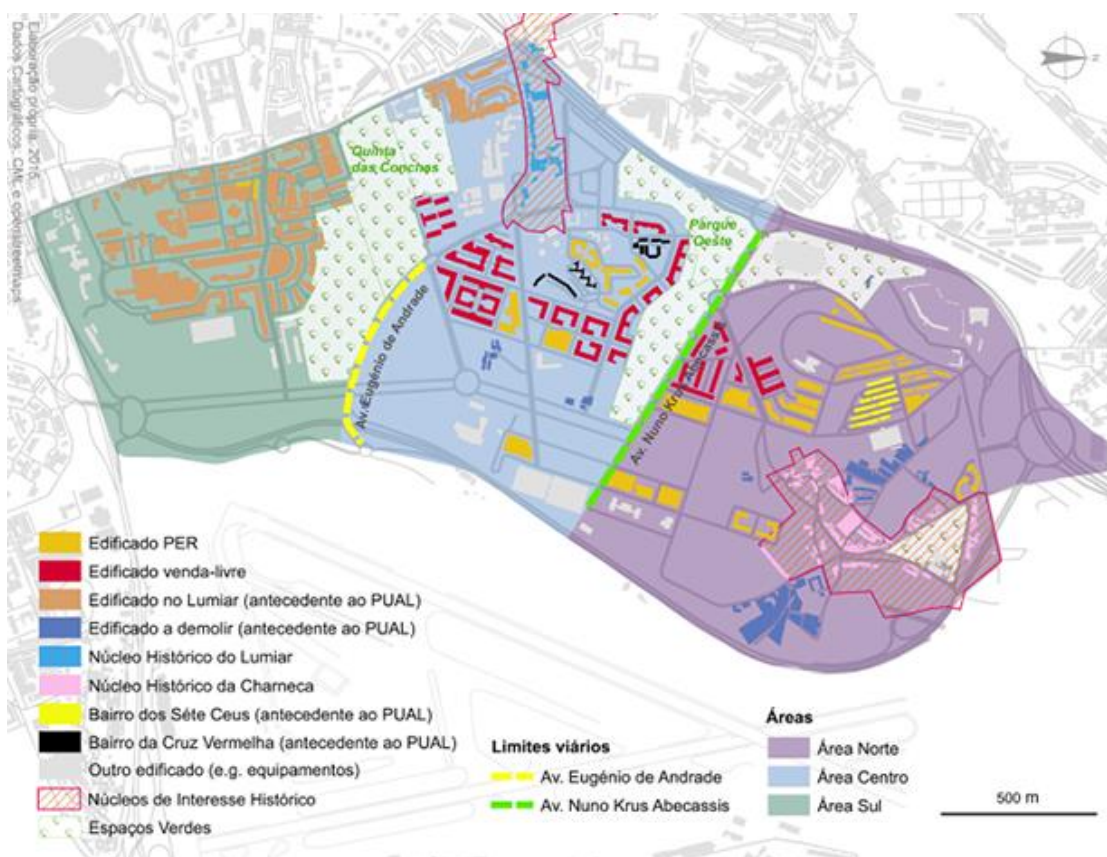


Figura 5 - Mapa síntese do PUAL (Fonte: ANTUNES, 2015)

Segundo o estudo realizado por Morais sobre a Alta de Lisboa, quanto mais relações de vizinhança forem estabelecidas maior será o sentimento psicológico de comunidade, o que por sua vez resulta num aumento significativo do bem-estar dos moradores (MORAIS, 2010, pp. 34 - 35).

Segundo Maurice Halbwachs (1877 - 1945), o espaço é um suporte de memórias coletivas, onde “o grupo molda o espaço, ao mesmo tempo que se deixar moldar por ele”, fazendo com que o espaço assuma características particulares de cada grupo (SILVANO, 2010, p. 19). Nesse sentido, a relação entre o sentimento psicológico de comunidade e as relações de vizinhança é fundamental para formar uma comunidade coesa, promover o bem-estar e melhorar qualidade de vida dos moradores da Alta de Lisboa (MORAIS, 2010, pp. 34 - 35). Espaços verdes de qualidade em zonas residenciais podem ter também um papel determinante na coesão social, como tem vindo a ser demonstrado através de estudos nos últimos anos (ALMEIDA, 2006, p. 99).

A crise atravessada pelo país no início desta década e a falta de procura de habitação nesta zona da cidade acabaram por ter um impacto negativo no desenvolvimento da economia local.

No PUAL está prevista uma área de 494.497 m² destinada ao desenvolvimento de comércio e serviços, sendo que apenas cerca de metade se encontra ocupada. Atualmente, o comércio existente

na área central da Alta de Lisboa é caracterizado como de pequena escala, sendo composto maioritariamente por cafés, mercearias e lojas de conveniência (ANTUNES, 2015).

Quase todos os espaços comerciais ocupados situam-se ao nível do rés-do-chão dos edifícios de vendas livre, sendo que a maior concentração de espaços ativos se encontra ao longo das vias principais, onde existe uma maior afluência de pessoas (Planta 01). Já os que se encontram por ocupar situam-se em áreas de passagem que estão quase sempre vazias.

Apesar do PUAL ser um projeto muito ambicioso e inovador, já passaram alguns anos da conclusão da primeira fase de construção, e existe ainda um longo caminho a percorrer para que este seja concluído com sucesso, não só em termos residenciais e comerciais, como também em termos sociais.

2.6 O conceito *Mix social*

Enquanto todas as habitações previstas pelo PER foram construídas prioritariamente, para se poder realojar os moradores dos bairros clandestinos o mais rápido possível, apenas cerca de metade das habitações de venda livre foram construídas, encontrando-se as restantes malhas em construção ou por construir. Como referido anteriormente, o plano de realojamento tiveram como principal objetivo proporcionar melhores condições de vida aos residentes dos bairros clandestinos extintos. No entanto, não tendo sido feito um acompanhamento social, as dificuldades na adaptação à nova área residencial acabaram por ter repercussões nos novos moradores.

Decorridos anos após o início do PUAL, e apesar das melhorias visíveis, o ambiente vivido na Alta de Lisboa continua a ser de instabilidade social e de insegurança. O espaço público é usado maioritariamente por pessoas das antigas comunidades aí existentes, pois os moradores que adquiriram recentemente a sua habitação nesta zona ainda não se encontram totalmente adaptados a este novo espaço. Deste modo, verifica-se uma clara diferença entre o estado de conservação dos edifícios de realojamento e o das habitações de venda livre, assim como entre os respetivos espaços públicos adjacentes. Os primeiros encontram-se degradados enquanto os outros estão em ótimo estado, tornando-se evidente o contraste visual.

Segundo Cordeiro e Figueiredo, *“a Alta de Lisboa pode ser olhada como uma ‘ilha’, relativamente isolada da cidade onde (não) se integra. Os seus cerca de 300 ha constituem actualmente um território fragmentado, feito de rupturas históricas, socioculturais e espaciais: a demolição traumática dos bairros pré-existentes, das ruas e casas térreas em grande parte construídas pela população, carregadas de memórias; a transferência abrupta para prédios altos, muitos deles isolados em terrenos baldios; a destruição das redes de vizinhanças construídas ao longo de décadas; o contraste entre uma população realojada e estigmatizada, visível no espaço público e nas escolas, e uma população de classe média, quase invisível, que ali apenas parece pernoitar; a falta de acessibilidades capazes de seduzir o investimento privado; o contraste entre a qualidade*



- | | |
|---|--|
|  Habitação |  Comércio e Restauração |
|  Serviços |  Sem ocupação |
|  Educação |  Em construção |
|  Cultural |  Degradado |
- Limite do PUAL



Planta: **ATIVIDADES ECONÓMICAS AO NÍVEL DO R/CHÃO**

Localização:
Área Centro do PUAL, Alta de Lisboa

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Escala:
1/4000

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

Peça:

01

arquitectónica dos edifícios de ‘venda livre’ e os ‘sociais’; a escassez de pequeno comércio e outros serviços” (CORDEIRO G., FIGUEIREDO T., 2012, pp. 10 - 11).

O conceito *mix social* baseia-se no idealismo de uma cidade estruturada segundo uma malha urbana organizada, assentando num modelo de mistura social, tendo por base princípios de coletivismo e cooperação mútua. Sendo um dos primeiros defensores da miscigenação, François Ascher (1946 - 2009) considerava que a mistura, interação e confronto social entre cidadãos é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, e que todas as pessoas devem ter direito às mesmas localizações urbanas, independentemente da sua condição económica ou classe social. Este conceito tem atingido, recentemente, maior relevância nos estudos de habitação e de regeneração urbana, tendo sido implementado um pouco por toda a Europa ao longo das últimas décadas. Em França, por exemplo, foi promovido o Programa Nacional de Renovação Urbana em 2003, com o objetivo de estimular o *mix social* e o desenvolvimento sustentável, de forma a travar a exclusão social e a reduzir a concentração espacial de famílias carenciadas (FERRÃO, J., HORTA, A., 2015, pp. 166 - 168).

Este idealismo tem vindo a ser questionado devido à falta de relações sociais de cooperação e entreajuda entre os cidadãos, principalmente quando existe uma grande diferença de valores e costumes. O facto de a proximidade residencial “obrigar” a que exista interação social não significa que esta se reflita em fluxos positivos. É necessário estabelecer metodologias mais focadas nas ciências sociais, que permitam valorizar o fator tempo, pois só assim será possível compreender as trajetórias divergentes existentes nestas áreas residenciais e o impacto das políticas públicas nos diferentes grupos sociais (FERRÃO, J., HORTA, A., 2015, pp. 169 - 171).

Mais que um projeto urbanístico, a Alta de Lisboa pretende vir a ser um caso de sucesso no que toca a aspetos sociais. No entanto, não existe ainda uma mistura social, pois as comunidades apenas coabitam na mesma área residencial, não estabelecendo relações entre si. A questão do realojamento não alterou todos os hábitos das comunidades realojadas, e isso veio-se a refletir nos usos e vivências do espaço público. Embora as campanhas de inserção social, criadas no início do projeto, não tenham tido os resultados desejados no que toca à coesão social, é necessário dar tempo suficiente para que essas alterações sociais se verifiquem e criar novos programas que promovam a inclusão social.

2.7 A importância da sensibilização social

Até 2011, existiam cerca 100.000 pessoas a viver em bairros de habitação social em Lisboa, o que equivale a aproximadamente 15% do total da população da cidade (CSM e Gebalis EEM, 2011). A maioria deste tipo de bairros situa-se na zona Norte da cidade de Lisboa, partilhando entre si os mesmos problemas, nomeadamente do que respeita a violência, problemas relacionados com a saúde, má apropriação do espaço público e privado, e toxicodependência, entre outros.

Visto que uma boa parte da população vive neste tipo de bairros, torna-se imperativo a necessidade de promover ações de sensibilização social que permitam tornar esses espaços habitacionais mais aprazíveis e seguros. Nesse sentido, foram estabelecidas algumas parcerias entre associações locais que, através de estudos, identificaram os problemas e potencialidade existentes na Alta de Lisboa. Estas associações tiveram como principais objetivos aumentar a escolaridade e a empregabilidade na Alta de Lisboa, envolver os residentes em ações de limpeza e recuperação dos espaços públicos, realizar campanhas de consciencialização das ações de vandalismo e dar formações para reduzir comportamentos de risco (CSM e Gebalis EEM, 2011; RODRIGUES, 2008, pp. 56 - 57).

É este o caminho a seguir pelos grupos comunitários e associações locais, de maneira a que os residentes, que são quem melhor conhece os verdadeiros problemas da sua área residencial, possam intervir ativamente sobre as medidas locais em relação ao seu bairro (ANTUNES, 2015).

2.8 A criminalidade na Alta de Lisboa

Em 2001, com a extinção do antigo Bairro da Musgueira, o Bairro da Cruz Vermelha tornou-se num dos principais focos de criminalidade e instabilidade social da área central da Alta de Lisboa. Este bairro ocupa um total de 6 ha e é constituído por 140 habitações de carácter social, que se encontram degradadas e descaracterizadas. A crescente expansão da Alta de Lisboa isolou ainda mais este bairro da restante área urbana, principalmente em termos sociais e culturais. Deste modo, com vista a resolver os problemas de salubridade e insegurança, foi decidido pela CML que o Bairro da Cruz Vermelha será demolido num futuro próximo, sendo as pessoas realojadas em habitações novas (CML, 2017).

A criminalidade na Alta de Lisboa está associada ao ambiente socioeconómico e sociocultural vivido nos bairros sociais. Assim, as medidas de combate à insegurança têm que seguir um princípio de inclusão e progresso social, tendo por base um policiamento constante. Uma das medidas adotadas pela CML para a Alta de Lisboa é o policiamento de proximidade, que tem como objetivos a prevenção contra o crime, a diminuição de comportamentos antissociais e providenciar apoio aos grupos sociais mais frágeis, nomeadamente idosos e crianças, aumentando deste modo o sentimento de segurança e bem-estar da comunidade (CML, 2016, pp. 3 - 5).

Em relação aos aspetos negativos de viver na Alta de Lisboa, de destacar a insegurança, a falta de policiamento, as más relações de vizinhança, a degradação do espaço físico e social, a escassez de transportes públicos, e a carência de serviços, comércio e equipamentos coletivos (K'CIDADE, 2010).

Ao longo dos últimos anos é notória a mudança, principalmente em termos sociais, verificada na Alta de Lisboa, o que tem despertado um aumento do interesse na aquisição de imóveis. Após um longo período de estagnação da construção, a realidade atual parece bastante promissora, pois várias malhas retomaram recentemente os trabalhos. A verdade é que se há dez anos a Alta de Lisboa era

um lugar bastante inseguro, e hoje em dia apresenta melhorias visíveis neste aspeto, tudo aponta para que, no futuro, predominem os sentimentos de segurança e bem-estar entre os moradores.

2.9 Estrutura Verde da Alta de Lisboa

Apesar de a cidade de Lisboa ser pontuada por diversas tipologias de espaços verdes urbanos, ainda não existe uma estrutura verde coerente que estabeleça a ligação entre esses espaços, que são fundamentais para a saúde e bem-estar dos seus habitantes. O final do século XX ficou marcado pela ausência de espaços verdes em zonas residenciais da cidade, acarretando consequências negativas na saúde, conforto e recreio dos cidadãos (TELLES, 1997, p. 48).

Os objetivos principais da estrutura verde prevista no PUAL são dar continuidade aos grandes espaços verdes de Lisboa garantindo assim a continuidade dos corredores verdes da cidade (Planta 02). Neste contexto surge o Passeio de Lisboa (ou Eixo Central), um corredor verde que integra áreas pedonais, circulação automóvel, rede de mobilidade suave, mobiliário urbano, vegetação, equipamentos e estacionamento (SGAL, 2005, p. 61). Este eixo faz a ligação dos parques centrais da Alta de Lisboa (Quinta das Conchas e dos Lilases, e Parque do Vale Grande) com o Jardim do Campo das Amoreiras, a Norte, e com a Mata de Alvalade, a sul (CML, 2018).

Assim, a estrutura verde da Alta de Lisboa seguiu os ideais propostos pelo arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, no livro *Plano Verde de Lisboa*, que estabelecem que *“as vias de circulação urbana deverão ser acompanhadas por corredores contínuos de vegetação, que terão grande importância na valorização estética das mesmas e ainda na amenização microclimática, no estabelecimento de gradientes que permitirão o desenvolvimento de brisas locais, na fixação de poeiras e outros poluentes emitidos por veículos, no amortecimento dos ruídos e na estabilização dos taludes que têm origem na própria implantação das vias”* (TELLES, 1997, p. 89). Deste modo, o projeto da Alta de Lisboa assentou num princípio de urbanismo sustentável, onde a estrutura verde e as zonas de recreio se integram harmoniosamente na malha urbana (SGAL, 2018).

O Passeio de Lisboa poderá ser considerado o Passeio Público (atual Av. da Liberdade) dos tempos modernos, pois foi concebido como uma via/parque, segundo o estilo *boulevard*, para a qual convergem as vias principais, constituindo um ponto de encontro para os moradores e visitantes. Neste espaço está prevista a criação de um ou dois parques infantis, espaços para atividades juvenis e equipamentos lúdico/desportivos para as restantes faixas etárias (SGAL, 2005, p. 82). Atualmente, o Passeio de Lisboa enfrenta o mesmo problema que o Passeio Público enfrentou no século XIX, pois apesar de ser um local com enorme potencial, são poucos os que o utilizam. Estando previstos espaços comerciais com enorme potencial para acolher *start-ups* e pequenas/médias empresas de diversas áreas, que irão contribuir para o dinamismo do local, antevê-se um futuro de grande sucesso à imagem da Av. da Liberdade (PAIS, 2011, pp. 24 - 25; SGAL, 2018). No entanto, a semelhança entre ambos englobará provavelmente os aspetos negativos, prevendo-se, a longo prazo, um aumento significativo dos níveis de poluição e ruído, situação verificada hoje em dia na Av. da Liberdade (PAIS, 2011, p. 28).

Quanto à vegetação, a Alta de Lisboa contém cerca de 2000 exemplares arbóreos, que se encontram distribuídos pelo Passeio de Lisboa e pelas avenidas e ruas. Esses exemplares encontram-se divididos em espécies caducifólias (*Celtis australis* L., *Erythrina* sp., *Fraxinus* sp., *Gingko biloba* L., *Jacaranda mimosifolia* D. Don, *Platanus* sp., *Populus nigra* L., *Prunus* sp., *Tilia* sp.) e perenifólias (*Pinus pinea* L.) (SGAL, 2005, p. 83).

O PUAL, além de redesenhar a zona Norte de Lisboa, permitiu a recuperação e criação de alguns espaços verdes com grande valor ecológico e paisagístico (CML, 2018). Os espaços verdes previstos para esta área dividem-se em diversas tipologias: parques urbanos (Quinta das Conchas e Lilases, Parque do Vale Grande e Parque Sul), ocupando uma área total de 556.000 m²; áreas verdes de proteção e enquadramento (120.000 m²); parques de menores dimensões, jardins e áreas ajardinadas (70.000 m²); e pequenos espaços verdes resultantes da implementação das áreas edificáveis, sendo desconhecida a sua área total (CANCELA, 2014, p. 106).

Este projeto permitiu ainda recuperar a Quinta das Conchas e dos Lilases, que se encontrava até então totalmente subaproveitada. Tendo uma função ecológica local insubstituível, houve um grande interesse, por parte das entidades responsáveis em recuperá-lo e torná-lo num espaço lúdico e recreativo de grande qualidade. Esta Quinta é hoje em dia um espaço verde de produção e recreio (sistema misto) que possui espaços verdes permeáveis, não edificadas, assumindo uma função produtiva e recreativa (TELLES, 1997, p. 114; CANCELA, 2014, p. 117). Sendo um dos mais recentes parques urbanos da cidade de Lisboa, o Parque do Vale Grande foi um dos espaços verdes criados de raiz pelo PUAL. Apesar de ainda não ser um espaço popular demonstra ter um enorme potencial, augurando-se-lhe um futuro promissor.

Quanto ao Parque Sul ou das Calvanas, apesar de estar integrado na área de estruturação urbanística habitacional prevista no PDM (CML, 2013, p. 180), até à data ainda não foi executado. Este parque terá uma área total de 7,6 ha (CANCELA, 2014, p. 106) e estará dividido pelo Eixo Central em duas partes, a zona Este e a Oeste. Situado junto à Rotunda Nelson Mandela e ao longo do Eixo Central, será o espaço verde que irá embelezar a entrada desta “nova cidade”. Na zona Este existirão dois campos de *rugby* e infraestruturas de apoio associadas. Em relação à zona Oeste terá um miradouro e, aproveitando o interior de uma antiga pedreira, será construído um jardim interior, um anfiteatro e uma cafetaria (SGAL, 2005, p. 165).

Sendo o PUAL um modelo de cidade onde se pretende reforçar a coesão social, melhorar as vivências urbanas e promover a sustentabilidade ambiental (CML, 2018, p. 45), os espaços verdes urbanos podem vir a ter um papel determinante no combate à exclusão social, pois além de benefícios consideráveis ao nível da saúde, promovem o contato entre as pessoas de diferentes estratos sociais, aumentando a qualidade de vida dos moradores.



Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

**USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO
ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE**

Planta:
ESTRUTURA ECOLÓGICA DA ALTA DE LISBOA

Localização:
Área Centro do PUAL, Alta de Lisboa

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Escala:
1/4000

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

Peça:
02

3. Casos de Estudo: Quinta das Conchas e dos Lilases e Parque do Vale Grande

Os dois parques escolhidos neste caso de estudo são a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande, por se situarem ambos na zona Norte de Lisboa, distando aproximadamente 700 metros, e apresentarem usos e vivências completamente diferentes. Surgiu então o interesse em perceber quais os motivos desta disparidade, visto que ambos apresentam dimensão, vegetação, sistema hidráulico e contexto histórico semelhantes. Pretende-se ainda estudar quais as medidas que devem ser tomadas para diminuir as assimetrias de usos e vivências entre os dois parques.

A Quinta das Conchas e dos Lilases encontra-se dividida em três áreas bastante diferentes: a Nave Central da Quinta das Conchas, que corresponde à parte ajardinada do parque, com uma área aberta de 14,1 ha; a Mata, abrangendo uma área de 10,8 ha, com declive mais acentuado e vegetação mais densa; e a Quinta dos Lilases, com 4,3 ha, sendo um espaço particularmente tranquilo e relaxante. No âmbito do projeto LX Gardens, foram identificadas 868 espécies arbóreas na Quinta das Conchas, incluindo 46 exemplares classificados (30 *Eucalyptus globulus* e 16 *Zelkova carpinifolia*), e 913 na Quinta dos Lilases (VASCONCELOS *et al.*, 2017).

O Parque do Vale Grande tem uma área de 24 ha, e é formado vários lagos e extensas zonas de relvado pontuadas por *Populus nigra* var. *italica* Münchh (158 exemplares). Apresenta um *design* contemporâneo e é um espaço verde bastante agradável e tranquilo. Apesar de ser pouco popular, o seu enorme potencial é visível e terá certamente um futuro bastante auspicioso.

Estes dois espaços verdes urbanos são muito importantes do ponto de vista ecológico e paisagístico, e estão inseridos numa antiga zona de quintas. A Quinta das Conchas e dos Lilases situa-se numa malha urbana mais antiga, consolidada ao longo do século XX, que foi resistindo à forte e opressiva expansão urbana do Lumiar, enquanto o Parque do Vale Grande se localiza numa zona mais periférica, que ainda se encontra em consolidação, existindo ainda muitos terrenos por construir na área adjacente ao parque. Este parque foi projetado para vir a ser um espaço verde de excelência e contribuir para a saúde e bem-estar dos novos moradores da Alta de Lisboa.

Em arquitetura paisagista, o tempo é não só um fator importantíssimo, por exemplo no caso da vegetação de um parque, que demora anos a se desenvolver, como é através dele que se compreenderá o real sucesso de um espaço verde. Até 2005, data da última requalificação, a Quinta das Conchas e dos Lilases era um espaço inseguro e pouco frequentado. Após a requalificação, foram necessários alguns anos para que se viesse a tornar num dos espaços verdes mais populares e procurados da cidade de Lisboa. No caso do Parque do Vale Grande, tendo em consideração o facto de ser um espaço verde mais recente e dada a sua qualidade, seria de esperar que neste momento fosse mais procurado por parte da população. Apesar da fraca utilização, tudo indica que num futuro próximo o parque se aproximará da Quinta das Conchas e dos Lilases no que diz respeito à popularidade.

3.1 Quinta das Conchas e dos Lilases

3.1.1 Enquadramento Histórico

Afonso Torres foi o primeiro proprietário da Quinta das Conchas de que há registo, no ano de 1520. Esta propriedade começou por ser morgadio, e foi posteriormente transformada numa quinta, tendo mantido a mesma área até finais do século XIX (FERREIRA, 2008, p. 166). Embora não existam registos que permitam concluir com exatidão a origem toponímica da Quinta das Conchas, esta poderá estar relacionada com a existência de inúmeras cascas de bivalves, outrora presentes nesse mesmo local (SGAL, 2005, p. 30).

Em 1897, a Quinta das Conchas foi vendida a Francisco Mantero (FERREIRA, 2008, p. 168). Mantero foi um dos proprietários que mais contribuiu para o desenvolvimento da quinta, tendo adquirido vários terrenos adjacentes à sua propriedade, que em conjunto formam a atual Quinta dos Lilases (FERREIRA, 2003, Vol. II, p. 319).

Em relação à Quinta dos Lilases, também não é conhecida a verdadeira origem da sua designação, apesar de esta poder estar relacionada com a frequente utilização de espécies vegetais com floração lilás entre os séculos XVII-XIX. Até ao início do século XX, esta propriedade era apelidada de Quinta dos Lilazes (atualmente Lilases) (FERREIRA, 2003, Vol. II, p. 326), como foi possível comprovar através da consulta de documentos históricos, desconhecendo-se no entanto o motivo da sua posterior alteração.

Este proprietário sempre demonstrou um grande interesse por material vegetal e elementos arquitetónicos. Nesse sentido, implantou um roseiral e uma área de floresta de modo a criar uma paisagem romântica, característica dessa época; criou um lago com duas ilhas e vegetação exótica, alusivo às suas vivências em São Tomé e Príncipe; mandou ainda construir a “Casa do Monte”, situada no topo da Mata, com características arquitetónicas do século XIX, que se veio a tornar a casa de férias de família durante a época de maior calor (FERREIRA, 2008, pp. 172 - 175).

Durante o século XX a quinta teve vários proprietários (FERREIRA, 2008, p. 168). Em 1966, José Fernandes, o último proprietário, foi o responsável pela venda da propriedade à CML por 85 milhões de escudos (ANTUNES, 2011), que se mantém na sua posse até à atualidade.

Entre 1966 e 1982, a quinta encontrou-se ao abandono, o que contribuiu fortemente para a sua degradação. Apesar de em 1979 a CML ter elaborado um anteprojeto com o objetivo de proceder à recuperação do espaço, só em 1982 é que esse projeto foi desenvolvido pelo arquiteto paisagista António Vianna Barreto (1924 - 2012).

Através do espólio de Vianna Barreto, disponível no Arquivo do Forte de Sacavém, foi possível conhecer o ambicioso e complexo projeto proposto para a Quinta das Conchas e dos Lilases (BARRETO, 1980) (Anexo 2).

Para a Quinta das Conchas e dos Lilases, António Vianna Barreto definiu “a eliminação do actual percurso principal Nascente-Poente, com abate de certo número de árvores que se encontram em muito mau estado sanitário”, “novo zoneamento e forma das áreas destinadas a jogos (...) procurando-se estabelecer, num conjunto, os poli-desportivos de dimensões normais, os mini poli-desportivos e uma piscina, separando da pista de skate através de uma zona jardinada”, a “criação de um pequeno Tanque Hexagonal, com repuxo” e uma “Casa de Repouso e Convívio para a Terceira Idade (...) centro de encontro da actividade do parque, localizando-se em seu redor a futura entrada e estacionamento principais, as esplanadas sobre o lago, e os acessos”. Segundo Vianna Barreto “deixa-se para fase posterior o que se refere à construção da Casa da Música”. Na mata foi prevista a “construção (...) de uma pista de ciclismo sem motor para crianças”, um “Parque de Merendas, o qual comporta 45 mesas e bancos para 450 pessoas”, “um Percurso de Manutenção” e um “volumoso tanque rectangular (...) reconstruído e utilizado como Aquário”. A Quinta dos Lilases seria convertida numa “Zona Infantil de 5000m² de área a equipar devidamente para uso predominante de crianças em idade pré-escolar” (BARRETO, 1980) (Anexo 3).

Através de cartografia posterior (Figura 6), foi possível concluir que muitos dos elementos projetados não foram construídos. No entanto, durante a execução deste projeto, não só houve uma redução da propriedade em 6.000 m², a destruição do poço, tanque e nora, que deveriam estar integrados no projeto, como foram destruídos parcialmente o sistema de rega, de drenagem e da vegetação arbórea existente na periferia do parque (BARRETO, 1982) (Anexo 4).



Figura 6 - Fotografias aéreas da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (1987 e 2001)
(Fonte: IGEOE, Folha 431/417)

Através da análise de ortofotomapas e cartografia histórica, correspondente ao período 1899 - 2011, foi possível proceder à elaboração dos planos de época (Figura 7). Comparando os diferentes planos de época, foi possível concluir que a área total da quinta sofreu algumas alterações, principalmente após a crescente expansão urbana na Freguesia do Lumiar, que veio a ocupar parte dos terrenos anteriormente ocupados pela Mata. Simultaneamente, verificou-se uma alteração do traçado dos percursos, passando de rectilíneos para percursos mais orgânicos e alterações na densidade da

vegetação e no tipo de coberto vegetal existente. Registou-se ainda progressivos avanços e recuos relativamente à área destinada à Mata.

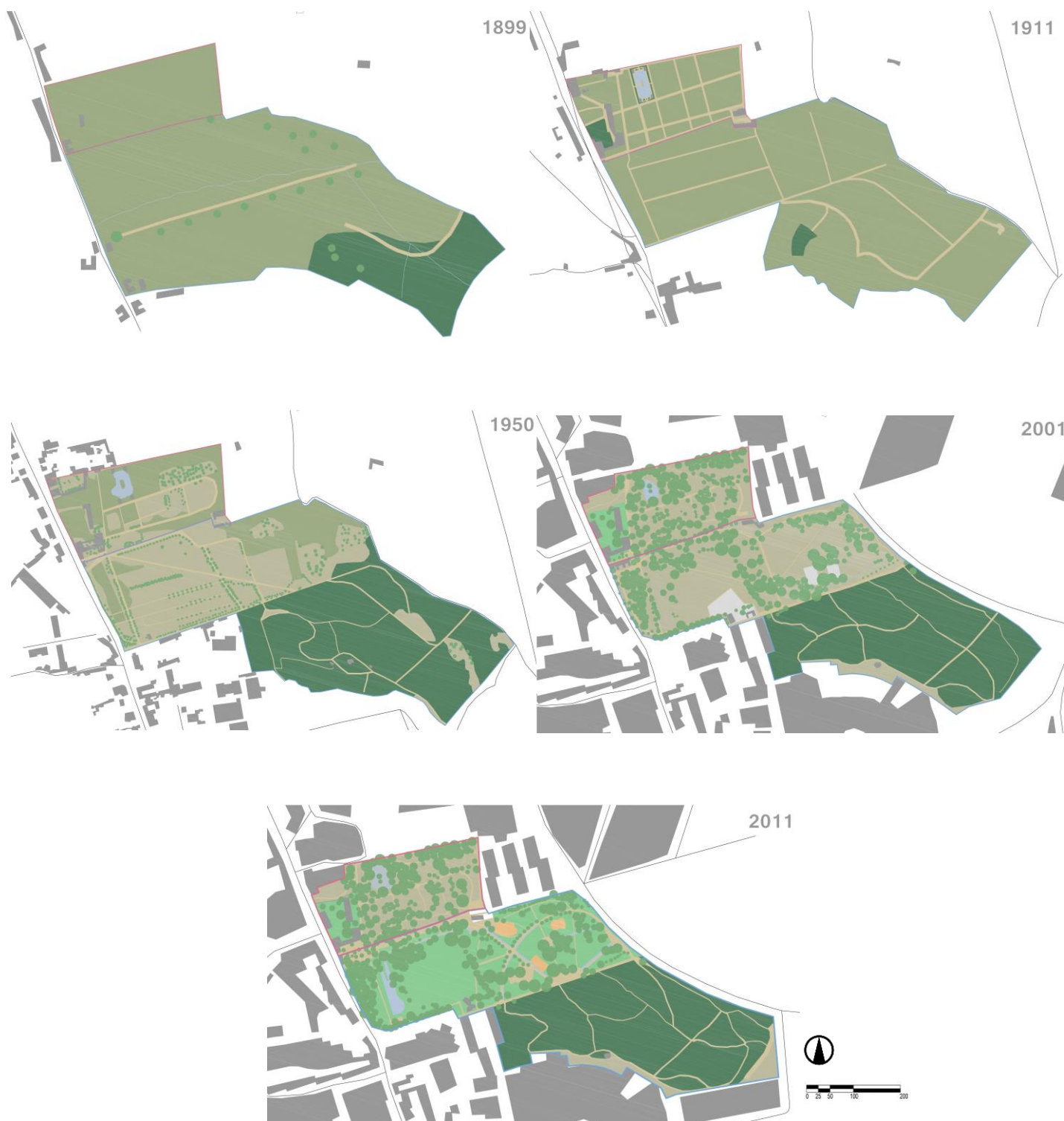


Figura 7 - Evolução do traçado da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (1899 - 2011) (Extraído do Plano de Recuperação da Quinta das Conchas e dos Lilases. Autores: BELES, Ana; MARTINHO, Ana; MARTINHO, Carolina; FREITAS, Fernando; RODRIGUES, Jenifer, 2015)

Através do contacto estabelecido com alguns visitantes durante a execução deste estudo, foi possível ter conhecimento de ter havido não só a intenção de privatizar a Quinta dos Lilases e anexá-la ao Condomínio Parque das Conchas, aquando da construção do mesmo, como a construção da Alameda da Água, na qual estava prevista a criação de um eixo viário que separaria a Quinta das Conchas e a Quinta dos Lilases. Na altura, foi criada uma associação de moradores, que tinham uma grande estima e sentido de pertença por estas quintas, com o objetivo travar iniciativas que pudessem por em causa a coesão destes espaços (MARQUES, 2011, p. 36), visto que, uma vez quebrado o seu valor ambiental e paisagístico, este dificilmente seria recuperado.

3.1.2 Descrição Geral

A Quinta das Conchas e dos Lilases é um dos maiores espaços verdes (29,2 ha) da cidade de Lisboa (VASCONCELOS *et al.*, 2017), sendo considerado um lugar com grande valor paisagístico e ecológico (Figura 8) (CML, 2018). Localiza-se na Freguesia do Lumiar, junto à Alameda das Linhas de Torres e à estação de metro “Quinta das Conchas” e o seu horário de funcionamento é entre as 6h e a 1h. O parque é delimitado por muro em todo o seu perímetro e possui oito entradas: duas na Quinta dos Lilases (uma delas muito recente), quatro na Quinta das Conchas e duas na Mata. Existe uma terceira entrada na Mata, embora esta se encontre encerrada por motivos de segurança.



Figura 8 - Vista panorâmica da Quinta das Conchas, Lisboa (Fonte: Autora)

A separar a Quinta das Conchas e a Quinta dos Lilases encontra-se um muro, que foi resistindo a diversas intervenções ao longo do tempo. Este muro não é contínuo, pois tem três entradas que permitem a ligação entre as duas Quintas. De realçar o facto de todo o parque, à exceção da zona da Mata, ser acessível a pessoas com mobilidade reduzida.

A Quinta das Conchas é formada por duas áreas distintas: uma zona plana com uma extensa área de relvado em espaço aberto repleta de vegetação arbórea (Nave Central) e uma Mata em terreno declivoso com vegetação mais densa. No coração do parque existem diversos percursos em madeira que se cruzam com canais de água, um parque infantil, uma cafetaria e um restaurante, resultantes do projeto de requalificação por parte da CML, em 2005. Na zona Oeste do parque é possível usufruir

de um parque de merendas e contemplar o lago, onde existem aves, peixes e anfíbios. A fonte que alimenta os canais de água encontra-se junto à entrada Este (SIPA, 2016).

A Quinta dos Lilases, situada na zona Norte, contém uma grande variedade de estilos, variando entre percursos retilíneos e percursos orgânicos, ladeados por uma grande diversidade de vegetação arbórea. No seu interior é possível observar um belo lago (Figura 9) com duas ilhas representando São Tomé e Príncipe, ou relaxar numa área de estadia rodeada por uma latada de vinha (SIPA, 2016).

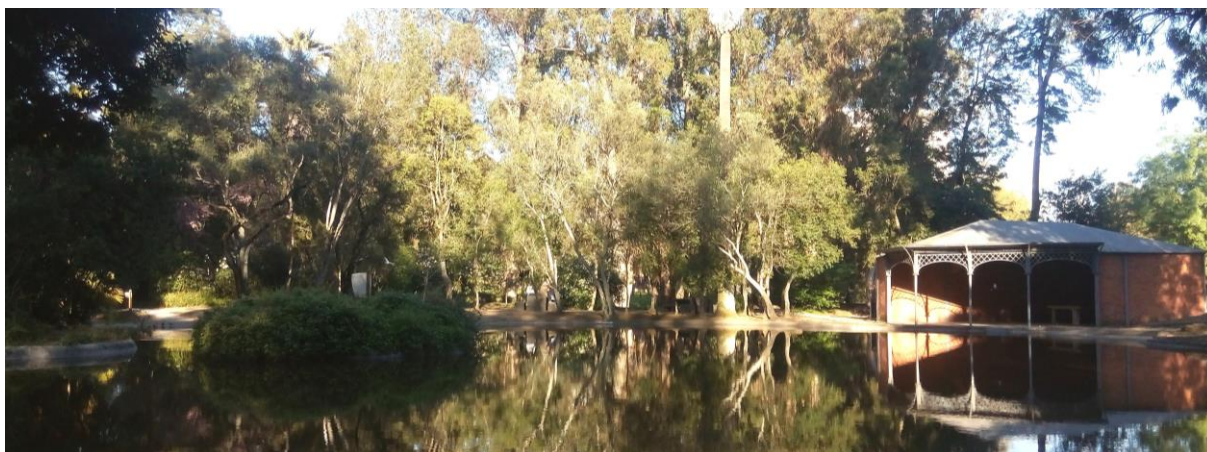


Figura 9 - Vista panorâmica da Quinta dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

A Mata contém alguns dos elementos arquitetónicos mais importantes do parque, uma fonte, um tanque e principalmente a “Casa do Monte”, que infelizmente se encontram bastante degradados.

A última requalificação do parque esteve a cargo da Direção Municipal de Ambiente Urbano (Divisão de Estudos e Projetos da CML) que, pela sua qualidade e valorização do património, foi distinguida com os Prémios Valmor e Municipal da Arquitetura, em 2005 (CML, 2018).

Foi elaborada uma proposta de recuperação deste parque pelos alunos Ana Beles, Ana Martinho, Carolina Martinho, Fernando Freitas e Jenifer Rodrigues, sob orientação da Professora Sónia Talhé Azambuja, no âmbito da unidade curricular de Recuperação e Gestão da Paisagem Cultural, do Mestrado em Arquitetura Paisagista, do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, tendo sido finalista do Prémio Vibeiras 2005 (Anexo 5).

3.1.3 Caracterização da vegetação

Na Nave Central da Quinta das Conchas existe uma grande variedade de espécies arbóreas de grande porte, podendo-se destacar os exemplares de *Platanus x hispânica* (Mill.) Münchh (plátanos), *Eucalyptus globulus* Labill. (eucaliptos), *Pinus pinea* L. (pinheiro-mansão) e *Fraxinus angustifolia* Vahl (freixos). Na zona Norte existiu, até ao ano 2000, um exemplar de *Brachichyton populneus* Schott & Endl. que, dado o seu valor, foi transplantado para uma zona mais baixa e protegida do parque (FERREIRA, 2008, p. 171).

Até 2015, o eixo central que faz a ligação entre o restaurante e a cafetaria da Quinta das Conchas era fortemente marcado por um alinhamento de *Phoenix canariensis* Chabaud (palmeiras-das-Canárias), tornando-se num dos percursos mais distintos de todo o parque. Ao longo dos anos de 2015 e 2016, quase todos os exemplares de *Phoenix canariensis* Chabaud foram bastante afetados pela disseminação do escaravelho (*Rhynchophorus ferrugineus*) e, devido à falta de tratamento, acabaram por morrer. Durante o verão de 2017, todos os exemplares foram retirados e substituídos por *Populus nigra* L. (choupo-negro) (Figura 10).



Figura 10 - Alteração da vegetação do eixo central da Quinta das Conchas, Lisboa
 Datas: abril 2015; jan. 2016; set. 2017 (Fonte: Autora)

Na Quinta dos Lilases, predomina vegetação autóctone e vegetação bem adaptada ao clima mediterrâneo, o que se traduz num baixo consumo de água (JÁCOME, 2010, p.50). Também é possível observar uma *Ficus macrophylla* Desf., prado de sequeiro e vários exemplares de *Cercis siliquastrum* L., *Eucalyptus globulus* Labill. e *Olea europaea* var. *sylvestris* (Mill) Lehr, este último junto ao muro que separa ambas as quintas. (CML, 2018).

Em março de 2017 foi criado “O pomar da Quinta dos Lilases”, situado no talhão central deste espaço, com uma casa de apoio e zona de merendas, e com uma grande diversidade de árvores de fruto e espécies aromáticas, nomeadamente *Ceratonia siliqua* L. (alfarrobeira), *Citrus limon* (L.) Osbeck (limoeiro), *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (laranjeira), *Cydonia oblonga* Mill. (marmeleiro), *Ficus carica* L. (figueira), *Lavandula officinalis* Chaix (alfazema), *Malus domestica* Borkh. (macieira), *Morus nigra* L. (amoreira), *Prunus amygdalus* Batsch (amendoeira), *Prunus armeniaca* L. (damasqueiro), *Prunus pérsica* (L.) Batsch (pessegueiro), *Punica granatum* L. (romãzeira), *Pyrus communis* L. (pereira), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Salvia officinalis* (salva) e *Thymus vulgaris* L. (tomilho)¹. Com a adição de novas espécies arbóreas e arbustivas, devidamente identificadas com o seu nome comum e científico, este pomar veio enriquecer o espaço em termos educativos e de biodiversidade.

¹ Levantamento realizado pela autora em maio de 2017, e revisto em agosto de 2018.

A Mata é formada por uma extensa mancha verde, composta por *Cupressus lusitanica* Mill (cedros do Buçaco), *Olea europaea* subsp. *europaea* (oliveira), *Eucalyptus globulus* Labill (eucaliptos) e *Zelkova carpinifolia* (Pall.) K. Koch (FERREIRA, 2008, p. 172; VASCONCELOS *et al.*, 2017).

Segundo o levantamento arbóreo realizado pelo LX Gardens em 2012, e revisto em 2014, foram registadas 868 espécies arbóreas na Quinta das Conchas e 913 na Quinta dos Lilases, sendo que as espécies em maior número são a *Olea europaea* L. (203 exemplares), *Eucalyptus globulus* Labill (170 exemplares) e *Robinia pseudoacacia* L. (156 exemplares) (VASCONCELOS *et al.*, 2017). De salientar que a Quinta das Conchas e dos Lilases possui diversas Espécies Florestais de Interesse Público (EFIP) – DR 2ª série, nº 285, 12 de dezembro de 2000, entre as quais se encontram 16 exemplares de *Zelkova carpinifolia* (Pall.) K. Koch e 30 exemplares de *Eucalyptus globulus* Labill (VASCONCELOS *et al.*, 2017).

3.1.4 Sistema Hidráulico

No Plano de Requalificação, elaborado pela Divisão de Estudos e Projetos da Direção Municipal de Ambiente Urbano da CML, deu-se especial atenção ao sistema hidráulico. Após a requalificação, o sistema hídrico passou a funcionar num circuito fechado, tornando possível utilizar a água proveniente da mina e dos poços existentes, tanto para rega como para abastecer os elementos de água existentes (Figura 11) (SIPA, 2016).

Na Quinta das Conchas, o sistema hidráulico foi projetado com a intenção de promover níveis de água permanentes com fluxos constantes. Foram preservados alguns dos elementos do antigo sistema hidráulico devido à sua importância para o local, nomeadamente tanques, uma fonte, um poço e uma mina. A circulação de água na Nave Central inicia-se na fonte a Este e, através do declive do parque, percorre os inúmeros canais terminando o circuito no lago, junto à Alameda das Linhas de Torres. Este lago encontra-se ligado ao reservatório terminal, que faz com que a água seja devolvida à fonte inicial por um sistema de bombagem. Este lago não só é abastecido pela água de circulação, como também pela água de drenagem. Tendo em conta que o relvado principal tem grandes exigências hídricas, foi necessário encontrar medidas que permitissem reduzir os custos associados à rega. Assim, a rega é realizada com água proveniente do lago, o que permite economizar este recurso tão importante e indispensável (JÁCOME, 2010, pp. 46 - 49).

No caso da Quinta dos Lilases, o sistema hidráulico é formado por dois sistemas de circulação de água, que também funcionam em circuito fechado. O primeiro sistema de circulação de água é feito a partir da nora e do tanque inicial, sendo que a água daí proveniente é recolhida e armazenada pelo lago. O segundo sistema consiste em armazenar nos tanques a água proveniente do sistema de cascatas dos caudais. O principal elemento do sistema hidráulico é o lago, que permite um escoamento eficaz e contínuo através do sistema de cascatas, ao mesmo tempo que armazena os fluxos oriundos das caleiras. O lago, juntamente com os tanques, possibilita um armazenamento eficiente e sustentável dos fluxos de água internos e das águas pluviais (JÁCOME, 2010, pp. 49 - 50).



Figura 11 - Elementos que compõem o sistema hidráulico da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

3.1.5 Infraestruturas, equipamentos e mobiliário urbano

As infraestruturas, equipamentos e mobiliário urbano são indispensáveis na composição do espaço público, pois além de contribuírem significativamente para o bem-estar dos seus visitantes, servem de suporte à realização de atividades e promovem a interação social.

A madeira, como material, está presente através dos bancos, percursos e parque de merendas. Este material é bastante confortável e apresenta alguma durabilidade, além de contribuir positivamente para a estética do parque. No entanto quando comparado com outros materiais, pode apresentar um custo mais elevado por necessitar de maior manutenção. Os bancos encontram-se localizados ao longo dos caminhos principais, e são usados pelas pessoas para descansar das caminhadas ou contemplar a beleza do parque.

O parque de merendas, situado junto à entrada da Alameda das Linhas de Torres, é a única área com mesas de apoio, e permite a realização de várias atividades, tais como piqueniques, conviver, jogar às cartas, estudar, entre outras.

Por último, existe um restaurante e uma cafetaria, ambos com esplanada, nas duas entradas principais do parque, e um parque infantil junto ao restaurante que, juntamente com ambas as zonas de restauração, cria um efeito dinâmico triangular, dando uma sensação familiar ao coração do parque. Sendo possivelmente os elementos de união mais importantes do parque, são, juntamente com outros elementos marcantes como por exemplo os lagos e a fonte, locais de fácil acesso e bastante visíveis, sendo regularmente utilizados como pontos de encontro.

3.1.6 Atividades praticadas na Quinta das Conchas e dos Lilases

A vasta área de relvado, o declive pouco acentuado e o caráter multifuncional deste parque fazem com que o leque de atividades praticadas seja muito variado, o que se reflete num aumento da procura. Essas atividades variam consoante a zona do parque, a época do ano e o período do dia.

Passear/Andar no parque

Passear/andar é sem dúvida a atividade mais praticada, quer seja individualmente, acompanhado ou em grupo (Figura 12). Alguns visitantes passeiam em passo lento para descontrair e passar o tempo, outros andam em passo moderado a caminho dos transportes públicos, e existem ainda outros que andam em passo acelerado como forma de fazer um exercício físico mais leve. O fator mais decisivo

em relação à velocidade do passeio parece ser a faixa etária. Este parque pode ser considerado ideal para a prática do passeio, pois além de ser muito atrativo e dinâmico, proporciona uma sensação de conforto através dos pavimentos e mobiliário urbano.



Figura 12 - Andar na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

Passear com criança(s)

O facto de o parque ser muito seguro, ter um parque infantil de dimensões consideráveis, um grande número de caminhos, zonas extensas de sombra e zonas de relvado bastante amplas, torna o espaço muito apelativo para as famílias passearem com as suas crianças e bebés (Figura 13). Uma vez no parque, as possibilidades são “infinitas”. As crianças podem brincar no parque infantil, nos canais de água, nas zonas de relvado ou comerem um gelado nos dias de maior calor. Uma das razões, talvez a maior, que faz as crianças gostarem tanto deste parque é a presença constante de outras crianças.



Figura 13 - Passear com criança(s) na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

Passear animais de estimação

Cada vez mais pessoas têm um animal de estimação e, no caso dos cães, é fulcral a existência de espaços para os passear e exercitar. Dada a proximidade a grandes áreas habitacionais, e tendo em conta as condições oferecidas por este parque, não é de estranhar o crescente uso do mesmo para este efeito (Figura 14). Esta prática tem um importante carácter social, no sentido em que se desenvolvem amizades não só entre os donos, como também entre os próprios animais de estimação. Mesmo que por vezes esta amizade esteja confinada ao parque, a verdade é que se juntam grupos de donos e respetivos animais de estimação, dando aso a uma forte interação entre todos.



Figura 14 - Passear animal de estimação na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa
(Fonte: Autora)

Exercício Físico

Ao longo dos últimos anos, o número de pessoas que praticam exercício físico tem vindo a aumentar. Este aumento deve-se à procura de um estilo de vida mais saudável, assim como é sabido, hoje em dia, que um dos pilares de uma mente sã é o exercício físico. O aumento do uso de espaços ao ar livre para esta prática tem sido exponencial, principalmente na modalidade *jogging*. O facto de oferecer um vasto leque de percursos planos, faz com que este parque seja um local primordial para a prática de exercício físico em comunhão com a natureza. Além da quantidade de percursos, existem também espaços abertos onde tem sido comum a realização de aulas públicas e privadas de *crossfit*, *yoga*, *zumba*, *ginástica*, *dança*, *atletismo*, *tai chi*, entre outros (Figura 15).



Figura 15 - Atividades desportivas realizadas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa
(Fonte: Autora)

Jogar/Brincar

O carácter multifuncional do parque permite a realização de inúmeras atividades em grupo ao ar livre, tais como jogar à bola, às cartas, e mais recentemente jogar um jogo *online* (Figura 16). Aos fins de semana, por exemplo, é frequente observar grupos de jovens a jogar à bola no relvado principal. A atividade jogar às cartas é praticada diariamente e quase exclusivamente pela população mais idosa, no parque de merendas.

Ocasionalmente, a Junta de Freguesia do Lumiar (JFL) fornece equipamentos de apoio com o objetivo de desenvolver atividades recreativas como *ping pong*, basquetebol, insufláveis, jogos tradicionais, entre outras atividades.



Figura 16 - Diferentes tipos de atividades realizadas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa
(Fonte: Autora)

Andar de bicicleta

Embora em Portugal ainda não exista tanto o hábito de andar de bicicleta como noutros países da Europa, a verdade é que cada vez mais pessoas têm aderido a esta modalidade. Mais uma vez, o declive pouco acentuado, haver muitas zonas de sombra, a qualidade do pavimento, e a própria envolvência do parque são as razões principais que levam as pessoas a querer andar de bicicleta, *karts*, *skate* e trotinete (Figura 17). Mais recentemente, por existir um espaço de aluguer de *karts* junto ao parque, tem-se vindo a verificar um aumento desta prática, tanto nas crianças como nos adultos.



Figura 17 - Andar de bicicleta, *kart* e trotinete na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa
(Fonte: Autora)

Sentar/Deitar/Relaxar

Dado o seu carácter informal, a Nave Central da Quinta das Conchas e dos Lilases providencia condições propícias para as pessoas se poderem sentar, deitar ou relaxar. Estar sentado permite realizar outras atividades, tais como ler, conviver, observar outras pessoas e/ou descansar num espaço em contacto com a natureza. Existe uma grande variedade de locais para sentar, sendo possível fazê-lo nos bancos, nas esplanadas, no parque de merendas, ao longo dos canais de água e nos relvados (Figura 18). Estar deitado numa toalha num dos relvados a relaxar, quer à sombra ou ao sol, é também uma atividade bastante praticada. Independentemente do objetivo com que as pessoas visitam o parque, a grande maioria senta-se um pouco, a relaxar, durante a sua estadia.



Figura 18 - Sentar, deitar e relaxar na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

Convívio

Tendo em conta as condições oferecidas, este parque é propício à prática do convívio. As pessoas procuram este espaço para conviver, ouvir música, cantar ou tocar instrumentos, entre amigos ou familiares (Figura 19). Em termos de convívio, as esplanadas são o local predileto dos visitantes, seguido das zonas relvadas com sombra, onde existe mais espaço e privacidade. O parque infantil possibilita tanto o convívio entre as crianças, como entre os seus progenitores. Dada a proximidade de uma universidade, é ainda frequente existir encontros académicos.



Figura 19 - Convívio na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

Piqueniques

Outro facto que comprova a popularidade deste parque é o crescente número de pessoas a realizar piqueniques, festas de escola, festas de aniversário e batizados, atividades que além de dinamizarem o espaço, promovem a interação social entre pessoas do mesmo grupo ou de grupos diferentes. Como o parque tem muitas zonas de sombra e um ambiente bastante saudável, oferece condições ótimas para a prática desta atividade (Figura 20).



Figura 20 - Piqueniques e festas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

Parques infantis

Sem dúvida nenhuma que o parque infantil junto à zona de restauração (Figura 21) é o principal motivo das crianças quererem visitar a Quinta das Conchas e dos Lilases. Devido à sua dimensão e à qualidade das suas infraestruturas, é possível observar dezenas de crianças a usufruírem deste espaço. Este parque infantil possibilita a interação entre crianças de diferentes faixas etárias e promove o desenvolvimento de amizades, enquanto os seus progenitores convivem. O facto de estar localizado junto uma zona de restauração, no coração da Nave Central, torna este espaço numa das zonas mais dinâmicas de todo o parque.

Existe outro parque infantil na zona Nordeste do parque, que devido à sua localização e por ter infraestruturas mais básicas, não é muito procurado.



Figura 21 - Parques infantis da Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

Esplanadas

À imagem do parque infantil, a cafetaria, o restaurante, e as respetivas esplanadas, são também espaços muito procurados. Durante todo o ano, à exceção do inverno, a afluência às esplanadas é muito elevada, principalmente na esplanada da cafetaria, de onde é possível ter uma vista desafogada de grande parte da Nave Central. Ambas as esplanadas providenciam muita sombra, o que ajuda bastante a manter a afluência em dias de sol intenso. As pessoas usam as esplanadas para conviver, beber café, apanhar sol, estudar, fazer trabalhos de grupo, observar as dinâmicas do espaço ou ler, entre outros (Figura 22).



Figura 22 - Esplanadas na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

Eventos

CineConchas

O CineConchas é o evento de maior sucesso da Quinta das Conchas e dos Lilases. Neste evento, promovido pelo Centro Social da Musgueira (CSM), é possível ver cinema ao ar livre gratuitamente durante os meses de junho e julho (CineConchas, s.d.). O tipo de filmes transmitidos é bastante

abrangente, tendo filmes de desenhos animados, romance, drama e ficção científica, entre outros. Sendo um evento multicultural, atrai centenas de pessoas de todas as classes sociais e faixas etárias. A primeira edição, em 2008, não teve grande adesão por parte da comunidade devido à pouca divulgação, à insegurança do parque durante a noite, e ao desconhecimento do conceito de cinema ao ar livre. Através da análise do Gráfico 1, é possível ver que a partir de 2013 verificou-se uma maior adesão, com um total de espetadores sempre superior a 20.000. Este facto demonstra não só a popularidade deste evento, como dá a entender que esta iniciativa poderia ter sucesso noutros parques urbanos. A divulgação proactiva deste evento atrai tanto pessoas das freguesias envolventes como de outras zonas de Lisboa.

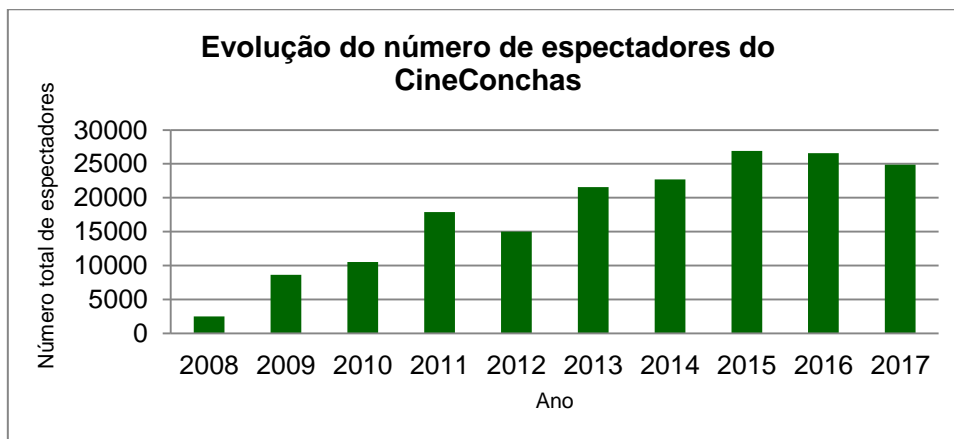


Gráfico 1 - Evolução do número de espetadores do CineConchas (Fonte: CineConchas, s.d.)

Mercado “Quinta das Conchas”

O Mercado “Quinta das Conchas” teve início em abril de 2016 e realiza-se todos os sábados de manhã. Sendo fruto de uma parceria entre a CML e a Federação Nacional das Organizações de Produtores de Hortícolas e Fruta, destina-se a pequenos produtores, com área de produção próximo de Lisboa, e tem como principal objetivo incentivar o consumo de produtos tradicionais e biológicos, assim como o consumo sazonal de frutas e legumes (CML, 2018).

Espaços de leitura

A Quinta das Conchas e dos Lilases também desperta o gosto pela leitura, através da *Little Free Library* e da Biblioteca Itinerante de Lisboa (BLX, s.d.). A *Little Free Library* situa-se junto à cafetaria e teve início em novembro de 2015. Este projeto partiu de um utilizador do parque, e tem como objetivos suscitar o gosto pela leitura em adultos e crianças, e motivar a troca e a doação de livros. Os visitantes podem usufruir gratuitamente dos livros, o que faz com que, atualmente, este seja um dos espaços mais procurados do parque.

Ao longo do ano existem ainda outros eventos, como festas relativas aos Santos Populares, festas da Universidade Sénior, espetáculos, eventos desportivos (*yoga*, *pilates*, *zumba*, *atletismo*, *kickboxing*, *crossfit*, entre outros), atividades para crianças, noites de fado, exposições, encontros relacionados com jogos *online* e atividades relacionadas com a sensibilização e observação de aves.

3.1.7 Análise SWOT

As visitas à Quinta das Conchas e dos Lilases permitiram um diagnóstico do seu estado atual, tendo sido fundamentais na elaboração da análise SWOT (*strengths, weaknesses, opportunities, threats*) (Quadro 1). Esta análise permite identificar os pontos fortes e fracos (fatores internos), e as oportunidades e as ameaças (fatores externos) inerentes ao espaço.

<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área: 29,2 ha • Grande valor histórico, paisagístico e ecológico • Sistema hidráulico (fontes, tanque, lagos, mãe-de-água e canais) • Local de recarga direta de aquíferos • Património arquitetónico de interesse (Palacete da Quinta dos Lilases e a Casa do Monte) • Qualidade da manutenção • Potencial de vistas • Segurança • Grande variedade de percursos • Vastas zonas de relvado e muitas zonas de sombra • Grande biodiversidade • Grande variedade de eventos e atividades • Parques infantis • Cafetaria, restaurante e parque de merendas • Horário: 06:00 - 01:00 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pavimentos em madeira em mau estado de conservação • Pouco mobiliário urbano (bancos, cadeiras e bebedouros) • Falta de manutenção da Quinta dos Lilases e da Mata • Falta de sinalética e informação histórica • Elevado estado de degradação da Casa do Monte e dos restantes elementos do sistema hidráulico da Mata • Falta de visibilidade entre a Quinta dos Lilases e a Quinta das Conchas • Vandalismo • Falta de vigilância, principalmente na Mata
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Um dos maiores espaços verdes da cidade • Boas acessibilidades (proximidade ao Eixo Norte-Sul, Eixo Central e Segunda Circular) • Boa rede de transportes públicos • Ligação à Rede de Mobilidade Suave • Criação de corredores verdes entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e os espaços verdes das novas urbanizações da Alta de Lisboa • Criação de corredores verdes entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande • Estacionamento gratuito 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de verbas da CML para uma melhor manutenção • Proximidade ao Aeroporto Internacional de Lisboa • Expansão urbana • Crescente procura por parte da população • Diversas malhas da PUAL por construir, em áreas adjacentes ao parque

Quadro 1 - Análise SWOT da Quinta das Conchas e Lilases, Lisboa (Fonte: Autora)

3.2 Parque do Vale Grande

3.2.1 Enquadramento Histórico

Segundo a cartografia existente (Anexo 6), e embora não existam registos que o comprovem, a designação atribuída ao Parque do Vale Grande poderá estar relacionada com a toponímia de antigas propriedades outrora aí existentes, nomeadamente a Quinta do Vale e a Quinta Grande. Apesar de pouco se saber a cerca destas quintas, eram terrenos destinados à produção agrícola, tal como todas as propriedades existentes na zona Norte de Lisboa.

Os terrenos onde existiu a Quinta da Musgueira, outrora uma das propriedades mais prósperas e influentes da região, pertencem hoje, juntamente com as duas propriedades acima referidas, à Alta de Lisboa. Durante o século XVII, Sebastiana dos Reis adquiriu terrenos rurais na periferia da cidade de Lisboa, dando origem à Quinta de Musgueira. Após ter vários proprietários, a quinta foi vendida a Luís de Menezes. Dada a extensão e grande fertilidade dos terrenos, Luís de Menezes decidiu investir fortemente na produção agrícola, tornando-se no principal fornecedor de produtos agrícolas dos mercados da cidade. De salientar que esta propriedade se manteve na posse desta família até à atualidade (FERREIRA, 2003, Vol. II pp. 451 - 454).

Inicialmente, esta quinta era composta por uma área edificada situada na zona mais alta (casa de habitação e anexos de apoio agrícola), por uma área florestal e por terrenos agrícolas localizados numa zona mais plana e baixa. No ano 2000, deu-se início às primeiras construções relativas à urbanização da Alta de Lisboa, tendo sido destruídos os terrenos não urbanizados desta quinta. Este novo projeto urbanístico veio quebrar com o passado rural da região, ou seja, além de ter perdido a grande maioria do seu espaço, a Quinta da Musgueira encontra-se hoje em dia confinada a uma pequena área (FERREIRA, 2003, Vol. II, pp. 451 - 452).

No decorrer dessas ações urbanísticas, foram ainda destruídos os espaços envolventes da quinta, levando ao desaparecimento de antigas construções que fizeram parte da história agrícola do local. Entre os elementos destruídos, de destacar a mãe-d'água e respetiva área envolvente, que apresentava características arquitetónicas oitocentistas. Este elemento fazia parte do sistema hidráulico e era bastante semelhante à mina ainda existente na Quinta das Conchas e dos Lilases, sendo ambas alimentadas pelo mesmo lençol freático. Existiram também dois grandes tanques e respetivas fontes, que compunham uma antiga zona de recreio e lazer (FERREIRA, 2003, Vol. II pp. 462 - 468).

Deste modo, as quintas desta época partilhavam algumas características comuns. Todas possuíam casa para habitação, sendo que algumas eram usadas durante todo o ano, como no caso da Quinta da Musgueira, e outras sobretudo nos meses mais quentes, com finalidade recreativa. Por outro lado, os terrenos envolventes destas quintas eram principalmente utilizados na produção agrícola, sendo ainda frequente a realização de atividades recreativas (RIBEIRO, 1992, p. 5).

Os limites da Quinta da Musgueira foram sendo continuamente alterados ao longo do século XX e, devido ao aparecimento dos bairros clandestinos (Musgueira Norte e Sul) e à criação da Alta de Lisboa, a área que ocupa atualmente é bastante reduzida quando comparada com a sua área original.

Após as ações urbanísticas relativas à Alta de Lisboa, do traçado original da Quinta da Musgueira restou apenas o edifício principal e respetivos anexos. A falta de estudos relativos à integração paisagística desta quinta neste novo projeto urbano durante a elaboração do PUAL, deixou-a vulnerável e desenquadrada (FERREIRA, 2003, Vol. II pp. 452 - 453). Desde logo, o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles apelou à importância de definir um sistema contínuo entre as antigas azinhagas e quintas, onde se incluíam a Quinta da Granja, Carnide, Telheiras, o Paço do Lumiar, a Ameixoeira e a Charneca, sendo estas a imagem da antiga ruralidade mesmo junto à cidade de Lisboa (RIBEIRO, 1992, p. 91). A crescente expansão urbana aliada à especulação fundiária imposta a estes terrenos agrícolas, conduziu ao abandono e ao desaparecimento de muitas das quintas existentes na periferia da cidade de Lisboa (RIBEIRO, 1992, p. 81).

3.2.2 Descrição Geral

O Parque do Vale Grande, ou Parque Oeste, (Figura 23) é um dos espaços verdes mais recentes da cidade de Lisboa, tendo sido inaugurado em 2006, e tem cerca de 24 ha (CML, 2013, p. 29). Este espaço localiza-se na Freguesia de Santa Clara, a montante da Quinta das Conchas e dos Lilases, tendo como limite a Oeste o Eixo Norte-Sul, a Este o Eixo Central e a Norte a Avenida Nuno Krus Abecassis. Encontra-se aberto 24 horas e permite o acesso a pessoas com mobilidade reduzida, embora existam algumas zonas com declive mais acentuado, de difícil acesso.

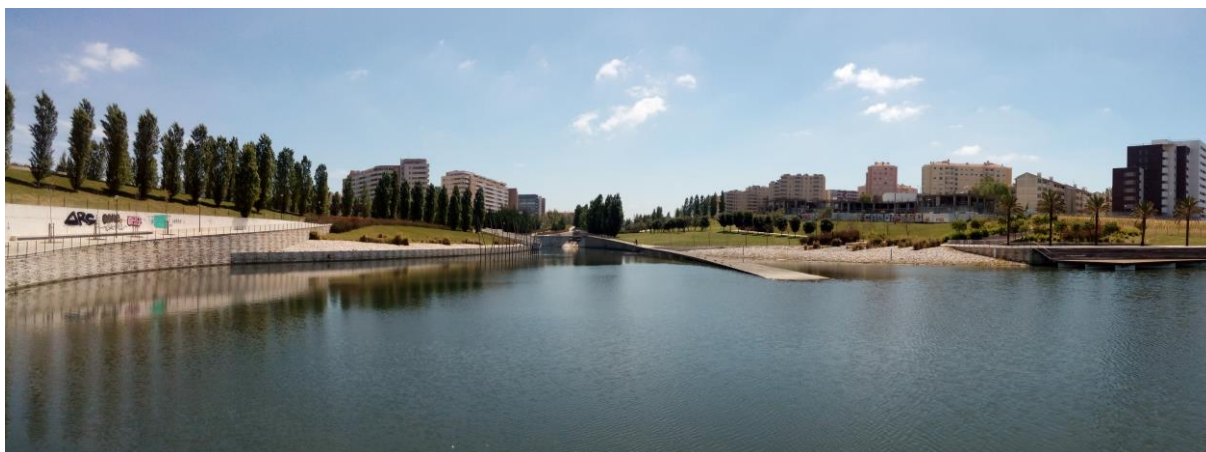


Figura 23 - Vista panorâmica do Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

Foi um projeto feito de raiz (Figura 24), elaborado pela arquiteta Isabel Aguirre de Urcola (n.1937), tornando-se no espaço verde central da recente área residencial designada por Alta de Lisboa. Este parque marca profundamente a paisagem pelo seu traçado contemporâneo, rompendo assim com o passado e com a identidade ligada a terrenos agrícolas (CML, 2013, p. 29).

O projeto do Parque do Vale Grande foi executado em 3 fases: A primeira fase foi concluída em 2006 e corresponde à parte nascente do parque; a segunda fase foi concluída no ano seguinte e corresponde à Pista de Atletismo Municipal Professor Moniz Pereira; e a terceira fase, concluída em 2010, consiste numa grande bacia de retenção e toda a zona poente do parque (CML, 2013, p. 29).



Figura 24 - Vista aérea do terreno de implantação do Parque do Vale Grande, Lisboa, s.d. (Fonte: SGAL, 2005, p. 201)

3.2.3 Parque Agrícola da Alta de Lisboa (PAAL)

No âmbito do Programa Orçamento Participativo, a Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa (AVAAL), fundada por moradores da Alta de Lisboa que partilhavam o interesse de criar hortas comunitárias, propôs a criação de um parque agrícola comunitário na Freguesia de Santa Clara. Assim, em 2015 foi criado o PAAL (Figura 25) na Quinta dos Cântaros, junto à Pista de Atletismo. Tendo sido o primeiro espaço de produção agrícola de iniciativa comunitária em terrenos municipais, encontra-se dividido em cerca de cem talhões hortícolas, que foram distribuídos através de um concurso público. Embora estejam vedadas para proteção e salvaguarda do espaço e respetivos bens, qualquer pessoa poderá visitar as hortas comunitárias. Criado com o objetivo principal de promover a qualidade de vida e a coesão social, é um espaço de produção agrícola sustentável, onde se podem praticar atividades de recreio e de investigação (JFSC, s.d.).



Figura 25 - Vistas do Parque Agrícola da Alta de Lisboa, Lisboa (Fonte: Autora)

Além de ter pensado e criado o PAAL, a AVAAL impulsionou campanhas e projetos ligados à conservação da natureza, à defesa e valorização ambiental e à gestão e manutenção de espaços e estruturas verdes urbanas. Difundiu ainda campanhas sobre ecologia cívica e educação ambiental com o objetivo de envolver a comunidade, que teve assim um papel ativo neste projeto (AVAAL, s.d.).

3.2.4 Caracterização da vegetação

A paisagem é fortemente marcada pelos inúmeros alinhamentos de *Populus nigra* var. *italica* Münchh (choupos-da-Lombardia, 158 exemplares), que são facilmente observáveis de qualquer ponto do parque devido ao seu grande porte. Esta espécie arbórea é caracterizada por ter um crescimento rápido e estar bem adaptada a climas quentes e secos (TRAVASSOS *et al.*, 2009, p. 270). No entanto, apresenta alguns inconvenientes, pois além de proporcionar pouca sombra, o seu sistema radicular superficial tem tendência a danificar pavimentos (ALMEIDA, 2006, p. 178).

O único maciço arbóreo, situado junto ao lago, é formado por 15 exemplares de *Casuarina junghuhniana* Miq., sendo um dos locais mais procurados para descansar. A ladear o caminho central do parque que estabelece a ligação Este-Oeste, podemos encontrar vários exemplares de *Olea europaea* var. *europaea*. No topo Norte existe uma densa barreira, formada por *Cupressus lusitanica* Mill., que embora impossibilite a visão do exterior do parque, tem uma importante função ecológica. Este conjunto de árvores está disposto segundo um compasso de plantação bastante reduzido, tendo um efeito corta-vento bastante eficiente.

Na entrada nascente do parque existe uma pequena alameda que até 2015 era ladeada por *Phoenix canariensis* Chabaud e *Phoenix dactylifera* L.. As *Phoenix canariensis* Chabaud foram gravemente afetadas pelo escaravelho *Rhynchophorus ferrugineus* e, à semelhança do que se verificou na Quinta das Conchas e dos Lilases, acabaram por não resistir. Atualmente esses alinhamentos são formados pelas mesmas *Phoenix dactylifera* L. e por *Cupressus* sp., recentemente colocados.

Todo o parque é revestido por uma grande extensão de relvado, que se encontra pontuado por diversos exemplares de *Cercis siliquastrum* L., *Magnolia grandiflora* L., *Jacaranda mimosifolia* D. Don e *Prunus cerasifera* var. *pissardii* (CarriŠre) Dost. Devido a estes exemplares ainda se encontrarem poucos desenvolvidos, acabam por não proporcionar o efeito de sombra desejado.

3.2.5 Sistema Hidráulico

As bacias de retenção desempenham um papel fundamental para as freguesias de Santa Clara e do Lumiar, pois através destas é possível evitar inundações e permitir o armazenamento de água (CML, 2013, p. 29).

A bacia de retenção do Parque do Vale Grande é formada por quatro lagos interligados (Figura 26), e permite efetuar uma rega sustentável e eficaz ao longo de todo o ano. Os lagos não têm qualquer tipo de tratamento químico porque, além da água ser utilizada para rega, no seu interior habitam inúmeras espécies, nomeadamente peixes, tartarugas e crustáceos. Assim, para que a vida animal não seja

afetada, o tratamento da água é feito através de um sistema de bombagem, que permite o seu arejamento ao mesmo tempo que diminui a eutrofização (Assembleia Municipal de Lisboa, 2016).

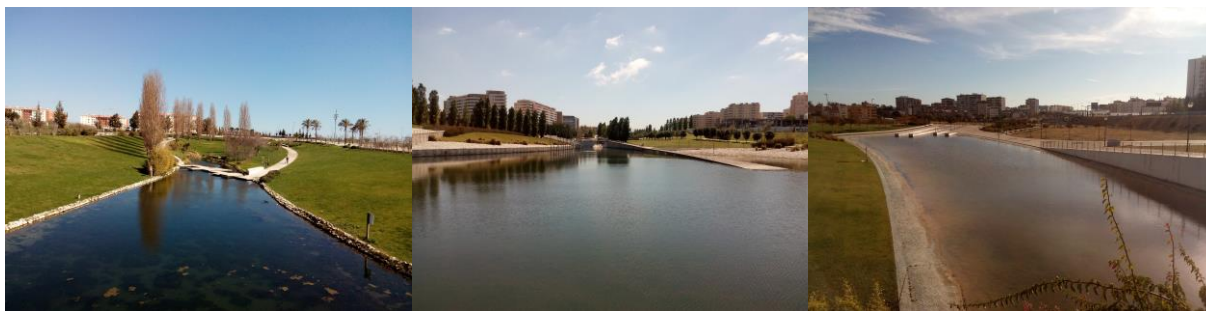


Figura 26 - Elementos que compõem o sistema hidráulico do Parque do Vale Grande, Lisboa
(Fonte: Autora)

3.2.6 Equipamentos e Infraestruturas

O Parque do Vale Grande não possui infraestruturas e equipamentos suficientes, elementos que são fundamentais para o bom funcionamento e sucesso de um espaço verde público.

Quanto ao mobiliário urbano, os bancos foram construídos de acordo com o *design* contemporâneo do parque, e encontram-se sobretudo ao longo dos percursos. No entanto, além de não possuírem encosto, encontram-se na sua maioria expostos ao sol, não sendo muito usados. Infelizmente só existe um bebedouro, o que é incompreensível tendo em conta a dimensão do parque. Em sentido contrário, existe um grande número de papeleiras que, no geral, podiam estar melhor distribuídas. Um bom exemplo é a ponte que atravessa o parque, que apesar de ser o percurso mais usado não possui qualquer papeleira.

A área de equipamentos desportivos, localizada na zona nascente, é um dos espaços mais procurados por parte da comunidade (Assembleia Municipal de Lisboa, 2016). Ao longo dos percursos existe também um circuito de manutenção, com alguns equipamentos desportivos em madeira, que tem sido alvo de vandalismo constante, encontrando-se por isso bastante degradado.

A existência de um campo de futebol inclinado, na zona poente junto ao acesso do Eixo Norte-Sul, é provavelmente a falha mais surpreendente de todo o parque. Essa inclinação, aliada à falta de manutenção do coberto vegetal, explica o facto de o campo não ser utilizado. Estava prevista ainda a criação de um *Skate Park* com cerca de 1.500 m² (CML, 2013, p. 158), que até à data ainda não foi construído.

No interior do lago principal existe uma rampa, que foi construída com o objetivo de servir de apoio à prática de canoagem. À imagem do conceito existente no Campo Grande, o lago era suposto ser um local agradável, onde as pessoas pudessem alugar barcos a remos e dar um passeio. No entanto, visto a cafetaria que iria promover essa atividade lúdica ter sido alvo de atos de vandalismo, essa ideia não chegou a ser posta em prática. Na verdade, embora exista um quiosque e uma cafetaria, estes não se encontram em funcionamento há alguns anos, devido principalmente ao sentimento de insegurança por parte de possíveis investidores.

3.2.7 Atividades praticadas no Parque do Vale Grande

Passear/Andar no parque

Andar sozinho, acompanhado ou em grupo é a atividade mais praticada neste parque, sobretudo nos percursos que estabelecem a ligação entre a Freguesia do Lumiar e a de Santa Clara (Figura 27). Os visitantes têm a possibilidade de passear em contacto com a natureza, próximo da sua área de residência. Os idosos apreciam especialmente este parque para fazer as suas caminhadas, devido à sua calma e tranquilidade. No entanto, o facto de existir pouca sombra ao longo dos percursos, faz com que o parque não seja mais usado para esse efeito.



Figura 27 - Andar no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

Passear com criança(s)

Passear com crianças é uma das atividades mais praticadas no parque (Figura 28). Muitos pais acabam por passear um pouco com os seus filhos neste espaço verde, depois de os irem buscar à escola ou à creche. Este facto é facilmente explicado pela proximidade do parque a várias escolas e creches. Os passeios matinais com bebés são uma prática frequente nos meses mais quentes pois, além da tranquilidade do parque, esse é o período do dia em que a temperatura é mais amena.



Figura 28 - Passear com criança(s) no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

Passear animais de estimação

Tendo em conta a sua escassa utilização, este espaço verde é considerado bastante agradável e tranquilo pelas pessoas que pretendem passear os seus animais de estimação (Figura 29). Os extensos relvados proporcionam condições propícias para essa prática, sendo que os animais podem interagir entre si e correr livremente, não pondo em causa a segurança dos outros visitantes. Curiosamente, existe um grupo de pessoas que passeia sempre os seus cães em conjunto, ao final do dia, constituindo uma pequena comunidade (Figura 29, foto da direita).



Figura 29 - Passear animal de estimação no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

Exercício Físico

Dada a proximidade da Pista de Atletismo Municipal Professor Moniz Pereira, os atletas costumam utilizar diariamente o parque para treinar. Sendo composto por diversos percursos e grandes áreas de relvado, possibilita a realização de diferentes tipos de exercício físico (Figura 30). Como alternativa ao *jogging*, existem a zona de equipamentos desportivos e o circuito de manutenção, que são também bastante procurados pelos visitantes.



Figura 30 - Atividades desportivas realizadas no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

Andar de bicicleta

Embora se vejam algumas pessoas a andar de bicicleta no parque (Figura 31), a grande maioria apenas o atravessa em linha reta como parte da sua deslocação, ao invés de dar as habituais voltas de quem está a praticar um *hobby*. Apesar do parque oferecer condições ótimas para a prática desta modalidade, como ter uma grande variedade de percursos agradáveis, o declive e o sentimento de insegurança fazem com que esta não seja mais praticada.



Figura 31 - Andar de bicicleta no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

Sentar/Deitar/Relaxar

Embora as pessoas gostem de se sentar e relaxar em espaços verdes, este parque oferece poucas áreas de estadia que possibilitem momentos de descontração. Os locais dotados de mobiliário urbano não têm qualquer tipo de sombra, e as zonas de relvado, devido à falta de limpeza e manutenção, também não oferecem as melhores condições para esta prática. Uma das poucas zonas de sombra do parque situa-se junto ao lago, na área onde se encontra o maciço arbóreo. Por ser um local bastante fresco e aprazível, é o um dos mais procurados pelos visitantes para se sentarem, deitarem e relaxarem. Outro local muito procurado é a área de estadia com bancos que se encontra a uma cota superior ao restante parque, junto ao acesso ao Eixo Norte-Sul, dando a possibilidade ao utilizador de desfrutar de um ótimo sistema de vistas enquanto retempera energias (Figura 32).



Figura 32 - Sentar, deitar e relaxar no Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

A verdade é que, apesar de grande parte do parque ser propício à realização de piqueniques, festas de aniversários, ou outras atividades que frequentemente se observam na Quinta das Conchas e dos Lilases, tal não se verifica. Este facto é facilmente explicado pela inexistência de zonas de sombra, de infraestruturas dinamizadoras (parque infantil, zonas de restauração) e de equipamentos essenciais para a qualidade de um parque (bebedouros, instalações sanitárias, parque de merendas).

Como se pode verificar através do relatório de visita da 4ª Comissão Municipal Permanente de Ambiente e Qualidade de Vida ao Parque do Vale Grande, realizado em 2016, *“A concessão dos equipamentos de restauração (quiosque e cafetaria) não teve ainda sucesso. Este aparente desinteresse de privados poderá prender-se com uma falta de hábito das populações locais e da cidade na utilização regular do Parque Vale Grande e deverão criar-se as condições para essa utilização, potenciando as suas condições. A este interesse não são alheios outros equipamentos, como um parque infantil ou uma zona de mesas e cadeiras (parque de merendas, por ex.)”* (Assembleia Municipal de Lisboa, 2016).

Se a cafetaria e o quiosque voltassem a funcionar, iriam atrair mais visitantes, que teriam assim motivação para permanecer mais tempo no parque. Em Dezembro de 2017 foi aberto um novo concurso público para a exploração destes espaços, que até à data continuam encerrados.

Eventos

Existe uma área multifuncional, desprovida de qualquer tipo de equipamento e vegetação, adjacente à zona de equipamentos desportivos, que se destina à realização de eventos, nomeadamente feiras, festas e competições desportivas (Assembleia Municipal de Lisboa, 2016).

Atualmente, a quantidade de eventos realizados no Parque do Vale Grande é bastante reduzida. No entanto, sempre que realiza um evento, seja ele um espetáculo ou atividades infantis, verifica-se uma forte adesão por parte da comunidade local. A divulgação destes eventos é bastante restrita, centrando-se apenas na comunidade local, e é feita através de conversas casuais, da internet e alguns cartazes, o que faz com que a adesão de pessoas não pertencentes à comunidade local seja reduzida, ou mesmo nula.

3.2.8 Análise SWOT

Tal como na Quinta das Conchas e dos Lilases, as visitas ao Parque do Vale Grande foram fundamentais para a elaboração da análise SWOT, e permitiram efetuar um diagnóstico do seu estado atual em termos de pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças (Quadro 2):

<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Área: 24 ha • Local de grande valor paisagístico e ecológico • Grande potencial de vistas • Sistema hidráulico e respetivas infraestruturas (lagos, cascata e repuxos) • Local de recarga direta de aquíferos • Grande tranquilidade • Extensas áreas relvadas • Zona de equipamentos desportivos • Biodiversidade (aves, peixes, répteis e anfíbios) • Proximidade a várias áreas residenciais • Proximidade a escolas e creches • Aberto 24 horas 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vegetação pouco desenvolvida • Áreas de estadia sem sombra • Falhas no sistema de rega • Falta de manutenção e limpeza • Ausência de sinalética e informação histórica • Ausência de vigilância • Insegurança • Ausência de serviços de restauração • Ausência de instalações sanitárias • Ausência de parque infantil • Ausência de parque de merendas • Pouco mobiliário urbano • Falta de bebedouros
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proximidade à Quinta das Conchas e dos Lilases • Proximidade à Pista de Atletismo e ao PAAL • Boas acessibilidades (proximidade ao Eixo Norte-Sul e ao Eixo Central) • Criação de corredores verdes entre os espaços verdes das novas urbanizações da Alta de Lisboa e o Parque do Vale Grande • Criação de corredores verdes entre o Parque do Vale Grande e a Quinta das Conchas e dos Lilases • Estacionamento gratuito • Recuperação e ativação da cafetaria e do quiosque 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fraca manutenção por falta de verbas da CML • Fraca rede de transportes públicos para a Alta de Lisboa • Proximidade ao Aeroporto Internacional de Lisboa • Expansão urbana da Alta de Lisboa • Edifícios abandonados junto ao parque • Diversas malhas do PUAL por construir • Vandalismo

Quadro 2 - Análise SWOT do Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

3.3 Análise comparativa entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande

Os dois parques urbanos em estudo têm dimensão semelhante, amplos relvados, inúmeros caminhos e são agradáveis, sendo convidativos e propícios à prática de diversas atividades. No entanto, o facto de a Quinta das Conchas e dos Lilases ter zonas de restauração com esplanada, parques infantis, parque de merendas e múltiplas zonas de sombra, faz com que seja um caso de sucesso, ao contrário do Parque do Vale Grande, que não possui tais elementos (Quadro 3).

	
Quinta das Conchas e dos Lilases Freguesia do Lumiar, Lisboa	Parque do Vale Grande Freguesia de Santa Clara, Lisboa
<ul style="list-style-type: none">• Área total: 29,2 ha• Data: Quinta das Conchas - Século XVI; Quinta dos Lilases – Século XIX• Horário: 06:00 – 01:00• Acesso principal: Alameda das Linhas de Torres• Acesso a pessoas com mobilidade reduzida• Estacionamento gratuito• Transportes públicos: Metro “Estação Quinta das Conchas” e autocarros 17, 36, 47, 96, 98• Zonas de restauração e esplanadas• Instalações sanitárias• Parques infantis• Parque de merendas• Não possui equipamentos desportivos• Grande variedade de eventos e atividades• Potencial de vistas• Biodiversidade• Amplos relvados• Muitas zonas de sombra• Espécies arbóreas mais presentes: <i>Olea europaea</i> e <i>Eucalyptus globulus</i>• Número de exemplares classificados: 46 (30 <i>Eucalyptus globulus</i> e 16 <i>Zelkova carpinifolia</i>)	<ul style="list-style-type: none">• Área total: 24 ha• Data: 2006• Horário: 24 horas• Acesso principal: Avenida Nuno Krus Abecassis• Acesso a pessoas com mobilidade reduzida• Estacionamento gratuito• Transportes públicos: Metro “Estação Ameixoeira” e autocarros 3, 17, 98• Não possui zonas de restauração e esplanadas• Não possui instalações sanitárias• Não possui parque infantil• Não possui parque de merendas• Equipamentos desportivos• Poucos eventos e atividades• Potencial de vistas• Biodiversidade aquática• Amplos relvados• Poucas zonas de sombra• Espécie arbórea mais presente: <i>Populus nigra</i> var. <i>italica</i>• Sem exemplares classificados

Quadro 3 - Quadro comparativo da Quinta das Conchas e dos Lilases e do Parque do Vale Grande, Lisboa (Fonte: Autora)

4. Análise e discussão dos resultados obtidos

Foi recolhida uma grande quantidade de informação através dos métodos de investigação utilizados. Contendo o registo do número de visitantes, dos seus hábitos, características e atividades praticadas, e ainda de outros elementos relativos ao modo como os parques são usados, decidiu-se organizar os resultados obtidos em gráficos e plantas. De salientar que nos gráficos 2, 3, 6 e 7, cada conjunto de duas colunas (homens e mulheres) corresponde a um dia, enquanto nos gráficos 4, 5, 8 e 9, cada coluna corresponde a um dia. Todos os gráficos estão ordenados cronologicamente.

4.1 Síntese dos mapas comportamentais – Quinta das Conchas e dos Lilases

Foi registado² um total de 20406 visitantes, 8593 (4485 homens e 4108 mulheres) no período da manhã e 11813 (5942 homens e 5871 mulheres) no período da tarde (Gráficos 2 e 3).

Quase metade dos visitantes tem idades compreendidas entre os 30 e os 65 anos (43%), constituindo o grupo etário que mais utiliza este espaço verde. Existe um equilíbrio notório entre os grupos de crianças e bebés (16%), jovens adultos (15%) e idosos (21%). Surpreendentemente, os adolescentes (5%) são o grupo que menos frequenta o parque. Este facto poderá ser explicado pela ausência de atividades suficientemente atrativas para esta faixa etária. Apesar de existirem mais visitantes do sexo masculino, principalmente no período da manhã, o equilíbrio entre géneros prevalece neste espaço verde.

Tendo em conta que o pico máximo de afluência se verifica entre as 17h e as 20h, torna-se evidente que o horário laboral e o horário escolar têm uma influência fundamental nestes resultados, mais concretamente no facto de se registar um número maior de visitantes no período da tarde.

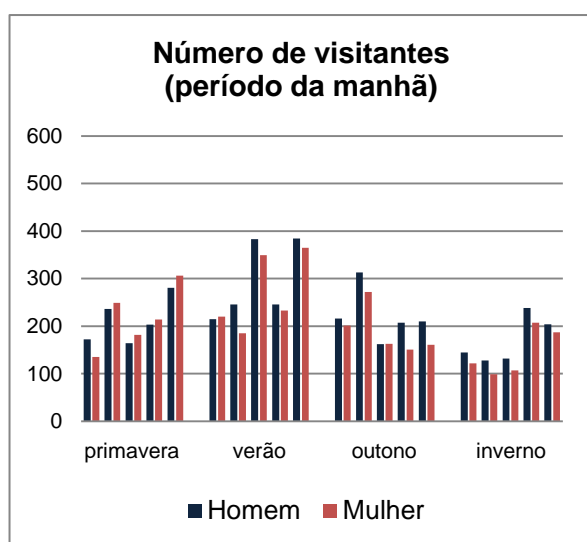


Gráfico 2 - Distribuição dos visitantes durante o período da manhã na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

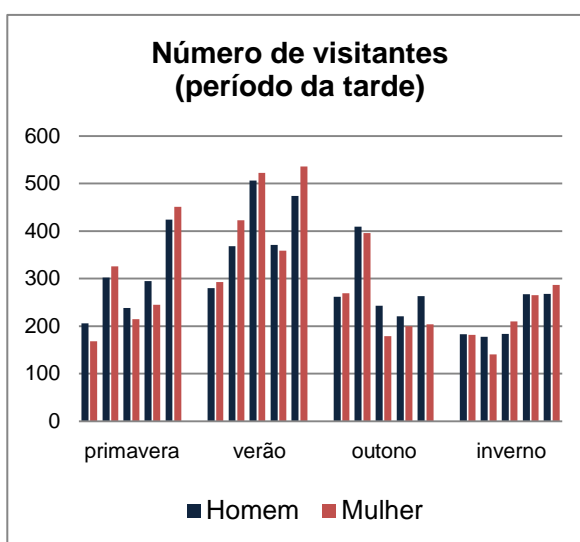


Gráfico 3 - Distribuição dos visitantes durante o período da tarde na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

² Infelizmente, nem sempre foi possível apurar com exatidão o número de visitantes da Quinta das Conchas e dos Lilases, devido à sua grande dimensão e à enorme afluência registada, principalmente nos meses de verão.

Nos gráficos, os dois dias de cada estação em que se verificou uma afluência maior correspondem a fins de semana, nos quais se verifica um aumento do número de visitantes na ordem dos 50%, comparativamente aos dias de semana.

Analisando mais pormenorizadamente os gráficos, é possível observar um padrão semelhante à curva de Gauss, com valores máximos no verão e mínimos no inverno.

No início da primavera o número de visitantes diários rondou os 900. Ao longo da primavera, com os dias a ficarem mais longos e agradáveis, verificou-se um aumento progressivo de visitantes, aumento esse que teve continuação ao longo do verão, sendo esta a estação em que a afluência ao parque atingiu valores máximos. O dia com maior afluência foi um sábado, no qual foi possível apurar a presença de aproximadamente 1800 visitantes, no total entre o período da manhã e o da tarde. Apesar de no início do outono os dias ainda estarem razoavelmente agradáveis, verificou-se uma ligeira diminuição da procura, tendo sido registados valores na ordem dos 800 visitantes. Com os dias a ficarem mais curtos e frios, o número de visitas foi diminuindo gradualmente até ao inverno, estação em que se verificou uma menor procura do parque, principalmente no período da manhã.

Uma das características da Quinta das Conchas e dos Lilases é permitir que um grande número de visitantes pratique atividades em simultâneo, por mais variadas que estas sejam (Gráficos 4 e 5).

A atividade “passear/andar” é sem dúvida a atividade mais praticada, independentemente do período do dia e da estação do ano. Esta atividade engloba todos os visitantes que passeiam e andam no parque, assim como os que estejam apenas a atravessá-lo. É também normal observar visitantes a “passear com criança(s)” durante todo o ano, uma atividade realizada preferencialmente em dias quentes e em tardes de fins de semana. Sendo um parque agradável com amplos relvados e uma vista desafogada, oferece condições ótimas para quem quer o seu animal de estimação, atividade que tem uma procura constante ao longo de todo o ano. De salientar que em todas as visitas à Quinta das Conchas e dos Lilases se registaram sempre centenas de pessoas a praticar uma destas atividades de passeio.

As manhãs de dias de semana são bastante mais tranquilas que as tardes, e as pessoas deslocam-se ao parque com o objetivo de dar um passeio ou praticar algum tipo de desporto. “Exercício físico” é a única atividade praticada preferencialmente no período da manhã, principalmente no verão, pois é uma atividade praticada normalmente em ambientes tranquilos, sobretudo no caso do *jogging*. Os fins de semana são os dias em que se regista uma maior afluência ao parque, sendo que as manhãs não são exceção. Temos o exemplo do mercado, realizado durante os sábados de manhã, que atrai imensas pessoas até ao parque com o intuito de adquirir produtos biológicos e artesanais, aproveitando para dar um passeio e conviver. Podendo ser consideradas uma das imagens de marca do parque, pela sua popularidade, as atividades “convívio” e “piqueniques” têm lugar quase exclusivamente em tardes de fins de semana e em dias quentes, mais concretamente no fim da primavera, no verão e no início do outono. “Andar de bicicleta” é uma atividade praticada sobretudo nos fins de semana, sendo que os percursos normalmente usados são os mais periféricos e largos.

As atividades “jogar/brincar” e “parque infantil” realizam-se preferencialmente no verão, sendo atividades de fim de semana nas outras estações. Os visitantes que se deslocam até à Quinta das Conchas e dos Lilases para se sentarem, deitarem ou relaxarem preferem fazê-lo de tarde, nas áreas mais tranquilas.

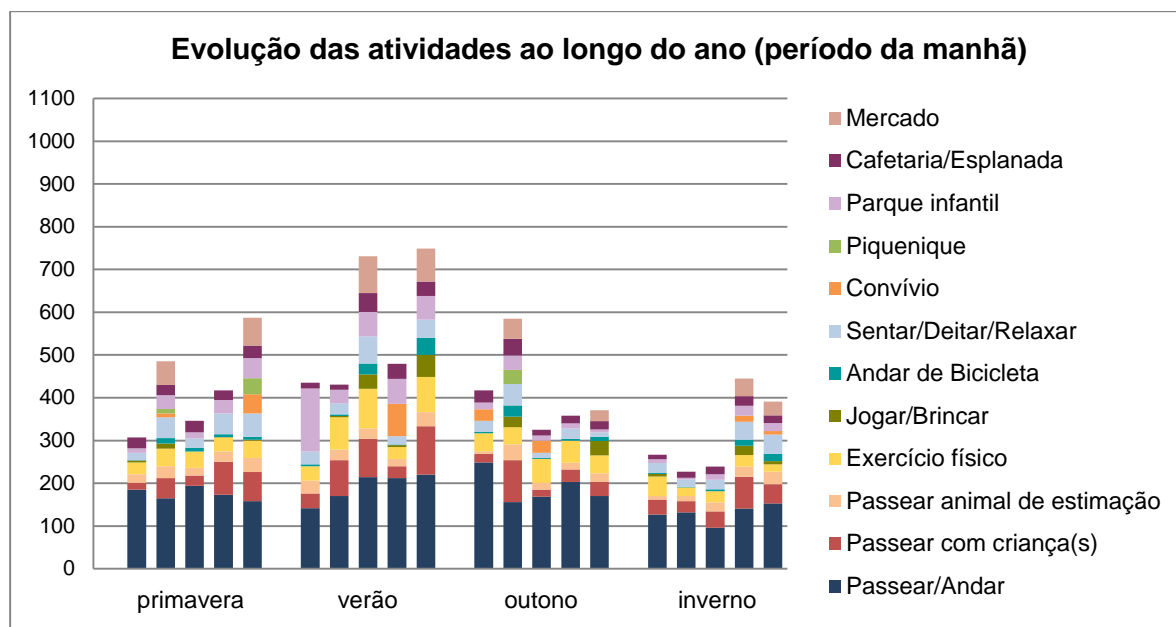


Gráfico 4 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da manhã, na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

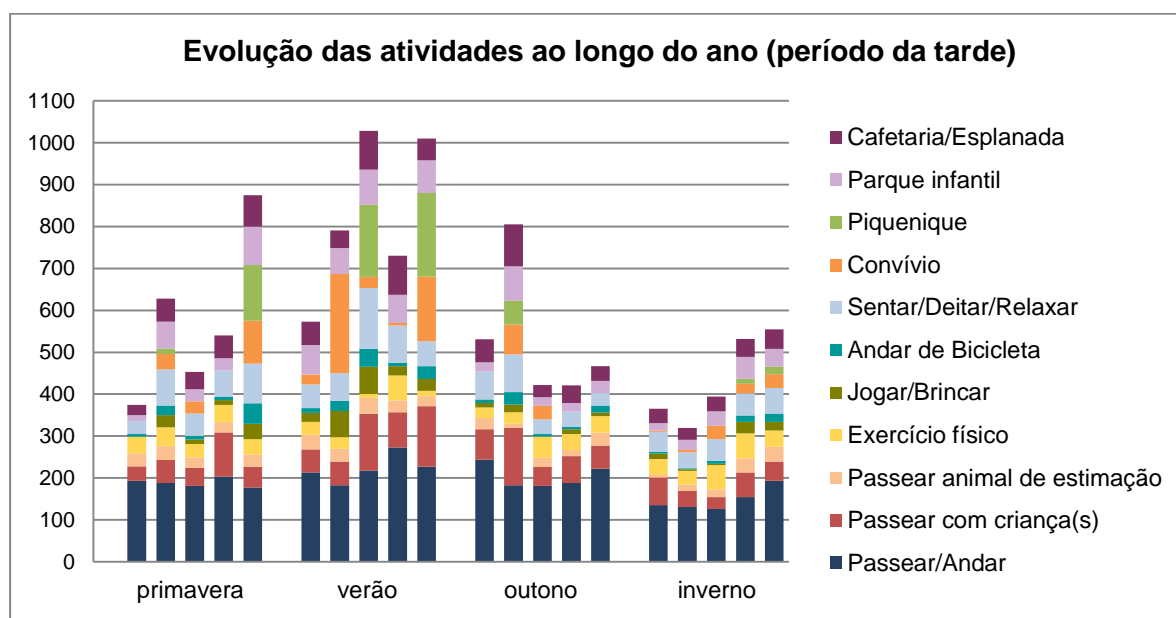


Gráfico 5 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da tarde, na Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

4.2 Síntese dos mapas comportamentais - Parque do Vale Grande

Foi registado um total de 4749 visitas, 2334 (1330 homens e 1004 mulheres) no período da manhã e 2415 (1397 homens e 1018 mulheres) no período da tarde (Gráficos 6 e 7).

Tal como na Quinta das Conchas e dos Lilases, o grupo etário que mais utiliza o parque são as pessoas com idades entre os 30 e os 65 anos (51%), constituindo cerca de metade do número total de visitantes. Os jovens adultos (16%) e os idosos (17%) são os seguintes grupos etários que mais frequentam este espaço, sendo que a percentagem de adolescentes é baixa (7%), à semelhança do outro parque em estudo. A maior discrepância verifica-se no grupo etário das crianças e bebés, constituindo apenas 9% dos visitantes.

Como se pode ver pelos gráficos, o número de visitantes é muito constante ao longo do ano, mantendo inclusivamente essa constância nos fins de semana. Apresentando ainda uma utilização praticamente idêntica no período da manhã e no período da tarde, facilmente se depreende que o Parque do Vale Grande apresenta uma realidade muito diferente da Quinta das Conchas e dos Lilases. O número de visitantes do sexo masculino é maior que o do sexo feminino, facto bem visível nos gráficos e comprovado durante as visitas ao parque. Enquanto na Quinta das Conchas e dos Lilases existe um equilíbrio entre géneros, no Parque do Vale Grande tal não acontece, existindo uma considerável desproporção de 7 homens para cada 5 mulheres. Como referido anteriormente, se um espaço verde público tiver pouca procura torna-se num espaço pouco atrativo, sobretudo se a maioria dos visitantes for do sexo masculino.

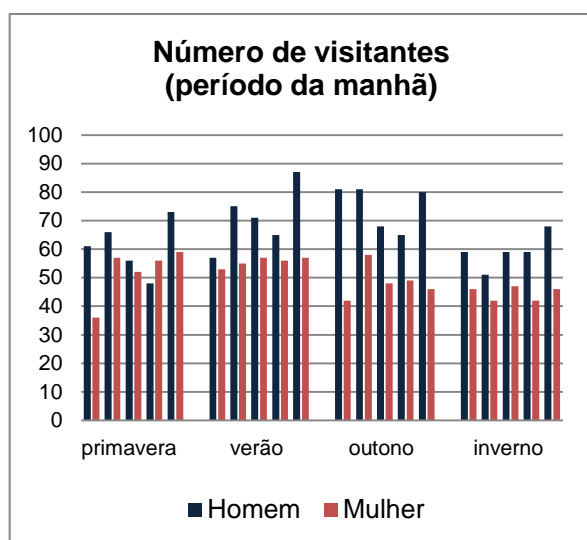


Gráfico 6 - Distribuição dos visitantes durante o período da manhã no Parque do Vale Grande, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

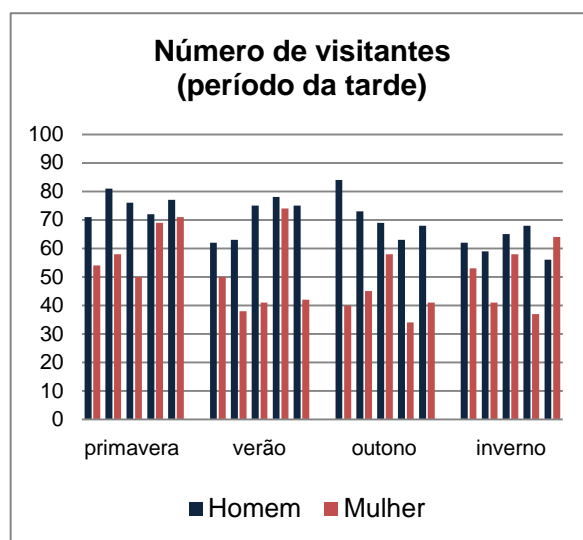


Gráfico 7 - Distribuição dos visitantes durante o período da tarde no Parque do Vale Grande, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

Curiosamente, a estação em que se registou maior afluência foi a primavera, sendo as tardes de primavera e as manhãs de verão os períodos com mais visitas. A falta de bebedouros e de zonas de sombra podem explicar, em parte, a ligeira quebra do número de visitantes no verão relativamente à primavera. A época do ano com menos visitas foi o inverno, onde se registou uma ligeira diminuição do número de visitantes.

Durante as visitas ao local, foi possível verificar que há várias pessoas que utilizam o parque mais do que uma vez por dia, sempre de passagem. Também se pôde constatar que algumas pessoas utilizaram o parque em diferentes dias deste estudo. Através do cruzamento desta informação com os dados recolhidos, depreende-se que além do parque ser pouco utilizado, as pessoas que o utilizam fazem-no regularmente. O facto de os visitantes raramente permanecerem algum tempo no parque, sobretudo de manhã e à hora de almoço, faz com que este se encontre quase sempre “vazio”. Se não fossem contabilizadas as pessoas que se encontram de passagem e fossem apenas tidas em conta as que permanecem mais de 15 minutos no parque, o número de visitantes considerado neste estudo seria bastante mais reduzido.

Com uma utilização muito menor que a da Quinta das Conchas e dos Lilases, o Parque do Vale Grande apresenta um leque reduzido de atividades, na sua maioria constantes ao longo do ano (Gráficos 8 e 9). É importante referir que o Parque do Vale Grande apresenta mais desafios e barreiras (declive, percursos restritos e lagos) que o outro parque em estudo, sobretudo para os idosos e crianças. Deste modo, é fulcral criar espaços e promover atividades neste espaço, capazes de despertar o interesse das crianças, pois será essa a geração que virá a utilizar este parque no futuro.

Mais de metade das pessoas visita o parque para “passear/andar”, muitas vezes apenas para o atravessar. “Passear com criança(s)” e “passear o animal de estimação” são atividades diárias, sendo mais frequentes no período da tarde e no período da manhã, respetivamente. O facto de estas três atividades de passeio constituírem 80% do total das atividades praticadas neste espaço verde demonstra bem a monotonia das suas vivências.

Com uma pista de atletismo a 300 metros, não surpreende que o exercício físico seja uma das atividades mais praticadas no Parque do Vale Grande, principalmente no período da manhã. Embora existam pessoas a andar de bicicleta ao longo de todo o ano, estas fazem-no com mais frequência em fins de semana. Já quem opta por se sentar e relaxar escolhe normalmente o período da tarde. A falta de elementos dinamizadores pode explicar o facto de quase todas as atividades praticadas no parque serem de cariz individual ou familiar, ou seja, atividades de grupo como “convívio” ou “brincar/jogar” acontecem esporadicamente, e sempre de tarde.

Deste modo, pode-se afirmar que este é um espaço verde de passagem, e que existe um longo caminho a percorrer para que este reúna as condições ideais para ser considerado um parque de estadia.

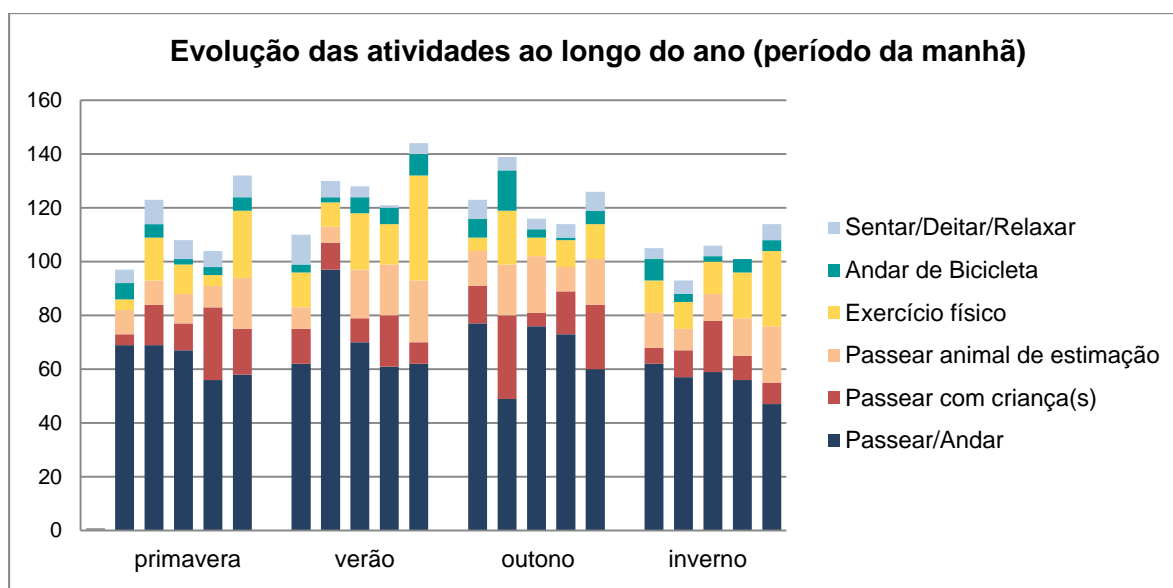


Gráfico 8 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da manhã, no Parque do Vale Grande, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

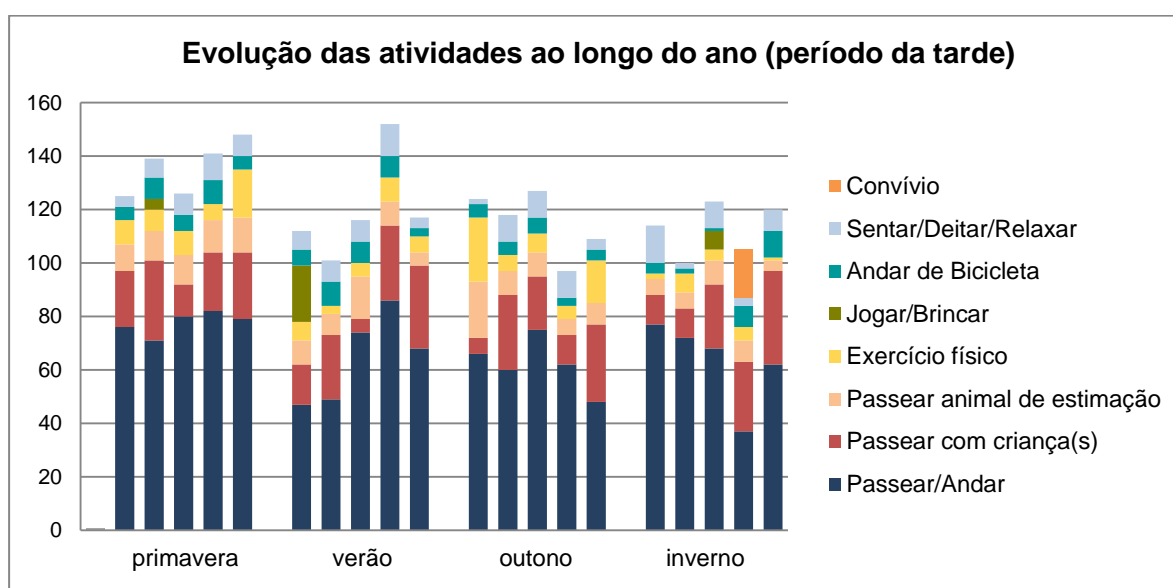


Gráfico 9 - Evolução das atividades ao longo do ano, durante o período da tarde, no Parque do Vale Grande, Lisboa (fev-nov. 2017) (Fonte: Autora)

4.3 Fluxos e zonamento de atividades

Os mapas comportamentais constituem uma ferramenta essencial para compreender o comportamento dos visitantes, nomeadamente no que respeita a percursos percorridos, áreas utilizadas e atividades praticadas em cada zona do parque. Assim, através de uma análise detalhada dos mapas comportamentais, foi possível elaborar plantas síntese com os fluxos e o zonamento das atividades de cada um dos parques.

4.3.1 Fluxos da Quinta das Conchas e dos Lilases

Apesar de existirem diariamente centenas de pessoas em constante movimento na Quinta das Conchas e dos Lilases, nem todos os percursos são utilizados com a mesma frequência. De realçar que curiosamente a maioria dos visitantes circula pelo parque no sentido contrário aos ponteiros do relógio. Os percursos mais utilizados são os que estabelecem a ligação entre as diversas entradas da Nave Central e da Quinta dos Lilases, os da zona de restauração e os adjacentes ao parque infantil. Providenciando aos visitantes a possibilidade de observar os diferentes pontos de interesse existentes no parque, os percursos adjacentes aos canais de água da Nave Central e os percursos principais da Quinta dos Lilases registaram uma utilização moderada. Os percursos menos usados encontram-se sobretudo na Mata, onde o único percurso com uma utilização moderada é o que estabelece a ligação entre a entrada da zona residencial da Quinta do Lambert e a Nave Central da Quinta das Conchas. Constituindo um atalho, o relvado principal da Quinta das Conchas também é frequentemente atravessado ao longo do dia, sobretudo quando não existem pessoas a praticar atividades nesse local (Planta 03).

4.3.2 Fluxos do Parque do Vale Grande

Quanto à circulação pedonal do Parque do Vale Grande, registou-se uma grande disparidade entre os percursos mais usados e os menos usados. Os percursos mais utilizados situam-se na zona nascente do parque e são os que estabelecem a ligação mais direta entre a Freguesia do Lumiar e a de Santa Clara, fazendo com que o movimento dos visitantes seja pendular nos sentidos Norte-Sul e Sul-Norte. Os percursos centrais do parque e os que estabelecem a ligação entre as áreas residenciais adjacentes ao parque e a entrada da zona da Ameixoeira são percursos utilizados moderadamente. Estes constituem um atalho, com acesso pelo interior do parque, para todas as pessoas que tem como objetivo utilizar a estação de metro da Ameixoeira. Junto à zona poente do parque está prevista uma nova área residencial, que se encontra vedada há vários anos. Esta situação, aliada à falta de zonas de sombra e de mobiliário urbano, contribui para que esta seja a zona do parque menos procurada. Os percursos dessa área são, em conjunto com os existentes em torno do lago principal, os menos percorridos, sendo utilizados quase exclusivamente por praticantes de *jogging*.

Através da Planta 04 é possível verificar a existência de alguns caminhos de pé posto, que funcionam como atalho às zonas residenciais e que resultaram das sucessivas passagens das pessoas por determinados locais das zonas relvadas. Estes caminhos são tão utilizados que recentemente alguns deles foram mesmo pavimentados.

4.3.3 Zonamento das atividades da Quinta das Conchas e dos Lilases

A Nave Central da Quinta das Conchas é o espaço onde são praticadas a maior parte das atividades, e compreende as áreas mais frequentadas do parque. Por outro lado, a Quinta dos Lilases e a Mata, dado o seu coberto vegetal, oferecem condições para a prática de um número muito limitado de

atividades, sendo consequentemente pouco procuradas pelos visitantes. As plantas 05a e 05b correspondem ao dia 29 de julho de 2017 (sábado), estando representado o levantamento das atividades praticadas durante o período da manhã (das 11:00h as 12:30h) e da tarde (17:30h as 19:00h), respetivamente. A escolha deste dia deveu-se ao facto de ter sido o dia com mais movimento de entre os dias em que se realizaram os mapas comportamentais.

Os piqueniques, convívio e festas de aniversário realizam-se preferencialmente nas zonas de sombra relvadas próximas dos canais de água. Atividades de grupo, como jogar à bola, são sobretudo praticadas no relvado principal da Quinta das Conchas e dos Lilases. No entanto, atividades que não necessitam de tanto espaço, como vólei ou saltar à corda, são realizadas nas zonas de relvado de menores dimensões, preferencialmente em zonas de sombra. Jogar às cartas e estudar são duas atividades muito praticadas no parque de merendas.

O carácter informal do parque faz com muitas pessoas aproveitem a sua estadia para descansar e relaxar, sendo que as zonas mais procuradas são as zonas de sombra relvadas, as esplanadas e os percursos dotados de bancos. O mercado, realizado todos os sábados de manhã, junto ao muro da Quinta dos Lilases, faz com que exista uma maior afluência nesse dia da semana, canalizando grande parte dos visitantes para essa zona do parque. Como este grande espaço verde ainda não possui um parque canino, alguns visitantes usam uma zona de relvado menos usada, situada perto da fonte da Nave Central, para brincarem e passearem com os seus animais de estimação.




4.3.4 Zonamento das atividades do Parque do Vale Grande



O espaço do Parque do Vale Grande está longe de ser usado de maneira uniforme. Embora a afluência de visitantes a este parque tenha sido bastante constante nos dias escolhidos para o levantamento, o dia 25 de agosto de 2017 (sexta-feira) foi o dia em que se registou maior número de visitantes, tendo sido representado nos mapas comportamentais. Através das plantas 06a e 06b, relativas ao período da manhã (das 09:00h às 10:30h) e da tarde (15:30h às 17:00h), respetivamente, foi possível constatar que as atividades são quase sempre praticadas nas mesmas zonas, existindo outras zonas sem qualquer tipo de atividade.

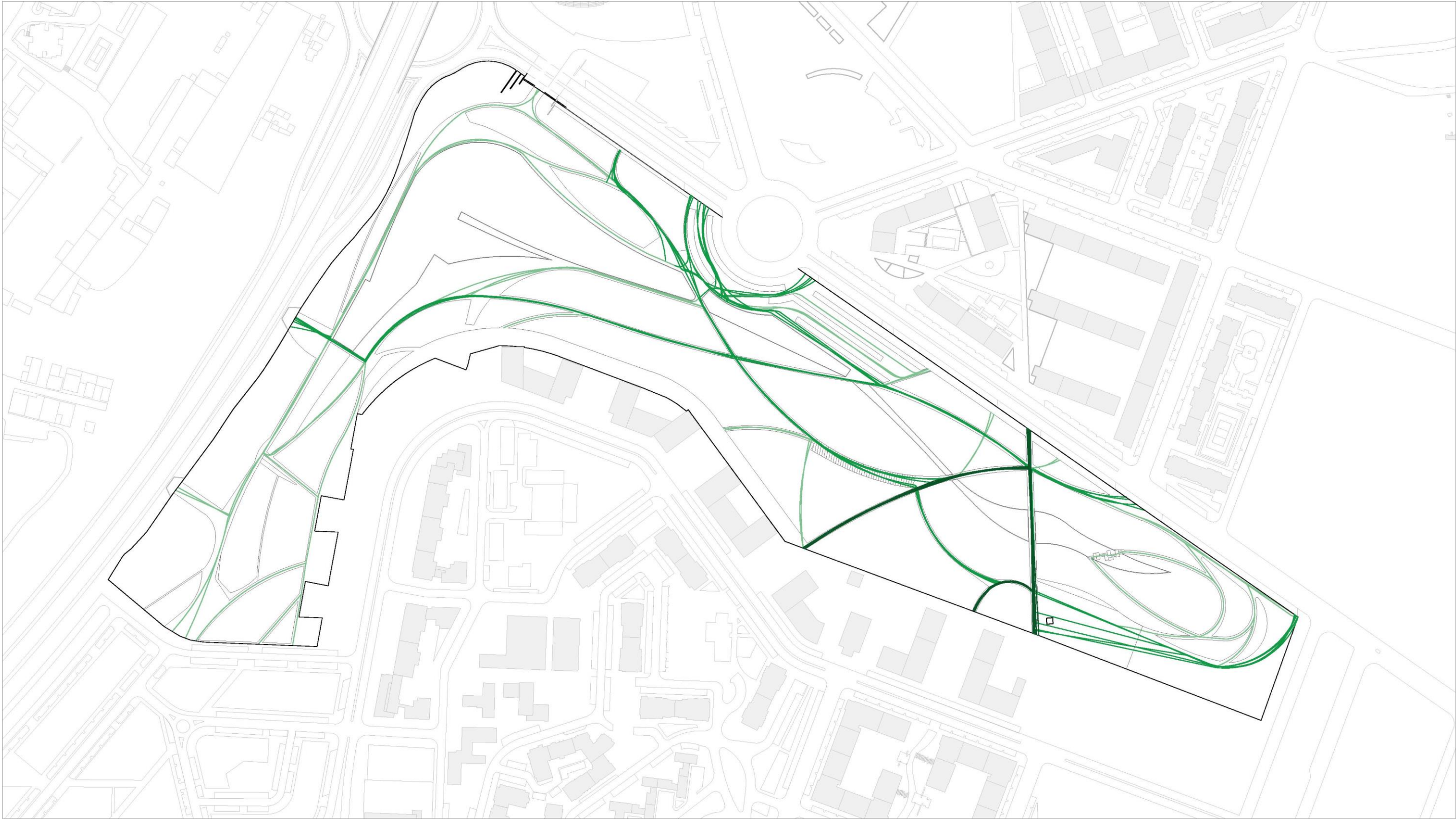
A zona de equipamentos desportivos é a mais utilizada para a prática desportiva. As zonas delimitadas a nordeste pela Avenida Nuno Krus Abecassis e as áreas relvadas na zona nascente do parque constituem as áreas preferidas dos visitantes para se sentarem e/ou descansarem. Tal como se verificou na Quinta das Conchas e dos Lilases, os visitantes deste parque também escolhem locais específicos para passear e exercitar os seus animais de estimação. Para esse efeito, as áreas relvadas adjacentes às áreas habitacionais são as prediletas. Atualmente, muitas zonas relvadas não têm qualquer tipo de uso pois possuem pouco mobiliário urbano e escassas zonas de sombra, sobretudo na zona poente do parque.



Intensidade da circulação pedonal


-  Elevada
-  Média
-  Baixa

	Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista Lisboa, 2018		
	USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE		
	Planta: FLUXOS DA QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES		
Localização: Quinta das Conchas e dos Lilases, Freguesia do Lumiar, Lisboa		Escala: 1/2000	Peça: 03
Autora: Ana Sofia Beles Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja		Base Cartográfica adaptada Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa	



Intensidade da circulação pedonal

- Elevada
- Média
- Baixa



INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Planta: **FLUXOS DO PARQUE DO VALE GRANDE**

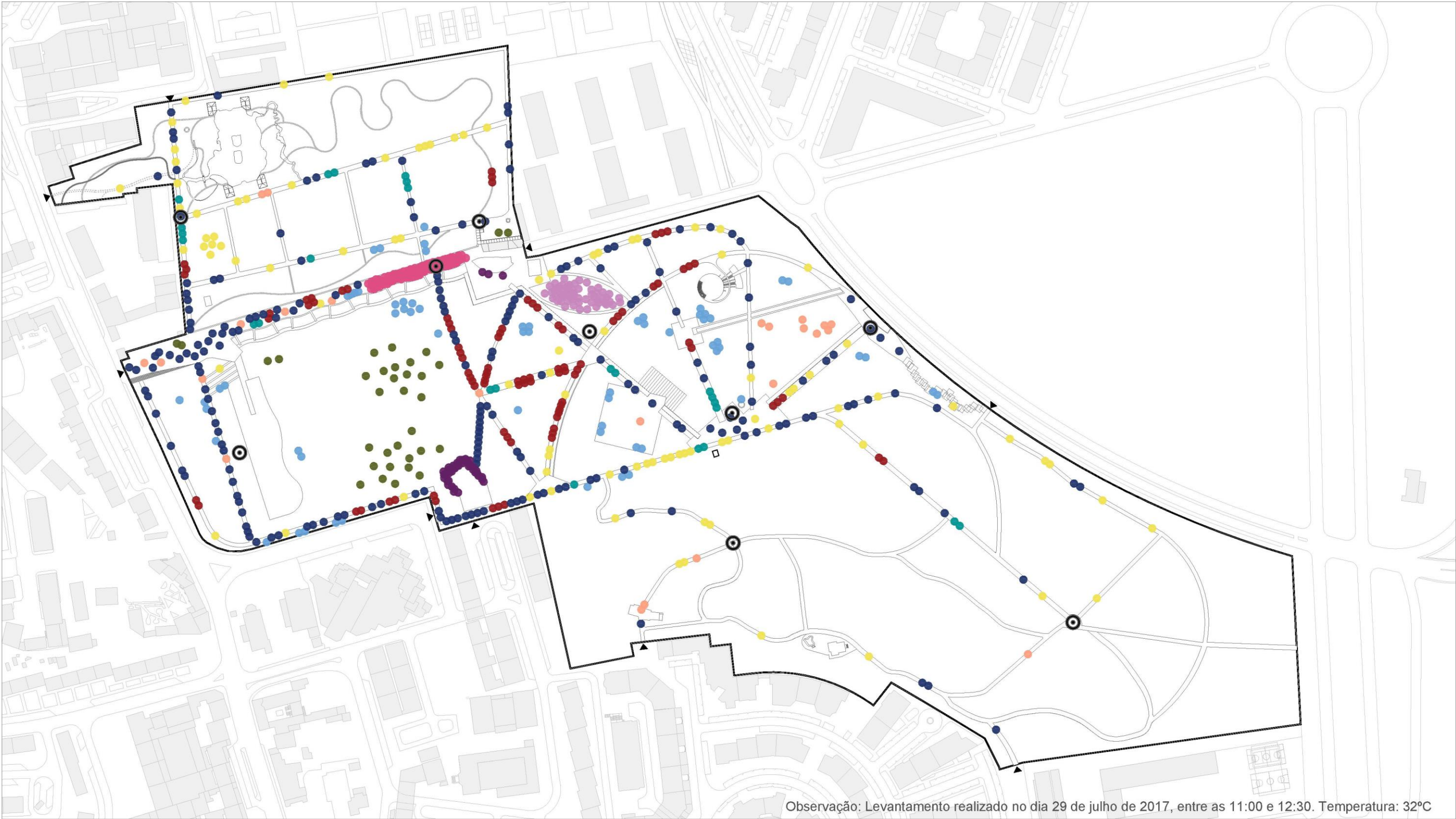
Localização:
Parque do Vale Grande, Freguesia de Santa Clara, Lisboa

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Escala: 1/2000

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

Peça: **04**



Atividades

- Passear/Andar
- Sentar/deitar/relaxar
- Passear com criança(s)
- Parque infantil
- Passear animal de estimação
- Esplanadas
- Exercício físico
- Mercado
- Jogar/Brincar
- Andar de bicicleta
- Pontos de observação

Informação adicional

Homens | 382
Mulheres | 349

Crianças | 128
Adolescentes | 12
Adultos | 399
Idosos | 192



Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Planta: **MAPA COMPORTAMENTAL DA QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES | PERÍODO DA MANHÃ**

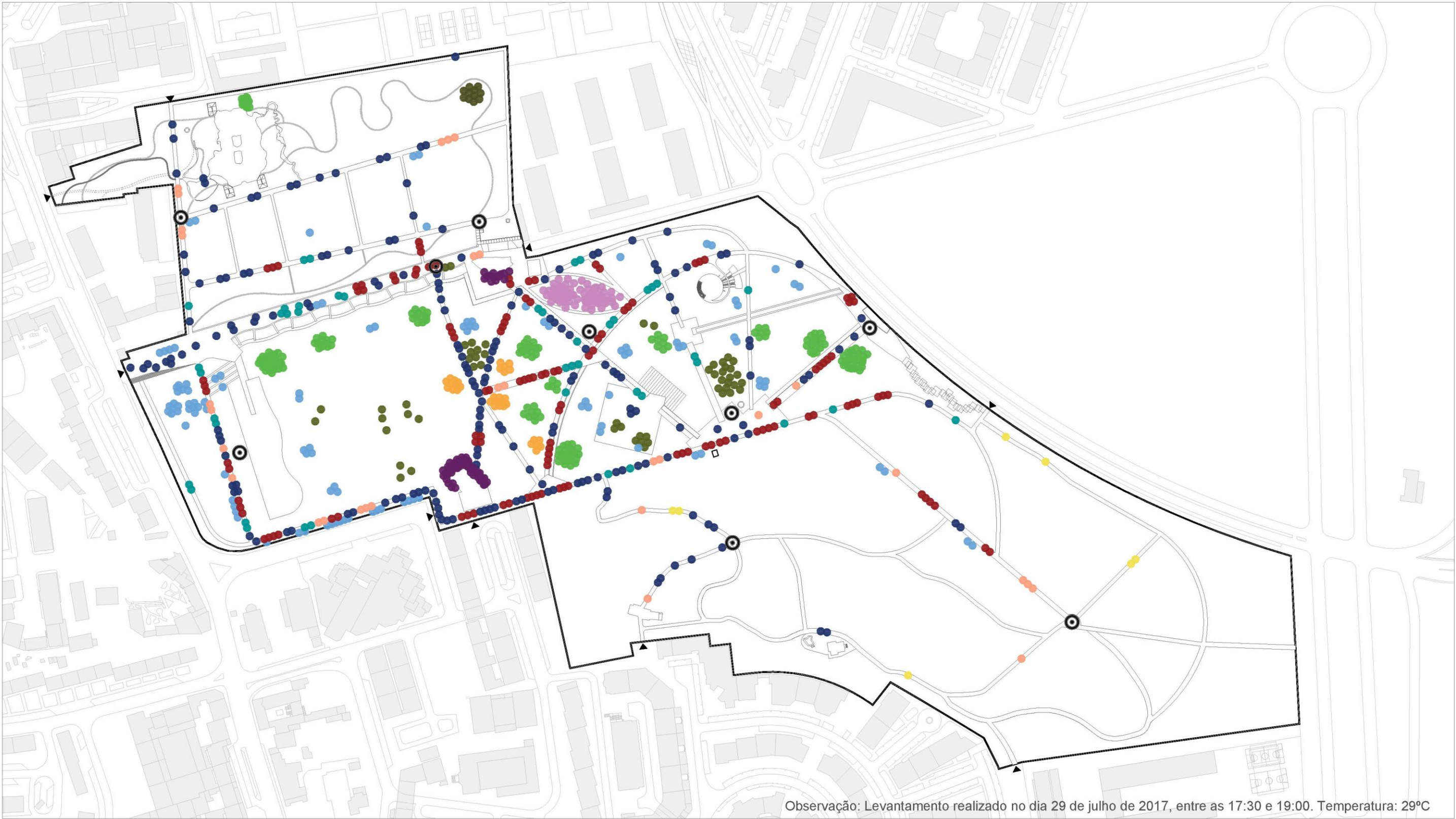
Localização:
Quinta das Conchas e dos Lilases, Freguesia do Lumiar, Lisboa

Escala:
1/2000

Peça:
05a

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa



Atividades

- Passear/Andar
- Sentar/deitar/relaxar
- Passear com criança(s)
- Convívio
- Passear animal de estimação
- Piquenique
- Exercício físico
- Parque infantil
- Jogar/Brincar
- Esplanadas
- Andar de bicicleta
- Pontos de observação

Informação adicional

Homens | 419
Mulheres | 492

Crianças | 201
Adolescentes | 69
Adultos | 501
Idosos | 140

Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Planta:
MAPA COMPORTAMENTAL DA QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES | PERÍODO DA TARDE

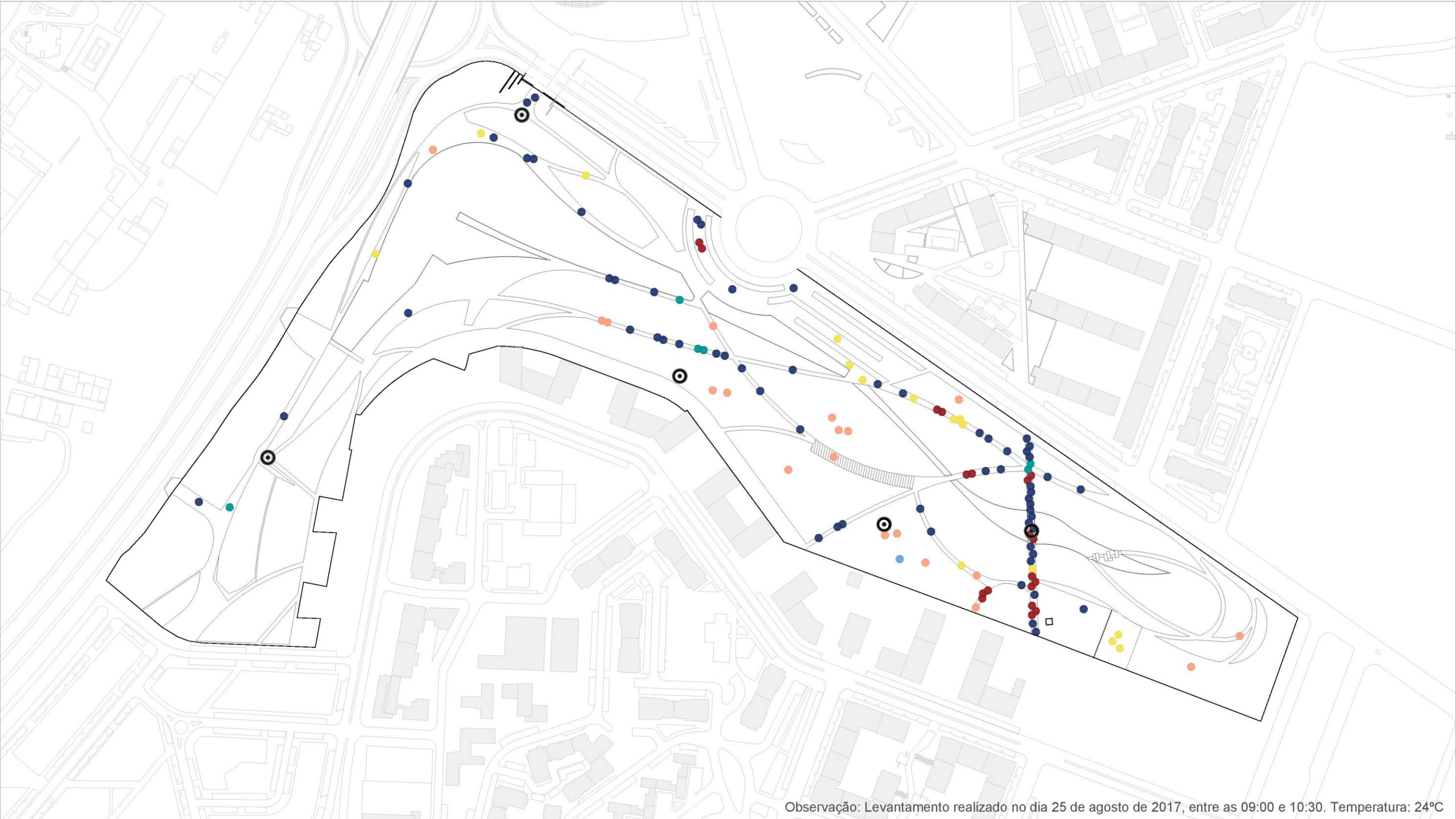
Localização:
Quinta das Conchas e dos Lilases, Freguesia do Lumiar, Lisboa

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Escala:
1/2000

Peça:
05b

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa



Atividades

- Passear/Andar
- Passear com criança(s)
- Passear animal de estimação
- Exercício físico
- Andar de bicicleta
- Sentar/deitar/relaxar

Informação adicional

Homens | 65
Mulheres | 56

Crianças | 10
Adolescentes | 4
Adultos | 79
Idosos | 28

● Pontos de observação



Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO
ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Planta:
MAPA COMPORTAMENTAL DO PARQUE DO VALE GRANDE | PERÍODO DA MANHÃ

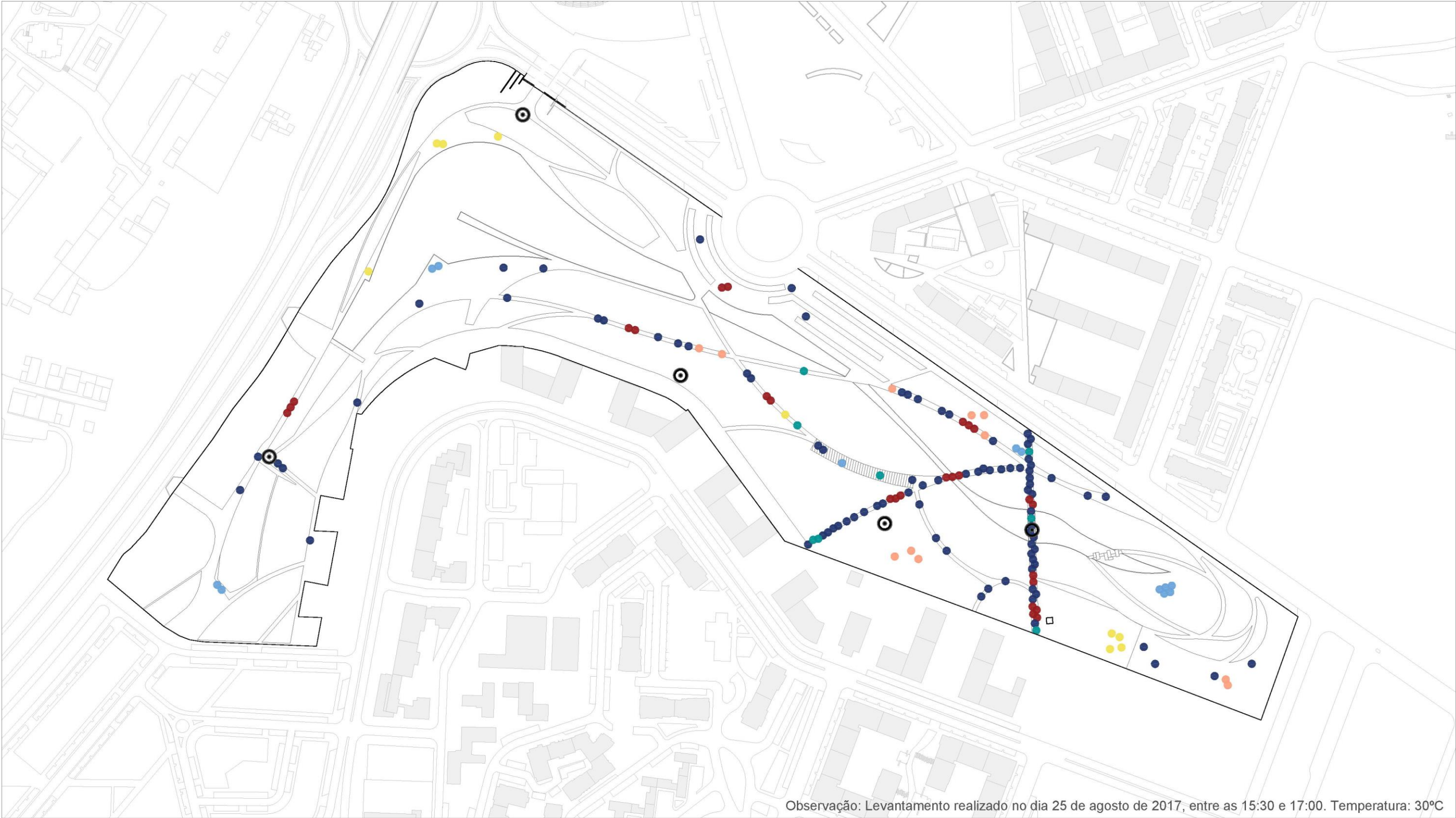
Localização:
Parque do Vale Grande, Freguesia de Santa Clara, Lisboa

Escala:
1/2000

Peça:

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa



Atividades


- Passear/Andar
- Passear com criança(s)
- Passear animal de estimação
- Exercício físico
- Andar de bicicleta
- Sentar/deitar/relaxar

Informação adicional

Homens | 78
Mulheres | 74


Crianças | 14
Adolescentes | 18
Adultos | 92
Idosos | 28

● Pontos de observação



INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA

Universidade de Lisboa



LISBOA

Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

**USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO
ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE**

Planta:
MAPA COMPORTAMENTAL DO PARQUE DO VALE GRANDE | PERÍODO DA TARDE

Localização:
Parque do Vale Grande, Freguesia de Santa Clara, Lisboa

Escala:
1/2000

Peça:
06b

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

4.4 Síntese de resultados dos questionários

Na Quinta das Conchas e dos Lilases o questionário foi realizado a 52 pessoas do sexo feminino e 48 do sexo masculino, com idades compreendidas entre 16 e 82 anos.

No caso do Parque do Vale Grande foi realizado a 46 pessoas do sexo feminino e 54 do sexo masculino, com idades compreendidas entre 15 e 74 anos.

A Quinta das Conchas e dos Lilases atrai visitantes dos mais variados locais, distribuídos da seguinte forma: Lumiar (42%), Odivelas (10%), Loures (8%), Santa Clara (7%), Amadora (5%), Carnide (4%), Almada (3%), Oeiras (3%), restantes freguesias de Lisboa (12%) e outras cidades (6%). De realçar a grande percentagem de visitantes (35%) residentes fora de Lisboa que se deslocam até ao parque, demonstrando a sua grande popularidade.

No caso do Parque do Vale Grande, quase todos os visitantes residem na freguesia de Santa Clara (54%) e na do Lumiar (32%), perfazendo um total de 86%. Os restantes dividem-se entre Loures (5%) e outras freguesias de Lisboa (9%).

Curiosamente, durante a exposição do tema de dissertação, foi possível apurar que todos os visitantes do Parque do Vale Grande conhecem a Quinta das Conchas e dos Lilases, contrastando com a grande percentagem de visitantes da Quinta das Conchas e dos Lilases (91%) que diz desconhecer o Parque do Vale Grande, mostrando no entanto vontade de o visitar.

Quando questionados sobre se consideram o parque agradável, na Quinta das Conchas e dos Lilases todos os visitantes pensam que é agradável ou, em alguns casos, muito agradável. No Parque do Vale Grande os visitantes também concordam com o adjetivo agradável.

Relativamente à frequência com que se deslocam à Quinta das Conchas e dos Lilases, os residentes na freguesia do Lumiar são os visitantes mais assíduos deste espaço verde. Naturalmente, os que se deslocam de áreas mais distantes (Almada, Loures e Amadora) são aqueles que visitam o parque ocasionalmente. De registar o facto de 10% dos inquiridos estarem a visitar o parque pela primeira vez, referindo ter tomado conhecimento deste através de familiares ou amigos e pretender regressar mais vezes, ainda este ano.

A realidade do Parque do Vale Grande é completamente diferente. Cerca de metade dos inquiridos (54%) usam o parque diariamente, sendo que, em grande parte dos casos, apenas para o atravessar. Este valor comprova os dados apurados nos mapas comportamentais onde se aferiu a existência de vários visitantes regulares. Os visitantes diários deste parque são os que residem nas suas proximidades, enquanto os visitantes ocasionais vivem em zonas distantes (Gráfico 10).

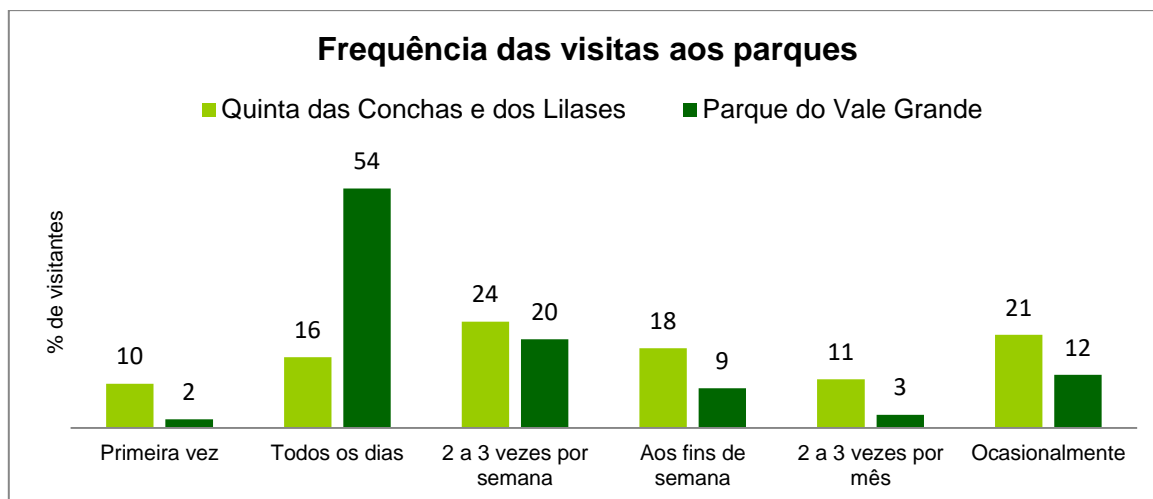


Gráfico 10 - Frequência das visitas aos parques (abril-jun. 2018) (Fonte: Autora)

Na Quinta das Conchas e dos Lilases, 42% dos visitantes deslocam-se ao parque durante todo o ano, enquanto 58% elegem a primavera e o verão como épocas preferenciais. No Parque do Vale Grande, 80% dos visitantes desloca-se ao parque todo o ano e 20% apenas durante a primavera e verão. Como seria expectável, nenhum dos entrevistados referiu preferir os parques durante o outono e o inverno.

O padrão relativo ao período do dia das visitas é bastante idêntico em ambos os parques. Os visitantes que optam pelo período da manhã são, na sua maioria, pessoas com mais de 65 anos, que procuram os parques para passear a praticar *jogging*. A tranquilidade e a temperatura amena desta altura do dia tornam os parques aliciantes para esta faixa etária.

Relativamente à hora de almoço, 12% dos visitantes da Quinta das Conchas e dos Lilases afirmam usar o espaço para almoçar no restaurante ou fazer piqueniques. Visto não existir nenhum serviço de restauração no Parque do Vale Grande, este não oferece condições que motivem a sua utilização nesse período do dia (entre as 13h e as 15h).

Em ambos os parques, o período de maior afluência verifica-se entre as 17h e as 20h, evidenciando a maior disponibilidade por parte dos visitantes nesse período do dia (Gráfico 11).

Tanto num parque como no outro, os inquiridos disseram que, excetuando eventos noturnos, não visitam os parques durante a noite, justificando a decisão com o facto de não se sentirem seguros depois da hora de jantar.

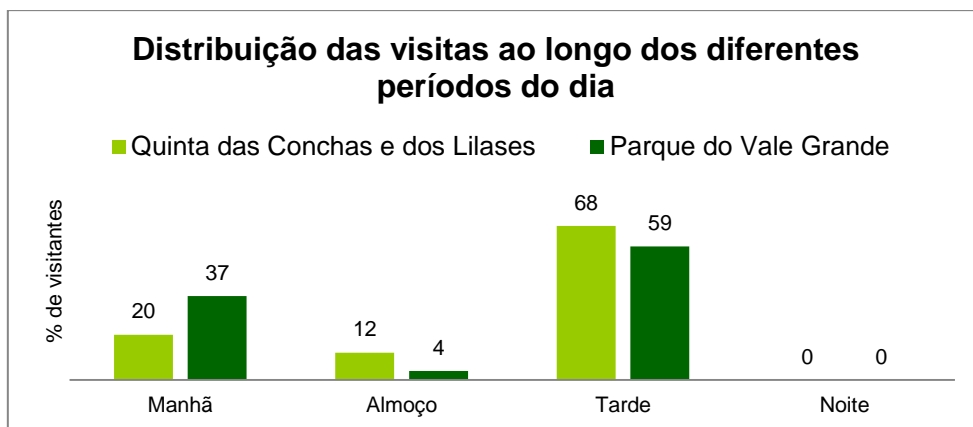


Gráfico 11 - Distribuição das visitas ao longo dos diferentes períodos do dia (abril-jun. 2018)
(Fonte: Autora)

Sendo um espaço verde de eleição, metade dos visitantes (51%) da Quinta das Conchas e dos Lilases permanece entre 1 e 2 horas no espaço, enquanto uma boa parte (30%) chega mesmo a realizar visitas com uma duração superior a 2 horas.

Contrastando com essa realidade, 66% dos visitantes do Parque do Vale Grande permanecem menos de uma hora no parque, confessando, na maioria dos casos, que o utilizam apenas de passagem, permanecendo no espaço menos de 10 minutos. Apesar de uma boa parte (27%) utilizar o espaço entre 1 e 2 horas, apenas uma minoria (7%) permanece no parque por 2 ou mais horas (Gráfico 12).

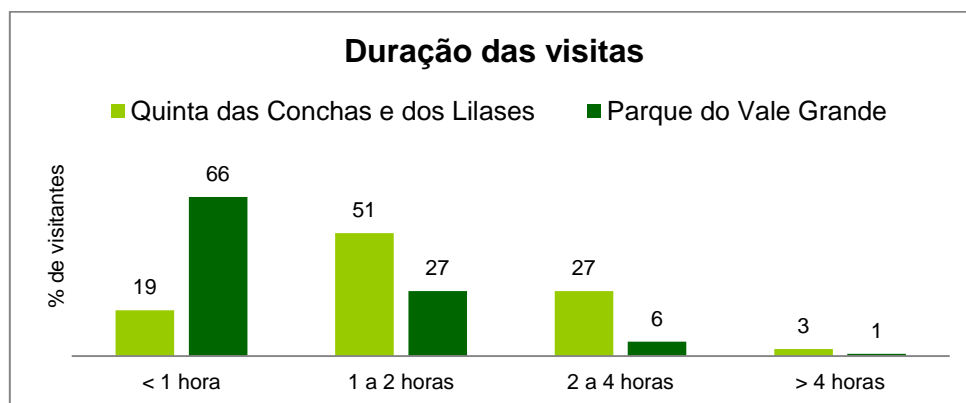


Gráfico 12 - Duração das visitas aos parques (abril-jun. 2018) (Fonte: Autora)

Quanto ao meio de transporte usado na deslocação até à Quinta das Conchas e dos Lilases, metade dos visitantes (51%) usam carro, enquanto 37%, residindo nas proximidades, deslocam-se a pé.

No Parque do Vale Grande, a maioria dos visitantes (82%) desloca-se a pé, sendo que estes utilizam transportes públicos até ao Lumiar/Ameixoeira, atravessando depois o parque no percurso até à sua área de residência. Em ambos os casos, os transportes públicos não parecem ser uma preferência no momento de escolher o meio de transporte até ao parque (Gráfico 13).

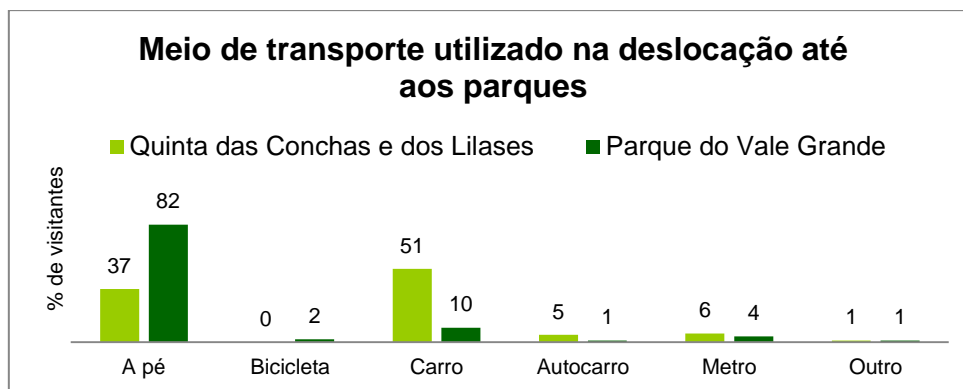


Gráfico 13 - Meio de transporte utilizado na deslocação até aos parques (abril-jun. 2018)
(Fonte: Autora)

Na Quinta das Conchas e dos Lilases, sendo um espaço verde de grandes dimensões que oferece ao visitante um ambiente dinamizador com condições ótimas, existe uma grande variedade de atividades a serem praticadas (Gráfico 14), realidade apreendida anteriormente através da análise dos mapas comportamentais. Segundo Sá (2013, p. 70), um dos principais motivos que leva as pessoas a visitar este parque é o facto de este permitir realizar diversas atividades.

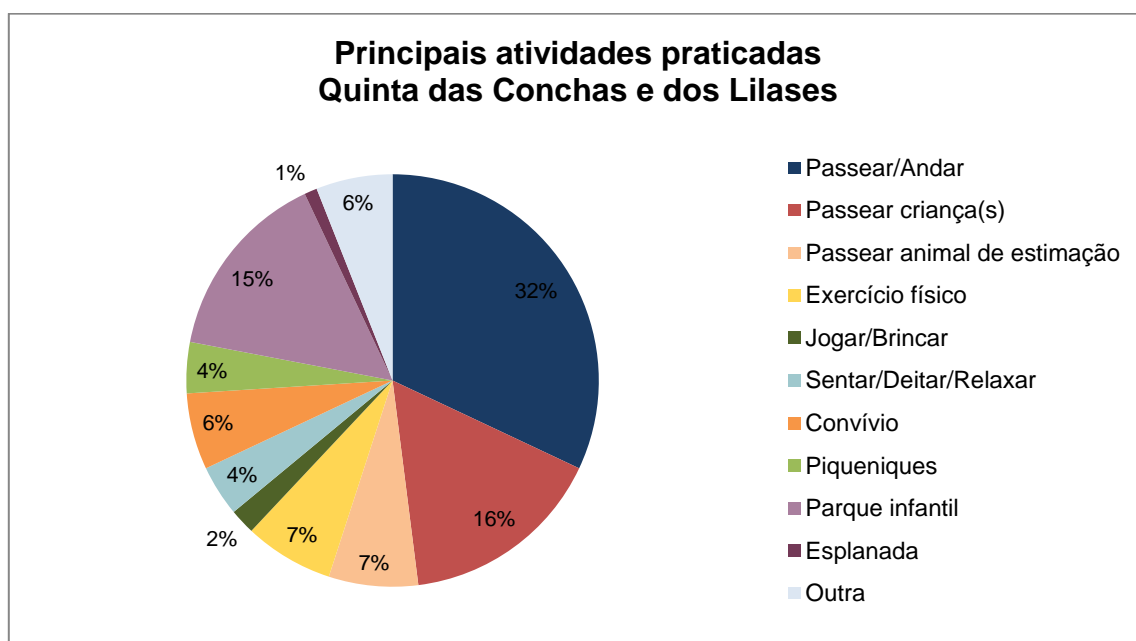


Gráfico 14 - Principais atividades praticadas na Quinta das Conchas e dos Lilases (abril-jun. 2018)
(Fonte: Autora)

“Passear/andar” é a atividade mais praticada (32%), seguida de passear com criança(s) (16%), estar no parque infantil (15%), praticar exercício físico (7%) e passear o animal de estimação (7%). Nota ainda para algumas atividades menos comuns, praticadas pelos visitantes, como desenhar, tirar fotografias e participar em jogos *online*.

Relativamente atividades secundárias, 23% referiu que aproveita a sua estadia no parque para se sentar e relaxar, enquanto “passear/andar” (17%) e “passear com criança(s)” (10%) estão também no topo das preferências. Foi possível verificar ainda que as atividades que envolvem uma forte interação social, conviver com amigos (9%), estar na esplanada (9%) e fazer piqueniques (8%), são bastante populares.

O leque de atividades praticadas no Parque do Vale Grande (Gráfico 15) não é tão vasto. Quase metade dos visitantes elege a atividade “passear/andar” (46%) como atividade principal, enquanto uma boa parte escolheu “passear o animal de estimação” (24%). Praticar exercício físico (16%) e passear com criança(s) (9%) encontram-se também entre as atividades favoritas. De realçar que a grande maioria dos visitantes (79%) escolheu uma das três opções de passeio. Em relação a atividades secundárias praticadas, os visitantes referiram não realizar mais atividades além da principal.

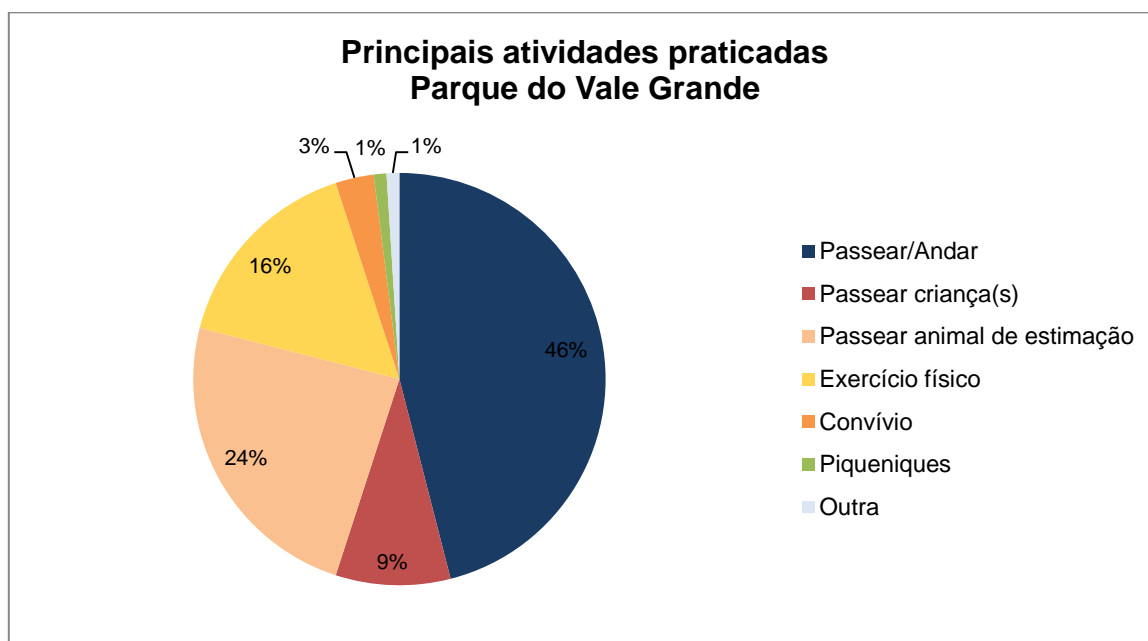


Gráfico 15 - Principais atividades praticadas no Parque do Vale Grande (abril-jun. 2018)
(Fonte: Autora)

Quase metade dos visitantes (44%) da Quinta das Conchas e dos Lilases afirmou já ter participado num evento. O evento mais popular é o CineConchas (33%), tendo sido mencionados muitos outros eventos, tais como atividades desportivas, espetáculos e festas. A grande maioria (78%) defendeu a realização de mais eventos durante todo o ano, e não apenas nos meses de verão. Em sentido contrário, 22% dos visitantes acredita que a realização de mais eventos pode tornar o parque barulhento e confuso.

No Parque do Vale Grande, apenas 20% das pessoas referem ter participado em eventos, nomeadamente em espetáculos e atividades infantis. Dos 80% que nunca participaram, apenas 10%

sabiam da existência de eventos, o que evidencia claramente a falta de divulgação. A verdade é que a grande maioria (82%) considera fundamental a realização de mais eventos, principalmente para atrair mais visitantes.

Tanto na Quinta das Conchas como no Parque do Vale Grande, mais de metade dos visitantes (51% e 68%, respetivamente) desejam a realização de mais espetáculos, pois consideram que os espaços são muito agradáveis e têm área suficiente para eventos desta magnitude. Entre os restantes eventos, de destacar o interesse na realização de atividades desportivas, cinema ao ar livre, mercados e exposições (Gráfico 16).

Foram ainda propostas, por parte dos visitantes, a realização de mais atividades para crianças e de visualização de animais, além de atividades relacionadas com fotografia e desenho.

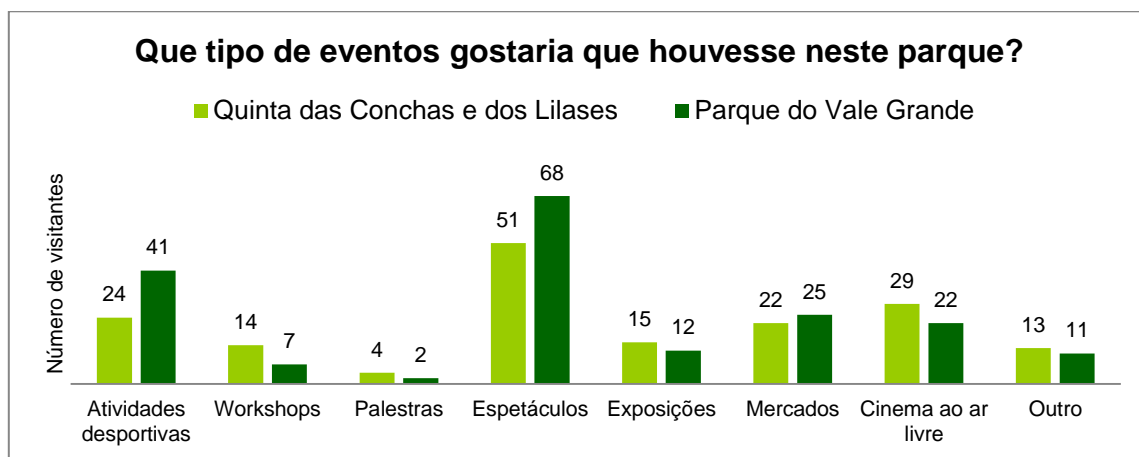


Gráfico 16 - Eventos pretendidos pelos visitantes (abril-jun. 2018) (Fonte: Autora)

Foi solicitada uma avaliação (de 1 a 5, considerando que 1 corresponde a muito mau, e 5 a muito bom) de alguns elementos e características dos parques, tendo sido feita a média dos resultados obtidos (Gráfico 17).

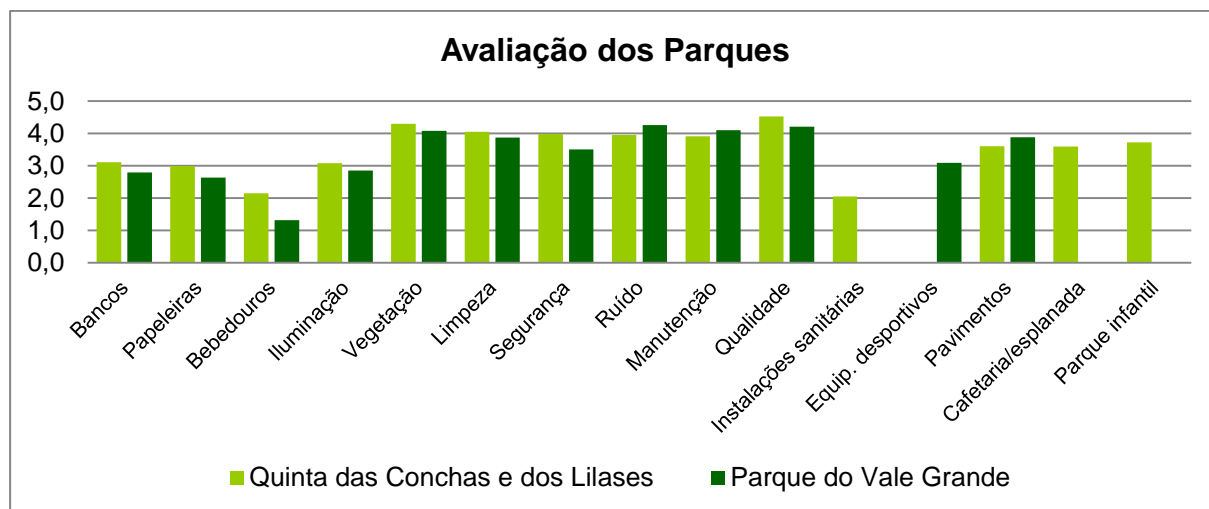


Gráfico 17 - Avaliação dos parques (Classificação média) (abril-jun. 2018) (Fonte: Autora)

De notar a inexistência de equipamentos desportivos na Quinta das Conchas e dos Lilases, e de instalações sanitárias, parque infantil e cafetaria/esplanada no Parque do Vale Grande. Todos os visitantes do Parque do Vale Grande consideram fundamental a existência de instalações sanitárias e de um parque infantil, sendo que a grande maioria (84%) considera que a existência de uma cafetaria/esplanada seria crucial para o sucesso do parque. Quanto à possibilidade de vir a existir um local com equipamentos desportivos na Quinta das Conchas e dos Lilases, 60% dos visitantes afirmaram que constituiria uma mais-valia. De realçar que, em ambos os parques, foi mencionado por diversas vezes que um parque para cães teria um efeito bastante benéfico em termos de segurança e higiene.

A opinião sobre os bancos foi unânime em ambos os parques. Além de existirem poucos bancos, o facto de não apresentarem encosto condiciona a sua utilização, principalmente por parte da população mais idosa. A falta de papeleiras e sobretudo de bebedouros constitui a falha mais grave dos parques, segundo a ótica dos visitantes. Apesar de ambos terem uma dimensão bastante grande, existem apenas três bebedouros na Quinta das Conchas e dos Lilases e um no Parque do Vale Grande, o que constitui uma negligência grave para com os visitantes. A falta de instalações sanitárias foi também uma falha bastante apontada nos dois parques.

A vegetação, a limpeza, a segurança, o (pouco) ruído e a manutenção, importantíssimos para o sucesso de um espaço verde, são as características mais apreciadas em ambos os parques. Não é surpreendente portanto, que a melhor classificação atribuída tenha sido precisamente no parâmetro da qualidade. Na opinião dos visitantes deviam existir campanhas de consciencialização, preservação e limpeza dos espaços verdes públicos pois culpam os visitantes por os parques não se encontrarem mais limpos, apesar de reconhecerem que os serviços de limpeza e manutenção cumprem o seu trabalho. Em relação ao ruído, os parques foram considerados, em geral, bastante tranquilos.

Em termos de segurança, apesar de os visitantes da Quinta das Conchas e dos Lilases se sentirem seguros na Nave Central, o mesmo não se verifica no que diz respeito à Quinta dos Lilases e à Mata. A falta de manutenção da vegetação destes espaços, e consequentes barreiras visuais, provoca um sentimento de insegurança entre as pessoas, o que se traduz numa menor procura.

No Parque do Vale Grande, a opinião relativa à segurança diverge segundo um padrão específico. Todos os visitantes residentes na Alta de Lisboa à relativamente pouco tempo classificam este espaço verde como muito inseguro. Já as pessoas que foram realojados na Alta de Lisboa consideram-no seguro. Esta divergência de opiniões poderá ser facilmente explicada pelo facto de o parque ser maioritariamente usada pela comunidade realojada.

Na Quinta das Conchas e dos Lilases os visitantes fizeram questão de mencionar que o parque é muito agradável, confortável e oferece condições ótimas, não precisando de mais atrativos. Esta informação corrobora os dados apurados por Sá (2013, p. 69), nos quais 64,7% dos visitantes da Quinta das Conchas e dos Lilases afirmaram estar satisfeitos com a diversidade de equipamentos

existentes. Quanto ao Parque do Vale Grande, a opinião generalizada é que faltam elementos dinamizadores que promovam o parque e contribuam para o conforto e bem-estar dos visitantes.

Em termos de vegetação arbórea favorita, grande parte dos visitantes da Quinta das Conchas e dos Lilases demonstrou especial admiração pelos Plátanos e pelos Eucaliptos, que marcam fortemente o espaço e proporcionam grandes zonas de sombra. No Parque do Vale Grande, a árvore escolhida por quase todos os visitantes foi o Choupo-da-Lombardia. Entre os motivos desta escolha, de destacar o facto de ser a maior árvore do parque e a única que proporciona zonas de sombra.

Foi solicitado aos visitantes, em ambos os parques, que escolhessem livremente uma ou mais palavras que definam ao parque. Os resultados obtidos foram organizados através de um mapa de palavras com todas as palavras mencionadas, em que o tamanho de cada palavra é diretamente proporcional ao número de vezes que foi referida. Tanto na Quinta das Conchas e dos Lilases (Figura 33), como no Parque do Vale Grande (Figura 34), a palavra mais vezes referida foi “Agradável”.

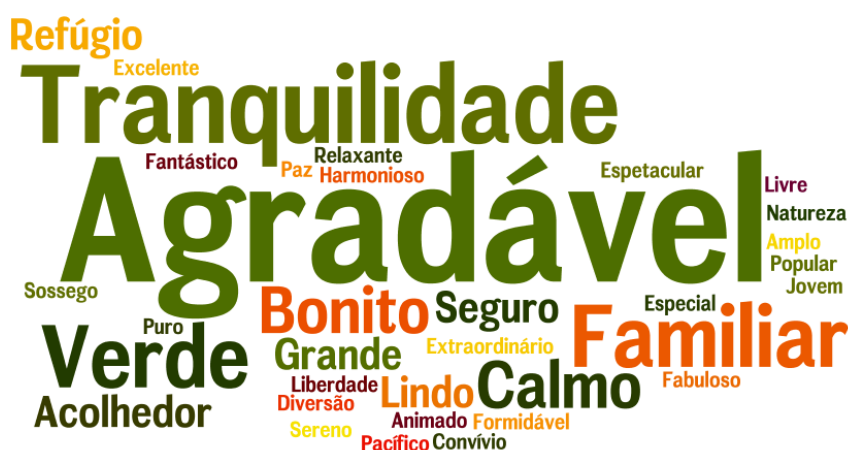


Figura 33 - Palavras escolhidas pelos visitantes para definir a Quinta das Conchas e dos Lilases
(Fonte: Autora)

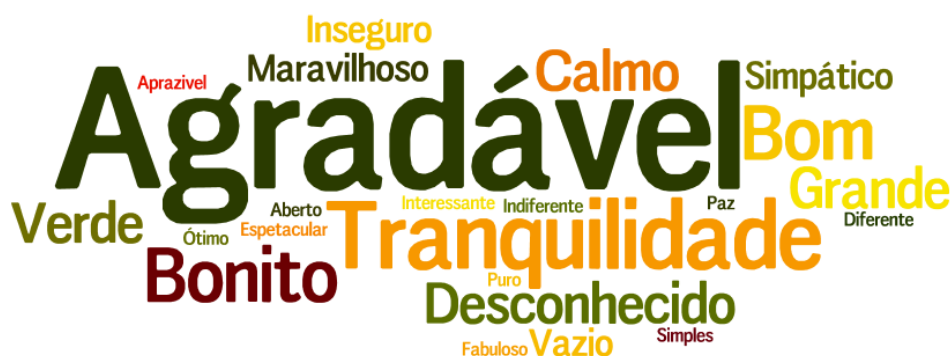


Figura 34 - Palavras escolhidas pelos visitantes para definir o Parque do Vale Grande
(Fonte: Autora)

Tendo sido mencionadas várias vezes nos dois parques as palavras “Agradável”, “Tranquilidade”, “Bonito”, “Verde” e “Calmo”, pode-se concluir que estes são bastantes semelhantes do ponto de vista do visitante. Apesar destas escolhas demonstrarem claramente o potencial do Parque do Vale

Grande, as palavras “Desconhecido”, “Vazio” e principalmente “Inseguro”, escolhidas algumas vezes para o definir, podem explicar, em parte, a sua falta de sucesso.

Na Quinta das Conchas e dos Lilases todos os visitantes recomendariam o parque a outras pessoas, sendo que a grande maioria já o fez por diversas vezes. Quanto ao Parque do Vale Grande, 69% já recomendou o parque algumas vezes, e voltaria a fazê-lo. Uma boa parte (28%) referiu estar na dúvida quanto a esta questão, se bem que o faria certamente mediante uma ligeira melhoria das condições. Por fim, 3% dos visitantes consideram o parque inseguro e não o recomendariam.

4.4.1 Conclusão dos resultados obtidos

Através do cruzamento dos dados obtidos nas visitas, nos questionários e nos mapas comportamentais, foi possível concluir a existência de determinados padrões quanto à utilização dos parques e respetivos visitantes, tais como:

- A Quinta das Conchas e dos Lilases é muito mais procurada que o Parque do Vale Grande;
- A Quinta das Conchas e dos Lilases é um espaço de estadia enquanto o Parque do Vale Grande é um espaço de passagem;
- As atividades realizadas nos parques variam consoante o sexo e a idade;
- Na Quinta das Conchas e dos Lilases, o número de visitantes e o tipo de atividades praticadas varia consoante a estação do ano, o dia da semana, o período do dia e as condições meteorológicas;
- O número de visitantes e o tipo de atividades praticadas no Parque do Vale Grande é bastante constante ao longo de todo o ano;
- As estações do ano em que se verifica maior afluência à Quinta das Conchas e dos Lilases são a primavera e, principalmente, o verão;
- Na Quinta das Conchas e dos Lilases os fins de semana são os dias em que se regista um maior número de visitas, com uma afluência 50% superior à dos dias de semana;
- O período do dia com maior afluência aos parques é ao final da tarde, entre as 17h e as 20h;
- A frequência das visitas é inversamente proporcional à distância percorrida até ao parque;
- O tempo de permanência no parque está relacionado com o tipo de atividades praticadas e com a distância entre a residência e o parque;
- Na Quinta das Conchas e dos Lilases predominam as atividades em grupo;
- As atividades praticadas no Parque do Vale Grande são maioritariamente de cariz individual;
- “Passear/andar” é a atividade mais praticada em ambos os parques;
- Os parques infantis e as zonas de restauração motivam os visitantes a permanecerem mais tempo nos espaços verdes;
- O conforto, a vegetação, a tranquilidade, a manutenção, a estética, o declive e a segurança são elementos determinantes na escolha de um parque;
- A realização de eventos dinamiza os espaços verdes atraindo mais visitantes.

5. Proposta de conexão, dinamização e requalificação da Quinta das Conchas e dos Lilases e do Parque do Vale Grande

5.1 Divulgação dos dois parques

Tendo em conta o sucesso atingido pelo parque da Quinta das Conchas e dos Lilases, pretende-se que este sirva de impulsionador do Parque do Vale Grande a médio/longo-prazo, dependendo sempre da construção dos edifícios das malhas da Alta de Lisboa que se encontram (ainda) em fase de projeto. De modo a tirar partido do sucesso da Quinta das Conchas e dos Lilases para atrair novos visitantes para o Parque do Vale Grande, propõem-se as seguintes medidas englobando estes dois grandes espaços verdes:

- Criação de sinalética histórica e mapas com percursos interpretativos, localizados nas diferentes entradas dos parques;
- Criação de um serviço de visitas guiadas pelos espaços verdes de Lisboa. Estas visitas ocorreriam mensalmente e seriam acompanhadas por especialistas na área, que dariam a conhecer o contexto histórico dos dois parques em estudo e dos parques e jardins mais dinâmicos e populares da cidade;
- Criação de percursos interpretativos que permitam dar a conhecer os principais pontos de interesse de cada parque e da sua envolvente, definidos de acordo com o conforto e largura dos percursos existentes. Foram propostos três percursos para a Quinta das Conchas e dos Lilases, dois para o Parque do Vale Grande, e um percurso incluindo ambos os parques:

Quinta das Conchas e dos Lilases (Planta 07)

- Percurso dos Lilases – Sendo o mais curto, este percurso de nível iniciante daria ao visitante a possibilidade de experienciar um belo passeio pela Quinta dos Lilases, num ambiente mais íntimo e tranquilo. Passaria por vários pontos de interesse, incluindo o lago com a sua vegetação exótica, os canais de água, os *Eucalyptus globulus* (exemplares classificados de interesse público) e o pomar;
- Percurso das Conchas – Este percurso possibilitaria um passeio bastante agradável pela Nave Central da Quinta das Conchas e estaria bem adaptado a todas as faixas etárias. Através dele seria possível usufruir da maravilhosa vista dos seus amplos relvados, da vegetação arbórea, dos diferentes pontos de interesse do parque (lagos, fonte, canais de água, mina), e ainda dos seus serviços dinamizadores (parques infantis, restaurante, cafetaria, e respetivas esplanadas);
- Percurso dos Cedros – Sendo um percurso de nível avançado, seria ideal para os amantes da natureza e de longas caminhadas. Englobaria todas as áreas do parque, ou seja, a Quinta dos Lilases, a Nave Central e a Mata. De destacar as passagens

pela Casa do Monte e pela fonte, com o objetivo de realçar o património arquitetónico;

Parque do Vale Grande (Planta 08)

- Percurso do Lago – Grande parte deste passeio seria junto ao lago principal do Parque do Vale Grande. Através dele seria possível desfrutar do magnífico sistema de vistas sobre o lago e as amplas zonas de relvado adjacentes, e observar a vida animal, aproveitando a tranquilidade existente nesta zona do parque. Sendo um percurso de nível iniciante, adapta-se a qualquer faixa etária;
- Percurso dos Choupos – Visto ser formado por inúmeros caminhos, o Parque do Vale Grande possibilita a existência deste percurso de nível intermédio, que permite ao utilizador dar um passeio agradável ao longo de todo o parque, desfrutando do sistema de vistas, dos lagos e dos diferentes tipos de vegetação;

Alta de Lisboa (Área Centro do PUAL) (Planta 11)

- Percurso do Plátanos – Este percurso é o mais longo, e estabelece a ligação entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande. Este belo e enriquecedor passeio incluiria os principais pontos de interesse de cada parque, e ainda o Eixo Central. Apesar de ser exigente e longo, seria sempre possível ter um momento de descanso nas áreas de estadia ao longo do percurso;
- Criação de *posters* e folhetos contendo informação valiosa sobre os dois parques, nomeadamente o seu enquadramento histórico, as diversas atividades, os percursos interpretativos e os principais pontos de interesse;
- Divulgação *online*. Embora já exista, através do *site* da JFL, alguma divulgação acerca dos eventos realizados na Quinta das Conchas e dos Lilases, o *site* não é atualizado com regularidade. Quanto à divulgação dos eventos e das atividades do Parque do Vale Grande, esta é bastante limitada, restringindo-se apenas à comunidade local e, ocasionalmente, ao *site* da Junta de Freguesia de Santa Clara (JFSC). Neste ponto específico, um uso mais ativo das redes sociais serviria de base a uma divulgação mais abrangente de todos os eventos e atividades futuras, em ambos os parques;
- Criação de uma parceria entre a JFL e a JFSC, que possibilitaria a realização de eventos conjuntos, criando assim uma dinâmica crucial entre os dois parques em estudo e o corredor verde que os une. O grande beneficiado desta dinâmica seria, sem sombra de dúvidas, o Parque do Vale Grande, que teria assim uma afluência crescente de visitantes;
- Instalação de *mupis* junto às entradas dos parques, onde seriam divulgados todos os eventos e todas as atividades públicas e privadas, a realizar futuramente em ambos os parques.



Percursos

- Percurso dos Lilases**
Nível Iniciante
Distância - 900m | Duração - 10 min
- Percurso das Conchas**
Nível Iniciante
Distância - 1.5Km | Duração - 18 min
- Percurso dos Cedros**
Nível Avançado
Distância - 2.5Km | Duração - 35 min

▶ Entradas

Pontos de Interesse

Quinta dos Lilases

- I Nora
- II Lago
- III *Eucalyptus globulus*
- IV Espaço desportivo
- V Pomar
- VI Zona de estadia

Quinta da Conchas

- VII Zona de restauração
- VIII Parque infantil
- IX Canais
- X Lago

- XI Parque de merendas
- XII Poço
- XIII Fonte
- XIV Mãe d'água

Mata

- XV Fonte
- XVI Tanque
- XVII Casa do Monte
- XVIII Zona de estadia



Planta:

PERCURSOS INTERPRETATIVOS DA QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES

Localização:
Quinta das Conchas e dos Lilases, Freguesia do Lumiar, Lisboa

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Escala:
1/2000

Base cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

Peça:

07



Percursos

- Percurso do Lago
Nível Iniciante
Distância - 1.6Km | Duração - 19 min
- Percurso dos Choupos
Nível Intermédio
Distância - 2.3Km | Duração - 27 min

Pontos de Interesse

- I Lago
- II Campo de futebol
- III Plataforma
- IV Miradouro
- V Repuxo
- VI Pérgula
- VII Zona de estadia
- VIII Cascata
- IX Ponte
- X Estatuária
- XI Quiosque
- XII Circuito de manutenção
- XIII Equipamentos desportivos
- XIV Zona de recreio
- XV Entrada principal



Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Planta: PERCURSOS INTERPRETATIVOS DO PARQUE DO VALE GRANDE

Localização: Parque do Vale Grande, Freguesia de Santa Clara, Lisboa

Escala: 1/2000

Peça:

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

5.2 Quinta das Conchas e dos Lilases

Atualmente, a Quinta das Conchas e dos Lilases reúne condições para proporcionar uma estadia única aos seus visitantes. No entanto, havendo sempre a possibilidade de melhorar, propõe-se um conjunto de alterações pontuais que se pensa poderem contribuir positivamente para uma melhoria da qualidade e estética deste espaço verde (Planta 09):

- Introdução de sinalética junto à vegetação arbórea, identificando cada espécie com o respetivo nome comum e científico;
- Melhoria da manutenção dos relvados no verão. Os meses mais quentes coincidem com a época do ano em que as zonas relvadas estão sujeitas a um pisoteio mais intenso, o que, aliado a uma rega deficitária, faz com que este apresente algumas irregularidades e uma cor amarelada;
- Reforço da vegetação junto aos parques infantis para criar zonas de sombra, pois nos dias mais quentes a sua utilização fica condicionada devido ao excesso de calor;
- Substituição das sulipas de madeira dos percursos que estejam soltas ou apresentem algum tipo de anomalia, de modo a salvaguardar a integridade física dos visitantes, principalmente dos idosos e das crianças;
- Introdução de mais papeleiras e bebedouros, iguais ou similares aos existentes;
- Substituição do mobiliário urbano que se encontre em mau estado de conservação, principalmente bancos e papeleiras;
- Substituição do mobiliário urbano existente no parque de merendas;
- Manutenção e limpeza do lago principal, da fonte e dos canais de água;
- Criação de dois parques caninos, conforme o plano aprovado em 2016 para a Quinta das Conchas e para a Quinta dos Lilases (Fonte: Rio Plano, 2017);
- Criação de espaços destinados à proteção das aves do parque;
- Introdução de instalações sanitárias públicas, em zonas de fácil acesso, sendo que as únicas atualmente em funcionamento se encontram na cafetaria e no restaurante, na Nave Central. Existem instalações sanitárias junto ao lago da Quinta dos Lilases, que se encontram encerradas por motivos de segurança;
- Limpeza do muro que separa as duas Quintas, por este apresentar atos de vandalismo;
- Adaptação das estruturas em ferro, existentes junto ao lago da Quinta dos Lilases, conferindo-lhe um uso mais dinâmico. Esse espaço poderia ser uma área de jogos, um espaço de leitura/estudo ou uma zona de restauração, entre outros;
- Melhoria substancial da manutenção do material vegetal da Quinta dos Lilases e da Mata. O facto destas duas zonas do parque serem pouco frequentadas deve-se principalmente ao sentimento de insegurança provocado por uma visão pouco ampla, devido ao excesso de vegetação;
- Reconstrução dos caminhos da Quinta dos Lilases e da Mata, pois estes apresentam algumas irregularidades provocados pela precipitação, pelo escoamento superficial da água, e pela consequente erosão;

- Restauro das regadeiras e da fonte, na Quinta dos Lilases;
- Recuperação dos equipamentos desportivos em madeira, na Quinta dos Lilases;
- Recuperação do património histórico da Mata, ou seja, da Casa do Monte, do tanque e da fonte;
- Criação de um miradouro na Mata, de modo a possibilitar ao utilizador observar toda a Nave Central e parte da Quinta dos Lilases e da área circundante do parque, a partir de um angulo superior. Este miradouro teria um potencial enorme, podendo mesmo tornar-se numa das principais atrações do parque.

5.3 Parque do Vale Grande

Após a sua conclusão, o Parque do Vale Grande possuía vários elementos que o poderiam tornar num caso do sucesso. No entanto, decorridos alguns anos, essa realidade foi sempre uma miragem. A falta de zonas de sombra, o encerramento da cafetaria e do quiosque, e os problemas sociais provocados pela comunidade local acabaram por se refletir negativamente nos usos e vivências do parque, conduzindo-o ao seu estado atual, quase sempre vazio. Deste modo, a proposta (Planta 10) divide-se em várias fases e está sujeita a possíveis alterações, sempre que se justifique. Propõe-se as seguintes alterações:

- Policiamento. Com uma vigilância diária ativa, os visitantes do Parque do Vale Grande passariam a ter um sentimento de segurança, inexistente até à data, promovendo ainda o uso deste espaço verde por parte dos moradores locais;
- Envolver a comunidade local nas ações de manutenção, preservação e divulgação do parque;
- Campanhas de consciencialização ambiental;
- Definir funções distintas para as diferentes áreas, para que todo o espaço seja usado com a mesma regularidade. Atualmente, a parte nascente do parque apresenta um número razoável de visitantes, enquanto a parte poente se encontra normalmente vazia;
- Criação de pérgulas. Numa fase inicial, as pérgulas proporcionariam rapidamente zonas de sombra. Através delas seria possível criar zonas de estadia, que poderiam ser depois adaptadas a diferentes usos, como por exemplo, áreas de estudo/leitura, zona de piqueniques e de convívio, entre outros. O *design* contemporâneo adotado nas pérgulas seria semelhante ao da estrutura metálica existente no centro do parque;
- Recuperação e ativação da cafetaria e do quiosque, que se encontram atualmente bastante degradados. O quiosque encontra-se totalmente destruído, tanto no interior como no exterior, consequência de atos de vandalismo ocorridos em 2017. Na sequência destes atos foi necessário proceder à vedação das janelas, diminuindo consideravelmente a estética do quiosque;
- Introdução de pequenas embarcações no lago principal, possibilitando atividades aquáticas recreativas;

- Criação de um parque infantil com uma grande dimensão, que ofereça aos moradores locais atividades diferentes das oferecidas por outros espaços verdes da Alta de Lisboa;
- Criação de instalações sanitárias públicas;
- Criação de um *Skate Park*, conforme plano aprovado;
- Criação de um parque de merendas. Não existe qualquer tipo de área dotada de bancos e mesas que possibilite fazer piqueniques ou que funcione como área de jogos ou de estudo, à imagem do que acontece na Quinta das Conchas e dos Lilases;
- Criação de um parque canino conforme o plano aprovado em 2016 para o Parque do Vale Grande (Fonte: Rio Plano, 2017);
- Recuperação do campo de futebol junto ao Eixo Norte-Sul, sendo necessário nivelar o terreno;
- Promover atividades desportivas regulares, tais como ginástica, *yoga*, *crossfit* e aulas de zumba;
- Promover outras atividades, tais como palestras, exposições, concertos, cinema ao ar livre, espetáculos, *workshops* e atividades para crianças;
- Melhoria dos equipamentos desportivos;
- Substituição dos equipamentos do circuito de manutenção;
- Dotar o espaço com mais mobiliário urbano, principalmente bebedouros e bancos com encosto. Os espaços verdes da Alta de Lisboa deviam possuir um número considerável de bebedouros, pois a maior afluência aos espaços regista-se em dias de calor, principalmente nos meses de verão. Posto isto, é muito importante que os visitantes tenham sempre água à disposição. Atualmente existe apenas um bebedouro no Parque do Vale Grande, que não se encontra em funcionamento, o que é algo impensável num parque desta dimensão;
- Substituição dos pavimentos em sulipas de madeira junto ao lago;
- Minimizar as zonas escuras e sem escapatória. Embora o *design* do parque seja bastante interessante, a realidade é que existem alguns percursos sobre o lago, na zona poente do parque, que são limitados, não permitindo uma circulação livre em todas as direções;
- Proceder à conclusão do edificado abandonado no limite do parque, que além de constituir uma ameaça para os visitantes, diminui a estética da envolvente;
- Criação de espaços que permitam salvaguardar e promover a criação das espécies do parque (tartarugas, patos, gansos);
- Aproveitar o sistema de vistas do parque e criar miradouros dotados de mobiliário urbano seguro e confortável;
- Introdução de mais espécies arbóreas de crescimento rápido e bem adaptadas ao clima mediterrâneo;
- Introdução de sinalética junto à vegetação arbórea, identificando cada espécie através do nome comum e científico;
- Garantir a manutenção e limpeza do parque, de modo a evitar o depósito de lixo e de outras substâncias que poderão por em risco os visitantes e as espécies do parque;

- Manutenção dos lagos. Existe uma grande acumulação de resíduos no interior dos lagos, o que constitui uma grave ameaça às espécies aquáticas do parque.

5.4 Espaço Público (Área Centro do PUAL)

- Reforço da sinalética. Esta ajudaria novos visitantes a chegar ao Parque do Vale Grande. Por outro lado, seria importante uniformizar a designação existente na sinalética em torno do parque, pois apesar de esta se referir ao parque como *Parque Oeste*, na entrada o parque está identificado como *Parque do Vale Grande*;
- Policiamento e vigilância. Visto existirem duas esquadradas na área abrangida pelo PUAL, seria importante numa fase inicial patrulhar o Parque do Vale Grande, os espaços verdes adjacentes e o Eixo Central. Assim, através de um reforço de vigilância, seria possível motivar mais pessoas a utilizar estes espaços para conviverem e praticarem as mais diversas atividades;
- Manutenção da vegetação arbórea existente ao longo dos eixos secundários e em alguns espaços verdes da Alta de Lisboa. Em geral, os espaços verdes da Alta de Lisboa encontram-se degradados, o que prejudica bastante a estética da zona. A vegetação arbórea apresenta deformações causadas pela ausência de tutores, os espaços verdes encontram-se repletos de detritos, e o sistema de rega apresenta também algumas falhas, acarretando consequências graves para as zonas de relvado;
- Requalificação dos parques infantis e espaços de recreio. A área compreendida entre a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande contém três parques infantis, quatro pequenos espaços verdes, um campo de jogos e dois espaços de recreio. Atualmente encontram-se quase todos em mau estado de conservação, sendo por isso pouco utilizados. De modo a aproveitar o potencial destes espaços, seria importante proceder à substituição dos equipamentos antigos por outros mais resistentes, que se adaptem bem à comunidade local;
- Reforço da estrutura verde e melhoria dos acessos a algumas ruas (Rua Helena Vez da Silva e Alameda da Música), para que passem a constituir uma boa alternativa de percurso pedonal entre os dois parques;
- Garantir o conforto e qualidade nos espaços de recreio e nas zonas pedonais. O mobiliário urbano existente ao longo dos eixos secundários da Alta de Lisboa encontra-se em elevado estado de degradação. É portanto essencial proceder à remoção dos exemplares em mau estado, substituindo-os por exemplares novos e mais resistentes;
- Conclusão da rede de mobilidade suave conforme plano aprovado;
- Percurso interpretativo da Alta de Lisboa (Percurso dos Plátanos);
- Expansão da Linha Vermelha, da Rede Metropolitana de Lisboa, até à Alta de Lisboa;
- Criação de novas carreiras de autocarro, que possibilitem a articulação entre a zona Norte da cidade e outros transportes públicos, tais como as estações de metro da Ameixoeira, do Lumiar e da Quinta das Conchas. Atualmente, a Alta de Lisboa possui poucas carreiras

urbanas de autocarro, que não são suficientes para dar resposta às necessidades dos moradores. Propõe-se o reforço das carreiras já existentes, e a criação de carreiras internas de bairro. Essas carreiras internas seriam realizadas através de *mini-bus* (CML, 2013, p.10), e permitiriam efetuar a ligação entre as diversas áreas residenciais da Alta de Lisboa e os diferentes serviços, comércio e espaços verdes;

- Segurança do peão. Como a área compreendida entre os dois parques é um espaço maioritariamente de passagem, a realização de movimentos pendulares é uma constante ao longo do dia. Durante a execução deste estudo foi possível verificar que os condutores não respeitam o limite máximo de velocidade, principalmente nas ruas de acesso local. Assim, pretende-se fortalecer domínio pedonal e privilegiar o peão através de passadeiras sobrelevadas;
- Incentivos ao desenvolvimento do comércio local. Embora muitos dos edifícios possuam espaços aptos para o desenvolvimento de atividades comerciais, nomeadamente ao nível do rés-do-chão, a realidade é que muitos ainda se encontram por ocupar. Uma parceria entre a CML, a JFL e a JFSC, no sentido de promover o interesse na exploração destes espaços, poderia ter um impacto bastante benéfico no comércio local;
- Recuperação e unificação das associações locais e promoção de programas e campanhas que envolvam os novos e os antigos residentes da Alta de Lisboa (Planta 11).



Proposta de Intervenção da Quinta das Conchas e dos Lilases

1. Colocação de sinalética histórica e de mapas com percursos interpretativos

2. Serviço de visitas guiadas

3. Colocação de *mupis*

4. Introdução de sinalética junto à vegetação arbórea

5. Reforço de vegetação arbórea junto aos parques infantis

6. Substituição dos pavimentos em sulipas de madeira

7. Introdução de mais papeleiras e bebedouros

8. Substituição do mobiliário urbano em mau estado de conservação

9. Substituição do mobiliário urbano do parque de merendas

10. Manutenção dos lagos e canais

11. Criação de um parque canino conforme o plano aprovado

12. Criação de espaços destinados à proteção das aves do parque
13. Introdução de instalações sanitárias públicas

14. Manutenção do coberto vegetal e das espécies arbóreas

15. Limpeza do muro que separa as Quintas

16. Adaptação das estruturas em ferro na Quinta dos Lilases

17. Reconstrução dos caminhos da Mata e da Quinta dos Lilases

18. Restauro das regadeiras da Quinta dos Lilases

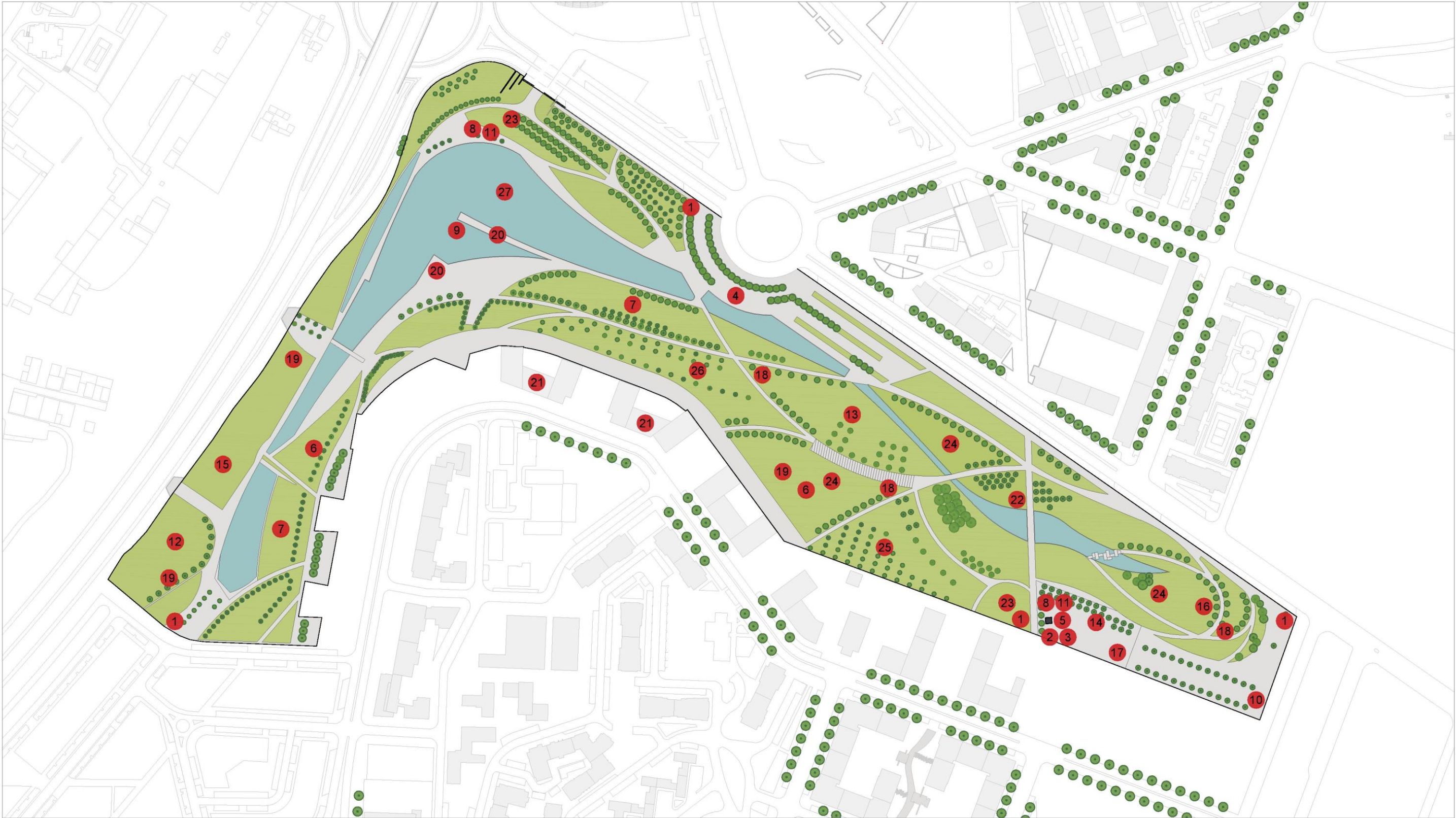
19. Recuperação dos equipamentos desportivos em madeira da Quinta dos Lilases

20. Recuperação do património histórico da Mata - Casa do Monte, tanque e fonte

21. Criação de um miradouro na Mata



Planta: PLANO ESTRATÉGICO DE INTERVENÇÃO DA QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES		
Localização: Quinta das Conchas e dos Lilases, Freguesia do Lumiar, Lisboa	Escala: 1/2000	Peça: 09
Autora: Ana Sofia Beles Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja	Base cartográfica adaptada Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa	



Proposta de Intervenção do Parque do Vale Grande

1. Colocação de sinalética histórica e de mapas com percursos interpretativos

2. Serviço de visitas guiadas

3. Colocação de mupis

4. Policiamento

5. Campanhas de consciencialização ambiental

6. Definir funções distintas para as diferentes áreas

7. Criação de pérgulas

8. Recuperação e ativação da cafetaria e do quiosque

9. Introdução de pequenas embarcações no lago principal

10. Criação de um parque infantil

11. Criação de instalações sanitárias públicas

12. Criação do Skate Park

13. Criação de um parque de merendas

14. Criação de um parque canino conforme o plano aprovado
15. Recuperação do campo de futebol

16. Promover atividades desportivas regulares

17. Melhoria dos equipamentos desportivos

18. Substituição dos equipamentos do circuito de manutenção

19. Introdução de mobiliário urbano (bancos, bebedouros e papelarias)

20. Substituição dos pavimentos em sulapas de madeira

21. Conclusão do edifício abandonado no limite do parque

22. Criação de espaços que permitam salvaguardar e promover a criação das espécies animais do parque

23. Criação de miradouros

24. Introdução de mais vegetação arbórea

25. Introdução de sinalética junto à vegetação arbórea

26. Melhoria da manutenção do parque

27. Manutenção do sistema hidráulico



Percurso interpretativo e ciclovía

- Percurso dos Plátanos
Nível Avançado
Distância - 5.5Km | Duração - 1h10min
- Ciclovía existente
- Ciclovía em projeto
- M Estação de metro
- Limite do PUAL

Pontos de interesse

- I Lago Principal
- II Ponte
- III Miradouro
- IV Cascata
- V Zona de estadia
- VI Quinta da Musgueira
- VII Rotunda dos Corvos
- VIII Eixo Central
- IX Casa do Monte
- X Tanque
- XI Fonte
- XII Zona de restauração
- XIII Lago da Quinta das Conchas
- XIV Parque de merendas
- XV Lago da Quinta dos Lilases
- XVI Zona de estadia da Quinta dos Lilases

Proposta de intervenção

- 1. Reforço da sinalética
- 2. Policiamento
- 3. Manutenção da vegetação arbórea
- 4. Requalificação dos parques infantis
- 5. Requalificação dos espaços de recreio
- 6. Reforço da estrutura verde
- 7. Substituição do mobiliário urbano
- 8. Rede de mobilidade suave
- 9. Expansão de Rede Metropolitana de Lisboa
- 10. Criação de novas carreiras de autocarro
- 11. Criação de passarelas sobrelevadas
- 12. Incentivos ao desenvolvimento do comércio local
- 13. Recuperação e unificação das associações locais



Planta:

PLANO ESTRATÉGICO DE INTERVENÇÃO DA ALTA DE LISBOA

Localização:
Área Centro do PUAL, Alta de Lisboa

Autora: Ana Sofia Beles
Orientadora: Prof.ª Doutora Sónia Talhé Azambuja

Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista
Lisboa, 2018

USOS E VIVÊNCIAS DE DOIS PARQUES NA ZONA NORTE DE LISBOA: CONEXÃO ENTRE A QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E O PARQUE DO VALE GRANDE

Escala:
1/4000

Base Cartográfica adaptada
Fonte: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa

Peça:

11

CONCLUSÃO

Os espaços públicos têm um papel cada vez mais importante na sociedade, principalmente nos meios urbanos. Numa altura em que o *stress* e a depressão se assumem como os sentimentos negativos mais comuns entre a população, a existência de espaços públicos onde possam esquecer os problemas do dia-a-dia, relaxar, e divertirem-se é uma necessidade fundamental. Neste contexto surgem os espaços verdes, em particular os parques urbanos, cujos benefícios para a saúde são sobejamente conhecidos e que são os lugares onde a prática de atividades recreativas e opcionais atinge o seu auge.

Nesta dissertação foi apresentada uma proposta de conexão, dinamização e requalificação de dois parques urbanos da Alta de Lisboa, a Quinta das Conchas e dos Lilases e o Parque do Vale Grande, e dos espaços verdes e espaços de recreio situados entre estes. Prevê-se que através desta proposta, centrada nas necessidades dos visitantes, seja possível criar um maior envolvimento e reduzir bastante as assimetrias entre os dois parques em estudo. A conexão proposta baseia-se no reforço da estrutura verde, na conclusão da rede de mobilidade suave, na criação de percursos interpretativos, e numa possível parceria entre a CML, a JFL e a JFSC. Esta parceria teria como objetivo promover o envolvimento dos moradores locais com os espaços verdes públicos da Alta de Lisboa mediante a realização de programas e campanhas em conjunto.

Em termos de metodologia recorreu-se a mapas comportamentais, observação participante e questionários. Os mapas comportamentais e a observação participante permitiram obter dados significantes relativamente ao modo como os parques em estudo são utilizados, tendo sido determinantes na compreensão das vivências e na elaboração da proposta de requalificação. Os resultados dos questionários, realizados posteriormente, vieram ao encontro da informação recolhida através dos outros métodos.

Tendo em consideração que a Quinta das Conchas e dos Lilases se situa numa zona consolidada e o Parque do Vale Grande numa zona em fase de consolidação, e também que o primeiro manteve (quase na íntegra) a sua morfologia original enquanto o segundo foi criado de raiz, as outras grandes diferenças entre os dois parques encontram-se ao nível da popularidade, da densidade da vegetação e das infraestruturas e equipamentos existentes.

A Quinta das Conchas e dos Lilases é um espaço verde urbano de grande qualidade, onde as pessoas gostam de passar o tempo para relaxar, conviver, praticar exercício físico ou contemplar a natureza, entre outros. O facto de ser formado por três zonas com ambientes totalmente diferentes confere-lhe uma dinâmica de atividades recreativas muito ativa e diversificada. A Nave Central, onde se situam as entradas principais, zonas de restauração, parques infantis e amplos relvados, é um espaço com declive suave e vista bastante desafogada e agradável, sendo procurado por pessoas de todas as idades para a prática das mais variadas atividades. A Quinta dos Lilases é um espaço onde reina a tranquilidade, ideal para restaurar forças e contemplar a natureza, enquanto a Mata é um

espaço selvagem, ideal para a prática de atividades desportivas. Os dados recolhidos neste estudo permitem estimar que a Quinta das Conchas e dos Lilases é visitada por centenas de milhares de pessoas anualmente. Sendo já considerado um caso de grande sucesso por toda as pessoas, as previsões apontam para que o aumento da procura verificada nos últimos anos tenha continuação no futuro.

Sendo bastante recente, o Parque do Vale Grande apresenta uma taxa de utilização bastante inferior à Quinta das Conchas e dos Lilases, o que mostra que o facto de um parque urbano ser agradável, ter uma grande dimensão, amplos relvados e boas acessibilidades não lhe confere automaticamente sucesso. O facto do PUAL ainda não ter sido concluído, a falta de zona de restauração, parque infantil, instalações sanitárias, zonas de sombra, e o declive são fatores determinantes para a realidade atual do parque. Apesar dos lagos constituírem uma barreira que fragmenta as zonas de relvado e os percursos, desempenham uma função ecológica fundamental. A conclusão do PUAL, a criação de infraestruturas e de equipamentos, e o crescimento da vegetação arbórea e consequente aumento de zonas de sombra, podem tornar o espaço mais agradável e dinâmico, promovendo estadias mais prolongadas. Tendo em conta todos os resultados obtidos neste estudo, tudo indica que o Parque do Vale Grande terá, a longo prazo, um sucesso digno do seu grande potencial.

As características que fazem um parque ter sucesso são aquelas que dão resposta às necessidades das pessoas e promovem o seu envolvimento com a natureza. Boas acessibilidades, espaços abertos de grandes dimensões, muitas zonas de sombra, vista desafogada e infraestruturas capazes de criar dinâmicas positivas para todas as idades, aliado à existência de zonas propícias à prática das mais variadas atividades e outras zonas mais tranquilas onde os visitantes poderão relaxar e contemplar a natureza, são algumas dessas características. Em termos emocionais, bem-estar, conforto e segurança são os sentimentos mais procurados num espaço verde.

Através da monitorização dos utilizadores da Quinta das Conchas e dos Lilases e do Parque do Vale Grande, das suas atividades, interações e dinâmicas sociais, foi possível apurar os pontos fortes e os pontos fracos, estes últimos passíveis de serem melhorados. Pretende-se que esta dissertação constitua uma importante base para se aprofundar o conhecimento de ambos os parques, no sentido de facilitar futuras ações de melhoramento, aumentando assim a qualidade destes dois espaços verdes. Com esse objetivo foi elaborada uma proposta composta por diversas recomendações, que visam a conexão, dinamização e requalificação destes dois parques urbanos.

Com este estudo pretende-se ainda contribuir para a melhoria das condições ambientais e sociais da Alta de Lisboa, transformando-a num espaço mais seguro e agradável, promovendo o bem-estar e a coesão social. Espera-se também que os resultados obtidos possam ajudar na requalificação de outros espaços verdes pouco procurados, no sentido de se tornarem espaços de grande qualidade onde as pessoas se sintam bem e gostem de estar, e ao mesmo tempo servir de base na criação de novos parques urbanos, contribuindo para o aumento da qualidade de vida urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Luísa – *O Valor das Árvores – Árvores e Floresta Urbana de Lisboa*. Dissertação para obtenção de grau de doutor em Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2006. Trabalho não publicado.
- ANTUNES, Gonçalo – *Da Musgueira à Alta de Lisboa: Recomposição social e urbana*. Chiado Editora, Versão ebook, 1ª Edição, Lisboa, 2015. ISBN: 978-989-51-3712-1
- AVAAL – Associação para a valorização ambiental da Alta de Lisboa, S.I, s.d.
- Assembleia Municipal de Lisboa – *Relatório de Visita Parque Vale Grande (Parque Oeste)*, 4ª Comissão Municipal Permanente de Ambiente e Qualidade de Vida. Lisboa, 2016.
- BARRETO, António Vianna - Espólio de projetos de arquitetura paisagista, disponível no Arquivo do Forte de Sacavém, SIPA, 1980.
- BARRETO, António Vianna - Remodelação das Quintas das Conchas e dos Lilazes (carta), disponível no Arquivo Municipal de Lisboa - Arco do Cego, 1982.
- BARRETO, Francisco - *Contributo para a história da arquitectura paisagista em Portugal: Arquitecto paisagista António Facco Vianna Barreto*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2011. Trabalho não publicado.
- BELES, Ana; MARTINHO, Ana; MARTINHO, Carolina; FREITAS, Fernando; RODRIGUES, Jenifer – *Plano de Recuperação da Quinta das Conchas e dos Lilases*. Trabalho elaborado na unidade curricular de Recuperação e Gestão da Paisagem Cultural, no Mestrado em Arquitetura Paisagista, do Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Sónia Talhé Azambuja. Lisboa: [s.n.], 2015. Trabalho não publicado.
- CABRAL, Francisco C. – *Fundamentos da arquitetura paisagista*. Instituto da Conservação da Natureza, 2ª Edição, Lisboa, 2003. ISBN: 972-775-123-7.
- CAMELO, Rui – “*O Plano de Urbanização do Alto do Lumiar ou Alta de Lisboa: O atual estado do projeto*”. Lisboa, 2013.
- CANCELA, Jorge – *A Agricultura Urbana na operacionalização da Estrutura Ecológica Municipal – O Estudo de Caso do Parque Agrícola da Alta de Lisboa*. Dissertação para obtenção de grau de doutor em Urbanismo, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura. Lisboa: [s.n.], 2014. Trabalho não publicado.
- CANEIRA, Mafalda; AZAMBUJA, Sónia T. & LISBOA, A. – “*Methodologies and Strategies for Requalification of Municipality Urban Public Spaces: A Case Study in Oeiras, Portugal*”. Em Eclac Conference Ghent 2018: Landscapes of Conflit, Belgium, 2018, pp. 622 – 629. ISBN:9789491564130
- CARMONA, M.; HEATH, T.; OC T. & TIESDELL, S. – *Public Places Urban Spaces – The Dimensions of Urban Design*. Architectural Press, 2003. ISBN: 0-7506-36327
- CML – *Boletim Municipal da Câmara Municipal de Lisboa, 5º Suplemento ao Boletim Municipal*. Lisboa, Ano XXIV, nº1224, 2017.
- CML – *Lisboa*, Revista Municipal. Lisboa, nº18, Fevereiro de 2016.
- CML – *Operação de reabilitação urbana sistemática Campo Grande – Calvanas: Programa Estratégico de Reabilitação Urbana*, Lisboa, 2018.

CML – *Proposta de Alteração ao Plano de Urbanização do Alto do Lumiar (PUAL) - Relatório*. Lisboa, 2013.

CML – *Proposta de Alteração ao Plano de Urbanização do Alto do Lumiar (PUAL) – Relatório de Ponderação da participação na Discussão Pública*. Lisboa, 2013.

CORDEIRO, Graça; FIGUEIREDO, Tiago – “*Intersecções de um bairro online. Reflexões em torno do blogue Viver Lisboa*”. Lisboa: Janeiro, 2012, pp. 9 - 20.

CORREIA, José – *Ordenamento do território na cidade de Lisboa – O caso da Alta de Lisboa*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Engenharia Civil na área de especialização de Edificações, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2013. Trabalho não publicado.

COSCO, N.; MOORE, R., & ISLAM, M. – “*Behavior Mapping: A Method for Linking Preschool Physical Activity and Outdoor Design*”. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, Vol. 42, No. 3, 2010, pp. 513 - 519.

FERRÃO, João; HORTA, Ana – *Ambiente, Território e Sociedade – Novas Agendas de Investigação*. ICS – Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2015. ISBN 978-972-671-363-0

FERREIRA, Rosa Trindade - *Nova Monografia do Lumiar*. Junta de Freguesia do Lumiar. Lisboa, 2008.

FERREIRA, Rosa Trindade - *O Lumiar a História e a Arte; subsídios para o estudo do património artístico dos séculos XVI-XIX*, Vol. II e V. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Arte, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. Lisboa: [s.n.], 2003. Trabalho não publicado.

GEHL ARCHITECTS – “*Public spaces & Public life – Perth*” – Denmark, 2009.

GEHL ARCHITECTS – “*Towards a fine City for People, Public Spaces and Public Life- London*”. 2004.

GOLIČNIK, Barbara & THOMPSON, Catharine W. – “Emerging relationships between design and use of urban park spaces”. *OPENspace Research Centre, Edinburgh, Landscape and Urban Planning* 94, 2010, pp. 38 - 53.

IGEOE – *Fotografias aéreas: Folhas 431 e 417*, Lisboa.

JÁCOME, Mafalda - *A água e a sustentabilidade em espaços verdes – O Jardim Botânico de Coimbra*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2010. Trabalho não publicado.

K’CIDADE – *Alta de Lisboa – Percepção de Segurança*. Lisboa, 2010.

LYNCH, Kevin & HACK, Gary – *Site Planning*. The Massachusetts Institute of Technology, 1984. ISBN 0-262-12106-9

MARQUES, Marisa - *Determinação do valor económico do Parque Urbano da Quinta das Conchas e dos Lilases. Aplicação do método de avaliação contingente*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2011. Trabalho não publicado.

MARTINHO, Joana – *O método de inquéritos à população como abordagem ao design participativo em projeto de espaços verdes públicos*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2013. Trabalho não publicado.

- MARUŠIĆ, Barbara G. – “*Analysis of patterns of spatial occupancy in urban open space using behaviour maps and GIS*”. Urban Planning Institute of the Republic of Slovenia, Slovenia, Vol. 16, 2010, pp. 36 - 50. doi:10.1057/udi.2010.20
- MORAIS, Seomara – *Viver na Alta de Lisboa: O Impacto do Sentimento Psicológico de Comunidade e das Relações de Vizinhaça no Bem-Estar*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2010. Trabalho não publicado.
- MOUDON, Anne Vernez – *Public Streets for Public Use*. Columbia University Press , New York, s.d.)
- PAIS, Marta – *Avenida da Liberdade: Análise e recomendações para a valorização dos espaços públicos de Lisboa*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2011. Trabalho não publicado.
- RIBEIRO, Luís Paulo – *Quintas do Concelho de Lisboa – Inventário, Caracterização e Salvaguarda*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 1992. Trabalho não publicado.
- RODRIGUES, Sara – *Do domínio simbólico ao domínio das dinâmicas: Redes de Parceria Local da Alta de Lisboa (Programa K’CIDADE)*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Sociologia, Especialidade em Família, Educação e Políticas Sociais, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa: [s.n.], 2008. Trabalho não publicado.
- SÁ, Joana – *Espaços verdes em meio urbano: uma abordagem metodológica com base em serviços de ecossistema*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Urbanismo e Ordenamento do Território, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [s.n.], 2013. Trabalho não publicado.
- SGAL - *Alta de Lisboa: o presente e o futuro*. SGAL - Sociedade Gestora da Alta de Lisboa, Lisboa, 2005.
- SILVANO, Filomena – *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010. ISBN: 978-972-37-1534-7
- SUGIYAMA, Takemi & THOMPSON, Catharine W.– “*Outdoor environments, activity and the well-being of older people: conceptualising environmental support*”. OPENspace Research Centre, Edinburgh, Environment and Planning A, Vol. 39, 2007, pp. 1943 - 1960. doi:10.1068/a38226
- TATE, Alan - *Great city parks* - 2nd edition, 2015. ISBN: 978-0-415-53802-2
- TELLES, Gonçalo Ribeiro – *Plano Verde de Lisboa: Componente do Plano Director Municipal de Lisboa*. Colibri Artes Gráficas, Lisboa, 1997. ISBN: 972-8288-74-3
- THOMPSON, Catharine W. – “*Activity, exercise and the planning and design of outdoor spaces*”. Em: Journal of Environmental Psychology 34, pp. 79 - 96, 2013.
- THOMPSON, Catharine W. – “*Urban open space in the 21st century*”. Em: Landscape and Urban Planning 60, 2002, pp. 59 - 72.
- THOMPSON, C.W.; ASPINALL, P. & BELL, S. - *Innovative Approaches to Researching Landscape and Health, Open Space: People Space 2*. Taylor & Francis e-Library, 2010. ISBN 0-203-85325-3

THOMPSON, Catharine W. et al. (2008) – “*The Childhood Factor - Adult Visits to Green Places and the Significance of Childhood Experience*”. Em: Environment and Behavior, Vol. 40, Number 1, Jan. 2008, pp. 111 - 143. Disponível em: <http://online.sagepub.com>

THOMPSON, Catharine W. & TRAVLOU, Penny – “*Open Space: People Space*”. Oxon: Taylor & Francis, 2007.

THWAITES, Kevin – “*Experiential Landscape Place: An exploration of space and experience in neighbourhood landscape architecture*”. Landscape Research, 26:3, 2001, pp. 245 - 255.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01426390120068927>

TRAVASSOS, D. et al. – *Guia dos Parques, Jardins e Geomonumentos de Lisboa*. Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-98489-1-9

VASCONCELOS, Teresa; CUNHA, Ana Raquel; FORTE, Paulo; SOARES, Ana Luísa - *Levantamento Arbóreo dos Jardins e Parques Históricos de Lisboa*. Lisboa: ISAPress, 2017. ISBN: 978-972-8669-69-0

RECURSOS DE INTERNET

ANTUNES, João Carlos (2011) Um palacete em ruína na Quinta das Conchas no Lumiar - [Consultado em Março de 2015] Disponível em <https://ambcvlumiar.wordpress.com/2011/03/01/um-palacete-em-ruina-na-quinta-das-conchas-no-lumiar/>

BLX – Bibliotecas Municipais de Lisboa (s.d.) - [Consultado em Julho de 2017]. Disponível em <http://blx.cm-lisboa.pt>

Centro Social da Musgueira, Gebalis EEM (2011) – [Consultado em Março de 2018]. Disponível em <http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1327062406Z1xPE0np7Db61LF6.pdf>

CineConchas – Cinema ao ar livre (s.d.) - [Consultado em Maio de 2017]. Disponível em <https://www.cineconchas.pt/>

CML – Câmara Municipal de Lisboa (2018) – [Consultado em Janeiro de 2017]. Disponível em <http://www.cm-lisboa.pt>

Junta de Freguesia de Santa Clara (s.d.) – [Consultado em Março de 2017]

Disponível em <https://www.jf-santaclara.pt>

Portal da Habitação (2016) – [Consultado em Março de 2017]. Disponível em https://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/programas_de_financiamento/per.html

PPS – Project for Public Spaces – Placemaking: What if we built our cities around places? – [Consultado em Junho de 2017]. Disponível em <https://www.pps.org/article/what-is-placemaking>

SGAL – Sociedade Gestora da Alta de Lisboa (2018) – [Consultado em Janeiro de 2017]. Disponível em <http://sgal.altadelisboa.com/>

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Monumentos.gov.pt [em linha] Lisboa, 2001-2016 – [Consultado a Setembro de 2017] Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=23905

Rio Plano – Arquitectura Paisagista, Lda. – Planning landscapes for a better world (2017) – [Consultado em Maio de 2018]. Disponível em <http://www.rioplano.pt/>

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário realizado aos visitantes dos parques



QUESTIONÁRIO AOS VISITANTES DA QUINTA DAS CONCHAS E DOS LILASES E PARQUE DO VALE GRANDE, LISBOA

No âmbito de uma dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, foi elaborado o presente questionário que será aplicado aos visitantes da Quinta das Conchas e dos Lilases, assim como aos do Parque do Vale Grande. Os resultados têm o objetivo de estudar e avaliar os usos e as vivências dos visitantes dos referidos parques. Toda a informação é confidencial e será apenas utilizada para fins académicos.

Quinta/Parque

- ☐ Quinta das Conchas e dos Lilases, Lisboa
- ☐ Parque do Vale Grande, Lisboa

Identificação

- ☐ Masculino ☐ Feminino

Idade _____

Freguesia de residência _____

1. Considera este parque agradável?

- ☐ Sim
- ☐ Não

2. Com que frequência visita este parque?

- ☐ Primeira vez ☐ 2 a 3 vezes por semana ☐ 2 a 3 vezes por mês
- ☐ Todos os dias ☐ Aos fins de semana ☐ Ocasionalmente

3. Qual a época do ano em que frequenta mais este parque?

- ☐ Primavera ☐ Verão ☐ Outono ☐ Inverno ☐ Todo o ano

4. Qual o período do dia em que costuma frequentar este parque?

- ☐ Manhã ☐ Hora de almoço ☐ Tarde ☐ Noite

5. Quanto tempo costuma permanecer no parque?

☐ < 1 hora ☐ 1 a 2 horas ☐ 2 a 4 horas ☐ > 4 horas

6. Como se costuma deslocar até este parque?

☐ A pé ☐ Carro ☐ Metro
☐ Bicicleta ☐ Autocarro ☐ Outro. Qual? _____

7. Qual a principal atividade que costuma realizar durante a sua estadia no parque?

(apenas uma opção)

<input type="checkbox"/> Passear/Andar	<input type="checkbox"/> Jogar/Brincar	<input type="checkbox"/> Piqueniques
<input type="checkbox"/> Passear com criança (s)	<input type="checkbox"/> Andar de bicicleta	<input type="checkbox"/> Parque infantil
<input type="checkbox"/> Passear animal de estimação	<input type="checkbox"/> Sentar/Deitar/Relaxar	<input type="checkbox"/> Esplanada
<input type="checkbox"/> Exercício físico	<input type="checkbox"/> Convívio	<input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____

8. Que outras atividades costuma realizar neste parque?

<input type="checkbox"/> Passear/Andar	<input type="checkbox"/> Jogar/Brincar	<input type="checkbox"/> Piqueniques
<input type="checkbox"/> Passear com criança (s)	<input type="checkbox"/> Andar de bicicleta	<input type="checkbox"/> Parque infantil
<input type="checkbox"/> Passear animal de estimação	<input type="checkbox"/> Sentar/Deitar/Relaxar	<input type="checkbox"/> Esplanada
<input type="checkbox"/> Exercício físico	<input type="checkbox"/> Convívio	<input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____

9. Já participou em algum evento neste parque?

☐ Sim. Qual/Quais? _____
☐ Não

10. Gostaria de houvesse mais eventos?

☐ Sim
☐ Não

11. Que tipo de eventos gostaria de ver realizados neste parque?

<input type="checkbox"/> Atividades desportivas	<input type="checkbox"/> Espetáculos	<input type="checkbox"/> Cinema ao ar livre
<input type="checkbox"/> Workshops	<input type="checkbox"/> Exposições	<input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____
<input type="checkbox"/> Palestras	<input type="checkbox"/> Mercados	

12. Tendo em consideração as suas vivências neste parque, classifique as seguintes opções:

	Muito mau (1)	Mau (2)	Suficiente (3)	Bom (4)	Muito Bom (5)	Não se aplica
Bancos						
Papeleiras						
Bebedouros						
Iluminação						
Vegetação						
Limpeza						
Segurança						
Ruído						
Manutenção do parque						
Qualidade do parque						
Instalações sanitárias						
Equipamentos desportivos						
Pavimentos						
Cafetaria e esplanada						
Parque infantil						

13. Qual a sua árvore favorita deste parque?

14. Que palavra(s) é que associa a este parque?

15. Recomendaria este parque a outras pessoas?

☐ Sim

☐ Não

Obrigada pela sua disponibilidade.

Anexo 2 - Projeto de remodelação da Quinta das Conchas e dos Lilases, da autoria de António Vianna Barreto (Fonte: Barreto, 2011, p. 16)



Anexo 3 - Memória descritiva do projeto de remodelação das Quintas das Conchas e dos Lilases.
António Vianna Barreto, 1980 (Fonte: Arquivo do Forte de Sacavém)

Memória descritiva do projeto de remodelação das Quintas das Conchas e dos Lilases (1980)

[Pg.1]

1) O projecto que agora se apresenta compreende 2 volumes, sendo 1 relativo ao plano geral de reestruturação do parque e o outro correspondente a infraestruturas e edifícios constantes desse plano.

O primeiro volume abrange sobretudo aspectos relacionados com o partido geral da composição, distribuição de equipamentos, espaços verde, rede de rega e plantações. O segundo contém o que respeita à modelação do terreno, pavimentos, águas, esgotos e diversas obras complementares tais como o restauro e ampliação de muros e construções existentes, execução de piscina, lago, bancadas, etc., bem como o que se relaciona com os edifícios programados.

2) Deixa-se para fase posterior o que se refere à construção da Casa da Música – embora a consideremos elemento principal à concepção – dado que será necessário tomar-se uma decisão acerca da oportunidade da sua inclusão no plano de obra.

3) Adiante se refere o que se respeita a necessidade de prospecção de caudais existentes no local e da vantagem na sua utilização para a rega do novo parque.

4) Parece-nos igualmente importante estabelecer-se um faseamento da execução desta obra cuja dimensão é já de uma escala pouco comum entre os empreendimentos do género na cidade.

[Pg.2]

5) Junta-se ao projecto, conforme nos foi solicitado, embora isso não conste da tarefa, um esquema de integração da área hoje ocupada pela EPUL, no arranjo do parque. Aí se aponta a hipótese da futura instalação da sede da junta de freguesia do Lumiar.

6) Por indicação recebida mantém-se o picadeiro existente.

7) Tendo o Anteprojecto do arranjo proposto merecido aprovação dos serviços da C.M.L., permanecem válidas as considerações feitas na parte escrita do estudo então apresentado.

Entretanto, relembra-se que a solução que se propõe se baseou nos estudos realizados para o local pela EPUL e pelos serviços especializados da própria Câmara (D.A.J.) sendo pois elementos fundamentais da estruturação do novo parque – 27,7 Hectares de espaço verde – os traçados projectados para as vias envolventes, as linhas dominantes das análises paisagísticas realizadas, bem como as considerações que tais trabalhos então mereceram, com relevo especial para o interesse da valorização da mata e a recuperação das construções existentes de maior valor.

8) De então para cá surgiram todavia algumas importantes alterações ao esquema interno anteriormente delineado como sejam:

8.1. Desvio da área central da Grande Clareira relvada, envolvida pela linha de água principal que para aí escoava vinda da mata. Isso implica a eliminação do actual percurso principal Nascente-Poente, com abate de certo número de árvores que se encontram em muito mau estado sanitário e cujo pleno desenvolvimento está definitivamente comprometido em resultado de um compasso excessivamente

apertado. O benefício que resulta desta solução – que entregue à plena utilização numa área de cerca de 1,5 hectares – parece-nos evidente.

8.2. Substituição do local previsto na Quinta dos Lilazes como jardim de flores por uma Zona Infantil de 5000m² de área a equipar devidamente para uso predominante de crianças em idade pré-escolar, localizando-se o domínio dos arbustos de flor, em especial lilazeiros, na periferia envolvente do novo espaço.

Prevendo-se a reconstituição do muro de separação entre as duas Quintas, a área assim demarcada apresenta condições de sossego que aconselham tal implantação. Este muro será aberto para efeito de estabelecimento de uma passagem de acesso ao Centro de Convívio. Próximo da zona infantil, abrir-se-ão também três janelas semelhantes às abertas noutros locais, (como seja junto das esplanadas e da área de estacionamento principal) gradeadas e providas de bancos laterais, como é da tradição lisboeta. O recinto será, pavimentado em betuminoso de côr e envolvido por um murete-banco no interior do qual se localiza uma área, livre, relvada, destinada ao uso das crianças. Os equipamentos de recreio e brinquedos serão distribuídos fora desta área ou, atingindo apenas a sua periferia.

8.3. Aumento e nova forma da área destinada ao Estacionamento de Veículos anexo à Alameda das Linhas de Torres, deixando-se menos rígida a forma de estacionamento sob a sombra dos actuais eucaliptos.

8.4. Novo zoneamento e forma das áreas destinadas a jogos, pavimentadas em betuminoso verde, procurando-se estabelecer, num conjunto, os poli-desportivos de dimensões normais, os mini poli-desportivos e uma piscina, separando da pista de skate através de uma zona jardinada.

Todos estes recintos se implantam ligeiramente abaixo das quotas dos caminhos circundantes – adaptando-se aos taludes assim formados, elementos de betão em bancada não contínua e plantando os espaços restantes. Admite-se a possibilidade da construção de balneários sob as bancadas.

À pista de skate foi dada outra forma e estudado o relevo de modo a proporcionar também uma área de aprendizagem.

8.5. Criação de um pequeno Tanque Hexagonal, com repuxo, como final da alameda das Palmeiras existentes, ligando-se a uma praca de distribuição da rede principal de caminhos que percorre o parque. Na sua proximidade se localiza a Casa da Conservação e arrecadação do material.

8.6. Construção, no interior da mata, de uma pista de ciclismo sem motor para crianças, com possibilidade de se lhe adaptar uma escola de trânsito.

8.7. Do contacto que havia com os projectistas da urbanização da Unidade 3 L do Lumiar, resultou a alteração que agora se propõe da entrada sul e do estacionamento correspondente que assim se integra nesse conjunto.

[Pg. 5]

8.8. A construção próxima existente foi transformada em Casa de Repouso e Convívio para a Terceira Idade, conforme estudo arquitectónico anexo. O facto de esta construção se situar no interior de um ambiente calmo, na proximidade de uma entrada e dispor de um pequeno tanque facilmente integrável num terraço interior ajardinado, justifica, a nosso ver, esta nova utilização.

8.9. Alteração substancial da construção principal, Centro de Convívio, dispondo de restaurante e outros equipamentos que se pormenorizam no projecto de arquitectura. Constitui agora o verdadeiro

centro de encontro da actividade do parque, localizando-se em seu redor a futura entrada e estacionamento principais, as esplanadas sobre o lago, e os acessos que irradiam para o interior do recinto.

9) Embora se houvesse recorrido à fotografia aérea e a inquérito local directo com vista à demarcação correcta de implantação do arvoredo existente em toda a área das duas Quintas – constatando-se alguns abates que entretanto se fizeram – não é possível garantir a cartografia rigorosa do arvoredo existente, o que impede, por seu lado, o rigor do pormenor necessário à implantação de alguns elementos da composição. É pois indispensável realizar o levantamento pormenorizado da vegetação existente nas zonas onde se projectam as principais alterações ou se prevêem os mais importantes equipamentos.

Deste modo é de ter em atenção que o delineamento das superfícies das copas do arvoredo, e consequentemente a sua implantação no terreno, não corresponde exactamente à realidade. Daí pois que os planos de plantação apresentados indiquem as manchas das diferentes espécies utilizadas no maciço mas não o local preciso do exemplar a plantar, o que só se poderá fazer após o levantamento referido e à medida do avanço dos trabalhos. O mesmo se passa em relação aos pormenores de construção.

[Pg.6]

10) À excepção das áreas destinadas à circulação e estacionamento automóvel que se situam na periferia do Parque toda a circulação interior se destina a peões, sendo a pavimentação em saibro, vidro ou lajedo conforme se indica na respectiva planta. O anel principal será no entanto preparado de forma a permitir a eventual circulação dos serviços de manutenção e de emergência, conforme se refere no volume relativo às infraestruturas.

11) Os numerosos tanques, poços e minas, bem como as valas e o lago existentes, permitem concluir da existência no local de um nível freático superficial e caudais inferiores abundantes, de resto como a própria natureza geológica do terreno faz prever. A água a utilizar deverá pois ser a que existe na área do parque. Haverá que prospectar os caudais e a sua profundidade e bem assim recuperar toda a infraestrutura provavelmente existente, de forma a não se ter de recorrer a fontes exteriores, bem mais dispendiosas.

12) À parte os locais destinados às merendas, toda a superfície da mata será provida de bocas de incêndio convenientemente distanciadas permitindo um eventual aproveitamento para efeito de rega, se necessário.

[Pg.7]

13) O sistema de rega será semi-fixo em quase toda a área baixa do parque, dispondo-se de tubagem fixa e aspersores móveis, de baioneta, encastrados no terreno admitindo a possibilidade de rega automática por controlo remoto. Nas áreas destinadas à plantação arbustiva densa, o sistema terá de ser totalmente fixo com aspersores de rega alta. A dotação diária será da ordem dos 700m³, não considerando a rega habitual da mata, por desnecessária. Prevê-se que dois homens/dia possam ocupar-se desta tarefa.

14) Assenta-se no topo NE da mata a localização do Parque de Merendas, o qual comporta 45 mesas e bancos para 450 pessoas, agrupadas em 9 unidades e implantadas em pavimento de vidro.

Cada grupo dispõe de uma forneira e o conjunto de um sector restricto junto à Casa de Guarda – convenientemente equipada para o efeito – onde é possível fazer lume.

No segundo volume, na parte correspondente à arquitectura, descreve-se o equipamento referido.

O recinto será todo limitado por um murete e dispõe de uma área destinada a pista de dança e outra o palco. Noutro local da mata com vista para a clareira, colocam-se ainda mais 10 mesas semelhantes para merendas ligeiras e sem equipamento espacial.

15) Na área da mata encontra-se ainda um Percurso de Manutenção onde assinalam os locais de instalação dos aparelhos conforme os modelos recomendados pela Direcção Geral dos Desportos. Será pavimentado apenas com detritos de tijolo, de forma a assinalar o percurso e os obstáculos a transpor, sendo o conjunto independente da estrutura pedonal do parque.

[Pg.8]

16) Implanta-se também como no interior da mata, como se disse, um circuito de ciclismo infantil, sem motor, pavimentado em betuminoso, no qual é possível estabelecer, uma escola de trânsito para educação infantil consoante programa a definir.

17) O volumoso tanque rectangular existente junto ao acesso da área de jogos na sua ligação à mata será reconstruído e utilizado como Aquário, abrindo-se-lhe algumas “janelas” envidraçadas em locais apropriados segundo pormenor a estudar.

Viana Barreto

5.8.80

Anexo 4 - Transcrição de uma carta de Viana Barreto à CML, 1982. (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Arco do Cego)

António Viana Barreto

Lisboa, 30 de Setembro de 1982

Assunto: Remodelação das Quintas das Conchas e dos Lilazes

É com muita mágoa que levo ao conhecimento de V. Exa. que, apesar de todas as nossas intervenções anteriores, se encontram praticamente concluídas as obras de construção do novo muro que a sul vai limitar a Quinta das Conchas, obras estas que foram realizadas em total desrespeito do que havia sido combinado em reunião, realizada para o efeito e conforme determinação de V. Exa.

Como oportunamente referi, a obra em questão retira a área da Quinta uma faixa de 6.000 m² (30m de largura por 200m de comprimento) para implantação de 13m de faixa de arruamento para acesso e estacionamento exclusivo das construções em curso.

Foi destruído o poço existente que, de acordo com o projecto aprovado, deveria vir a integrar-se na rede geral de adução de água para rega. Eliminou-se o tanque e a nora cujo conjunto, o projecto propunha recuperar e valorizar como elemento de interesse num ponto importante de confluência de caminhos.

O corte dado ao terreno afectou sensivelmente a relação das proporções entre a grande zona relvada, o lago e a vegetação marginal de enquadramento. Esta situação mais se agravará com a presença dos futuros edifícios que impedirão a transparência hoje verificada, já que o arvoredo que deveria manter-se na periferia do parque foi eliminado.

Por outro lado, já foi destruída parte do sistema de rega e de drenagem, instalado conforme o projecto aprovado.

Encontro-me assim impedido de levar por diante o acompanhamento das obras de acordo com o projecto aprovado por V. Exa. e sem saber como se vão desenvolver as fases seguintes, já que existem projectos sectoriais de infraestruturas, de construção de plantação que têm a ver com o desenrolar do processo e com as decisões que sobre o assunto superiormente vieram a ser tomadas.

Com os melhores cumprimentos, aguardando decisão superior.

Anexo 5 - Poster desenvolvido para o Prémio Vibeiras / Jornal Arquitecturas Jovem Arquitecto Paisagista - 12ª edição, no âmbito da unidade curricular de Recuperação e Gestão da Paisagem Cultural, com a orientação da Professora Doutora Sónia Talhé Azambuja, tendo sido um dos dez finalistas (Autores: BELES, Ana; MARTINHO, Ana; MARTINHO, Carolina; FREITAS, Fernando; RODRIGUES, Jenifer, 2015)



Anexo 6 - Plantas topográficas de Lisboa 9S; 9T; 9U; 10S; 10T; 10U. Pinto, Júlio António Vieira da Silva. 1906-1911. Escala original 1:1000 (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa)

